

unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

CÉSAR FELIPE RODRIGUES

**LAMPIÃO DA ESQUINA: disputas e (re)construções das
masculinidades e identidades homossexuais do fim da
década de 1970**



ARARAQUARA – S.P.
2020

CÉSAR FELIPE RODRIGUES

LAMPIÃO DA ESQUINA: disputas e (re)construções das masculinidades e identidades homossexuais do fim da década de 1970

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, câmpus de Araraquara, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual para obtenção do título de Mestre

Linha de pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade

Orientador: Lourdes Conde Feitosa

ARARAQUARA – S.P.
2020

R696l

Rodrigues, César Felipe

Lampião da Esquina : Disputas e (Re)Construções das Masculinidades e Identidades Homossexuais do Fim da Década de 1970 / César Felipe Rodrigues. -- Araraquara, 2020
102 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Lourdes Conde Feitosa

1. Masculinidades. 2. Gênero. 3. Sexualidade. 4. Homossexualidade. 5. Lampião da Esquina. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CÉSAR FELIPE RODRIGUES

LAMPIÃO DA ESQUINA: disputas e (re)construções das masculinidades e identidades homossexuais do fim da década de 1970

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, câmpus de Araraquara, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual para obtenção do título de Mestre

Linha de pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade

Orientador: Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa

Data da defesa: 27/03/2020

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa
Universidade Sagrado Coração.

Membro Titular: Profa. Dra. Larissa Maués Pelúcio Silva
UNESP.

Membro Titular: Profa. Dra. Lílian Henrique de Avezedo
UNIP.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

DEDICATÓRIA

A minha mãe Yuki Kubo, aos meus irmãos Rafael Kubo Rodrigues e Sérgio Augusto Kubo Rodrigues, que mesmo estando longe, nunca deixei de amar, além de sempre me darem forças e inspiração para permanecer em minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

À professora Dr.^a Lourdes Conde Feitosa, por aceitar embarcar comigo nesta jornada, bem como pela confiança, carinho e generosidade em relação a mim.

Ao professor Dr. Florêncio Jr., à professora Dr.^a Lilian Hazevedo e ao professor Dr. Reinaldo Correr, pelas valorosas contribuições para esta pesquisa.

Às amigas e companheiras Talita Freitas, Nassim Gsham, Samantha e Natália Silva, que me ajudaram de diversas formas nessa trajetória, ouvindo-me, proporcionando-me caronas e moradia. Sem vocês a jornada seria muito mais difícil.

À minha família, em especial à minha mãe Yuki, aos meus irmãos Rafa e Guto, que muito amo e mesmo com os percalços da vida, como a distância, nunca deixaram de ser a inspiração que me move e me mantém firme. À minha cunhada Rie, meus sobrinhos Sara, Kaue e Ena, que mesmo sem terem consciência, já fazem parte da porção daquelas pessoas que gostaria de sempre ter comigo. À minha avó Daise, que sempre foi exemplo de força e coragem perante a vida. À minha tia Simone, que sempre me acolheu nos momentos de desalento. Aos primos e primas, pela recepção alegre e descontraída que me proporcionam em todos nossos encontros. À todos eles, pelo amor e carinho que me deram forças para terminar esta importante etapa da minha vida. Sem eles não conseguiria nada.

Aos queridos amigos e amigas, em especial o Ueslei Yoshi, Mônica Motta, Cássia Alves Nascimento, Juliano Rabello, Simone Sheroglu, Murilo Reis, Danila Rodrigues, Lizandra Larissa e Ana Paula.

Ao professor Dr. Hamilton Vieira, que contribuiu de forma excepcional para minha formação, além de me oferecer sua amizade.

Aos colegas do Programa e à todos que, de alguma forma, contribuíram para que a jornada fosse menos dura. Meu muito obrigado a todos.

“Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo. E examinai, sobretudo, o que parece habitual. Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar.”

Bertolt Brecht (1982)

RESUMO

Nesta pesquisa, analisamos as representações das masculinidades veiculadas e criticadas pelo jornal *Lampião da Esquina*, que circulou no país de 1978 a 1981, um período marcado pela abertura política. Foi o primeiro periódico a tratar desse tema e ter alcance nacional, além de abordar diversas questões políticas, buscando (re)construir a identidade do homossexual no Brasil. Através das óticas dos estudos de gênero, sexualidade e teóricos *queer*, examinamos os discursos nele veiculados. Desses discursos, selecionamos aqueles ligados às cisões dentro do movimento, relacionados com pautas específicas ou posicionamentos partidários, surgimentos de grupos em outros espaços fora dos eixos urbanos RIO\SP, tensão entre o movimento e o jornal. Assim, discursos médicos, jurídicos, midiáticos, publicitários em relação ao termo *bicha* e os embates em torno dele são algumas das discussões veiculadas no *Lampião* e que nos serviram para compreender as (re)construções das masculinidades no período, assim como a identidade homossexual e os estereótipos que reproduziram e desconstruíram essas masculinidades.

Lampião, ao se inserir no debate sobre a sexualidade, a masculinidade e a homossexualidade, contribuiu para a formação e divulgação de ideias menos preconceituosas, bem como influenciou diversos grupos: professores, estudantes, trabalhadores, militantes, políticos, médicos, juristas, jornalistas... a pensarem sobre a sexualidade de forma menos rígida, contribuindo para transformações culturais e para a (re)educação sexual do período.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Homossexualidade. Masculinidade. *Lampião da Esquina*. Sexualidade.

ABSTRACT

In this work, we seek to analyze the representations of masculinities conveyed and criticized by *Lampião da Esquina*. Newspaper that circulated in the country from 1978 to 1981, period of political opening. This was the first homosexual newspaper to have national reach, besides addressing several political issues, seeking to (re) build the identity of the homosexual in Brazil. Through the optics of studies of gender, sexuality and queer theorists we intend to examine the discourses conveyed in the journal. The discussions that we work in *Lampião*, are linked to splits within the movement, related to: specific agendas or party positions, emergence of groups in other spaces outside the urban axes RIO \ SP, tension between movement and the newspaper.

Medical speeches, jurists, media, advertisements in relation to the term queer and the clashes around him are some of the discussions conveyed in *Lampião* that will serve us to understand the (re) constructions of masculinities in the period, as well as homosexual identity, stereotypes, reproduced and deconstructed these masculinities. *Lampião*, by inserting himself in the debate about sexuality, masculinity and homosexuality, contributes to the formation and dissemination of less prejudiced ideas. Influence diverse groups: teachers, students, workers, activists, politicians, doctors, lawyers, journalists thinking about sexuality in less rigid ways, thus contributes to cultural transformations and to the sexual (re)education of the period.

KEYWORD: Genre. Homosexual. Masculinity. Lampião da Esquina. Sexuality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO - 1	
1.1 – Gênero, masculinidades e sexualidade.....	14
1.2 – Metodologia.....	21
1.3 – O contexto do surgimento de <i>Lampião da Esquina</i>	22
CAPÍTULO - 2	
2.1 – As (re)construções das masculinidades retratadas em <i>Lampião</i>	31
2.2 – Propagandas e o estereótipo dos homossexuais.....	45
2.3 – Discursos: médicos, jurídicos, midiáticos e religiosos.....	57
CAPÍTULO – 3	
3.1 – Bicha, do insulto às desconstruções das masculinidades.....	68
3.2 – Teóricos(as) <i>queer</i> e os lampiônicos.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
Bibliografia.....	96
Documentos.....	100
Imagens.....	101

INTRODUÇÃO

“Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria
 Que o mundo masculino tudo me daria
 Do que eu quisesse ter
 Que nada, minha porção mulher que até então se resguardara
 É a porção melhor que trago em mim agora
 É o que me faz viver”
 Gilberto Gil

Em 1979, período de reabertura política, Gilberto Gil¹ lançava a música “*Super-homem*”, a qual tem como cerne o questionamento de uma hegemonia² e superioridade masculina. Esse questionamento – que é tratado no presente estudo – representa uma mudança de paradigma do conceito das masculinidades que emergiam no momento. Diversos setores sociais, movimentos artísticos e intelectuais questionavam esse conceito de masculinidade, tendo como carro chefe o movimento feminista (FEITOSA, 2008; GREEN, 2000; MONTEIRO, 2000).

Um ano antes do lançamento da música de Gil, surge no país um jornal que rompe com as narrativas, até então postas e aceitas, sobre a homossexualidade. Esse jornal, *Lampião da Esquina*, traz diversos questionamentos sobre a condição, formas de se portar, tendências políticas, questões de classe, que perpassam os homossexuais dessa época e que irão contribuir para a (re)construção das masculinidades do período. Assim, o intuito desta pesquisa é analisar quais representações do masculino são veiculadas no Jornal. O que poderia um jornal escrito por homossexuais e para homossexuais fazer pela a construção ou desconstrução das masculinidades no final da década de 1970? A construção de uma identidade homossexual poderia reproduzir desigualdades de gênero ou não? Haveria apenas uma narrativa dentro do movimento homossexual que discutia sobre a identidade homossexual? Se não, quais seriam essas outras narrativas? Por quais estratégias *Lampião*

¹ Considerado um dos maiores nomes da Música Popular Brasileira, nascido em 1942, baiano, compositor, cantor, instrumentalista, compôs o movimento musical tropicalista, junto com outros grandes nomes da MPB (Os Mutantes, Caetano Veloso, Maria Betanea e Gal Costa). Devido a sua participação no movimento, considerado subversivo pela Ditadura Militar foi exilado e ficou em Londres de 1969 até 1972.

Na vida política, foi vereador pela Câmara Municipal de Salvador nos anos 1989 – 1992 e em 2003 foi nomeado a Ministro da Cultura, permanecendo no cargo até 2008.

Para mais informações sobre sua trajetória e vida acessar o site: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=281&Itemid=1> Existe também um livro que foi publicado em 2013, escrito por ele junto com Regina Zappa, sua biografia: Gilberto Bem de Perto. Pela editora Nova Fronteira em Belo Horizonte/MG.

² Trabalharemos o conceito no segundo capítulo fazendo uso do trabalho de Connell (2013). Importante ressaltar aqui que faremos uso das notas de rodapé para conceituação de alguns termos. Optamos por esse formato para não causar quebras e interrupções no texto, mas as conceituações necessárias serão feitas, se não no texto nas notas.

teria contribuído para as formulações discursivas dessas identidades? Teria *ele* um papel nas construções e desconstruções da identidade homossexual e conseqüentemente da masculinidade hegemônica?

As discussões que analisamos veiculadas em *Lampião* estão ligadas às cisões dentro do movimento, relacionadas com as pautas específicas ou posicionamentos partidários, surgimentos de grupos em outros espaços fora dos eixos urbanos RIO\SP, tensão entre o movimento e o jornal. Outro ponto importante são as discussões que hoje fazem parte do que compõem os movimentos “*queer*”, como: minorias, resistência aos assimilacionismos³, heteronormatividade⁴ compulsória, busca por uma identidade homossexual⁵ brasileira em relação a movimentos de outros países, como dos E.U.A, resistência ao capitalismo, discussões sobre transexualidade e travesti, e as múltiplas especificidades que atravessavam o grupo.

Analisamos aqui os discursos do jornal: as propagandas, a forma como eram veiculadas, as representações das masculinidades, ou sobre qual comportamento um homem deveria ter, os discursos dos exilados que estavam voltando ao Brasil, embates em torno da palavra *bicha*, a relação entre o movimento “*gay*” com os movimentos de esquerda, sindicais e estudantis e as críticas e desconstruções em relação aos discursos médico, religioso, midiático e jurídico.

Como esses questionamentos sobre a masculinidade, sexualidade, comportamento, ideologias levantadas pelo movimento homossexual são veiculados em *Lampião* e nos dão

³ “O assimilacionismo consiste na primacia, no predomínio e imposição de uma cultura sobre outras. Isso pode acontecer no interior de uma comunidade política particular e também em âmbito internacional. Passando pelo colonialismo, neocolonialismo e por último na globalização. O assimilacionismo pode ter diversas causas: uma por se considerar que uma cultura é superior a outra ou por entender que a unidade/ uniformidade cultural é importante para a paz e ordem social. Também pode ser produzido, ao menos em parte e de forma não deliberada, como uma mera consequência do funcionamento de uma economia atual na forma de um mercado global. O assimilacionismo pode ocorrer pela via do autoritarismo e coativa. Os poderes autoritários pretendem unificar culturalmente a sociedade em nome da razão, nação, raça e religião. Mas também existem outros modos mais suaves e sutis de hegemonização cultural como a levada a cabo em nome do progresso das luzes e da racionalidade da lei (FERNÁNDEZ, 2003, p. 410 e 411).” Nossa tradução.

Nesse sentido, pensamos no assimilacionismo como uma forma encontrada pelos movimentos homossexuais (nem todos, como veremos aqui) da década de 1970 (e posteriores) encontraram para serem inseridos e aceitos na sociedade heteronormativa, buscando o status de sujeito pela via do consumo e da luta por direitos iguais como o casamento ao invés da luta e da crítica do sistema heteronormativo.

⁴ Aqui, entendemos a heteronormatividade compulsória como única forma de expressão sexual/afetiva vista como “normal”, “aceitável” e “possível” de ser experimentada em nossa sociedade. Tudo que foge a ela é tido como algo anormal e por isso deve ser evitado, combatido de qualquer forma (PASSOS e SILVA, 2012).

⁵ Conceituamos identidade aqui segundo o autor Silva. “Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. Dizer que são o resultado de atos de criação significa dizer que não são “elementos” da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um

indícios dos processos e transformações sociais do período relacionados a esses temas? Encontramos em *Lampião* questionamentos que podem nos dar pistas de uma teoria/movimento específicos da nossa história LGBTQI+⁶ brasileira. Auxiliados pela História e suas novas formas de escrita, sujeitos e documentos, cumprimos com o desafio aqui proposto.

Além dessas questões, observamos a influência de *Lampião* nas discussões dos movimentos e a recepção que teve por parte desse movimento, hora positiva e hora ambígua⁷. Seu constante diálogo e a crítica a diversos grupos sociais contida em suas matérias, demonstram uma transformação, uma (re)construção nas masculinidades, na identidade homossexual e também uma (re)educação sobre concepções preconceituosas a respeito da sexualidade que estavam ocorrendo na sociedade naquele período. Como podemos ver no excerto abaixo, o período para esses questionamentos e a emersão desse novo grupo (movimento homossexual) era propício.

De repente começaram a surgir em São Paulo vários grupos de homossexuais discutindo seus problemas, encontrando-se para estudar ou se divertir e conquistando seu espaço. Só na aparência trata-se de algo inesperado; na verdade, essa eclosão indica que as condições estavam maduras para a manifestação de desejos, sentimentos e intenções antigos. Com isso, mais um grupo social marginalizado e espezinhado inicia uma participação mais integral na vida brasileira, busca sua identificação enquanto grupo (a partir de individualidades

mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (SILVA, 2000, p. 76)”.

⁶ A sigla LGBTQI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros e Travestis, Queers, Intersexuais e +) está de acordo com o Manual de Comunicação LGBTI+, que busca orientar o uso de terminologias mais atualizadas desses grupos. Adicionamos o “Q” porque entendemos que aqui além desse termo ser utilizado para designar uma teoria/movimento, ele também representa sujeitos que não se encaixam nas representações de gays e lésbicas que assimilaram/normatizaram/enquadraram nas normas heteronormativas. Como é o caso de alguns indivíduos e ideias apresentados. Manual de Comunicação LGBTI+: Acessado dia 20/03/2020 no site << <https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>>>

Esse termo foi se transformando no decorrer da história conforme mais grupos se organizavam e questionavam a hegemonia da representação só pelos homossexuais masculinos, essas transformações representam no fundo disputas e transformações no movimento. A sigla já foi MHB (Movimento Homossexual Brasileiro nas décadas de 1970 e 1980), GLS (Gay, Lésbicas e Simpatizantes na década de 1990 e anos 2000), LGBT (anos 2010) e hoje na academia se optou pelo uso de LGBTQI+ (GOMES; ZANEIDE, 2019), logo faremos uso dessas siglas quando nos referirmos sobre o movimento na atualidade.

⁷ Podemos ver isso no trecho de uma matéria de *Lampião*, quando é narrado que o grupo Somos/RJ lê uma carta contendo críticas ao jornal, o que deixou outros grupos perplexos, o que demonstra que embora houvesse alguns grupos que consumiam e concordavam com o conteúdo de *Lampião*, havia outros que achavam que esse estava tentando cooptar o movimento. (LAMPIÃO, 1981, n° 32, p. 15).

que o compõem) e vive um gratificante momento de solidariedade entre os que se encontram (LAMPPIÃO, 1979, nº 16, p. 7).⁸

Não temos a pretensão de encerrar o assunto discutido aqui, muito menos de fechar as possibilidades de análises do período ou do documento analisado. Mas desejamos contribuir para ampliar o debate em relação às masculinidades e ao movimento homossexual do final da década analisada.

Mais do que nunca, as discussões das questões de gênero e sexualidade tornam-se indispensáveis. O crescimento de movimentos conservadores e fundamentalistas, aliados a uma cultura historicamente machista e homofóbica (definirei em outro momento) corroboram esses discursos que buscam cercear os direitos já conquistados do movimento LGBTQIS+. Além disso, buscam também impedir avanços desse movimento.

Essas discussões formuladas aqui são de extrema importância, devido aos constantes ataques do atual governo federal, que parece ignorar o fato do Brasil ser o país que mais mata pessoas LGBTQI+ no mundo, segundo mostra a ONG Grupo Gay da Bahia⁹, além de utilizar a questão de gênero e sexualidade como forma de “denegrir¹⁰” os adversários políticos, e para causar polemicas que desviem o foco de sua governabilidade. Outra necessidade é a construção de uma história mais plural, que inclua esses sujeitos apagados, silenciados durante tanto tempo.

Vivemos um suposto paradoxo: de um lado vemos muitos avanços em relação às conquistas de direitos, mais visibilidade e a recém-aprovação da criminalização da homofobia¹¹, que é uma conquista importante; por outro lado, há uma forte bancada da

⁸ Coluna Reportagem, escrito pelo editorial (sem identificação), intitulado: “Eles estão ousando dizer seu nome”.

⁹ 420 LGBTQ+ (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) morreram no Brasil em 2018 vítimas da homolesbotransfobia: 320 homicídios (76%) e 100 suicídios (24%). Uma pequena redução de 6% em relação a 2017, quando registrou-se 445 mortes, número recorde nos 39 anos desde que o Grupo Gay da Bahia iniciou esse banco de dados. Acessado dia 04/12/2019 < <https://tribunahoje.com/wp-content/uploads/2019/01/População-LGBT-morta-no-Brasil-relatório-GGB-2018.pdf?x69597>>.

¹⁰ As estratégias desse governo eleito utilizaram de diversas notícias falsas (*fakenews*) para atacar seus adversários, em particular o partido do PT, divulgando notícias que esse governo tinha planos de ensinar sexualidade para crianças do fundamental I e distribuir cartilhas com teores sexuais. Essas notícias foram divulgadas pelas mídias em larga escala.

¹¹ Em 13 de Junho de 2019, em uma votação histórica, o Supremo Tribunal Federal (STF) aprovou uma emenda na Lei nº 7.716 de 5 de janeiro de 1989, que aprova que a homofobia possa ser tipificada e enquadrada na lei do racismo. A Lei de Racismo previa antes que: crimes de discriminação ou preconceito por "raça, cor, etnia, religião e procedência nacional" seriam punidos, mas não incluíam a questão da homofobia, embora haja jurisprudência em um caso em que o STF fez uso da lei para julgar um ato de antissemitismo. Entre as sanções dessa Lei, o crime de homofobia passe a ser inafiançável, punível com prisão de até cinco anos e multa. “A criminalização destas condutas chegou ao STF por meio de duas ações, movidas pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros e Intersexos (ABGLT) e pelo Partido Popular Socialista (PPS), em 2012 e 2013, respectivamente.” E ganhou com 8 votos a 3, acrescentando a homofobia e transfobia a Lei, até que o Legislativo vote uma lei específica ou utilize da mesma lei para a criminalização da homofobia. Mais detalhes sobre o julgamento encontra-se no link: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47206924>>.

Bíblia¹² no congresso, que legisla com um viés conservador e não contrário à homofobia e à transfobia, com projetos que buscam impedir uma educação pautada no respeito pela diversidade sexual e a discussão de gênero e sexualidade. O chefe¹³ máximo do executivo federal é assumidamente homofóbico¹⁴ e a atual ministra¹⁵ da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos manifesta-se com posições contrárias às lutas feministas e àquelas postas pelos grupos LGBTQI+.

Pensando nessas questões, nesses ataques aos direitos e à vida dos LGBTQI+, percebemos a necessidade de discutirmos as construções de gênero, a diversidade sexual, os discursos sobre a sexualidade, para refletirmos a respeito dos embates discursivos a respeito deste tema. Devido à necessidade de denunciarmos as violências, invisibilidade e preconceitos sofridos por essa comunidade ao longo de nossa história, para criarmos um terreno fértil para instrumentalizar a luta contra preconceitos advindos dos discursos religiosos e biológicos, que este trabalho foi realizado.

No próximo capítulo, falaremos sobre as questões de gênero, masculinidade e sexualidade e apresentaremos a metodologia. Já no segundo capítulo trataremos das disputas pela (re)construção das masculinidades no período, retratadas em *Lampião*. E por fim, no terceiro, veremos como as discussões do jornal tratavam, debatiam e discutiam as possibilidades dessas (des)construções e (re)construções das masculinidades, e também da própria identidade homossexual, quando debate sobre o termo *bicha* e levanta questões que hoje fazem parte do rol de ideias dos(as) teóricos(as) *queer*.

¹² “Trata-se de um grupo suprapartidário, composto por congressistas ligados a diferentes igrejas evangélicas, tanto do ramo histórico ou de missão como do pentecostal e neopentecostal, que atuam em conjunto para aprovar ou rejeitar a legislação de interesse religioso e pautar diversas discussões no parlamento brasileiro. Seu nome oficial é Frente Parlamentar Evangélica, mas essa frente é correntemente chamada de bancada evangélica pela mídia, pela literatura científica, pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap) e por seus próprios membros. A bancada evangélica surgiu com a eleição da Assembleia Constituinte, no final de 1986, já com uma característica bem marcada e que permanece até hoje: não é política nem ideologicamente homogênea, mas é, de forma geral, conservadora” (PRANDI; SANTOS, 2017, p. 187).

Embora os autores façam ressalvas, dizendo que em medidas mais objetivas, como propor leis, ou movimentar o congresso para aprovação de leis, a bancada não tenha eficácia, poder político ou entenda muito bem as articulações necessárias dentro do congresso, os mesmos também dizem que o seu papel é mais influente na barragem de leis que concernem a moral, desempenhando assim ações reacionárias (PRANDI; SANTOS, 2017). Nesse sentido, as questões que concernem aos direitos LGBTQI+, ou as outras minorias é que são barradas ou preteridas pelos congressistas membros da bancada. O que acaba impedindo avanços jurídicos para esses movimentos.

¹³ Jair Messias Bolsonaro, eleito em 2018 e polemico por fazer diversos pronunciamentos com teor homofóbico, racista e misógino.

¹⁴ Seguem algumas declarações homofóbicas dadas pelo Presidente. Acessado dia 02/01/2020 < <https://exame.abril.com.br/brasil/brasil-nao-pode-ser-pais-do-mundo-gay-temos-familias-diz-bolsonaro/>>; < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/05/09/tj-rj-mantem-condenacao-a-jair-bolsonaro-por-declaracao-homofobica.ghtml>>

CAPÍTULO – 1

1.1 – Gênero, masculinidades e sexualidade.

Na história recente, muito se fala sobre as novas identidades que emergem nas pesquisas acadêmicas, frutos de movimentos feministas, LGBTQI+, entre outros que questionam as ordens vigentes.

Na década de 1970, com o avanço do movimento feminista¹⁶, diversas ciências passam a questionar o conhecimento produzido na academia como algo neutro; novos sujeitos surgem, novas abordagens e gênero passam a serem utilizados, como categoria de análise histórica, mas não apenas nessa, como também em diferentes áreas da Ciência. A relação do masculino com o feminino, ou do homossexual com o heterossexual serão abaladas (FEITOSA, 2008, p.123).

Dentre essas abordagens e debates, buscam-se novas referências para se entender os significados atribuídos à feminilidade e à masculinidade e rejeita-se a noção de que as motivações sexuais humanas sejam “instintivas” ou “naturais”, embora essas ideias ainda estejam arraigadas no senso comum, como se as concepções e valores morais sobre a sexualidade fossem e sempre tivessem sido os mesmos (FEITOSA, 2008, p.124).

Os movimentos feministas, da década de 1970, e a inserção deles nos debates acadêmicos forçam a revisão de concepções históricas fixas. A diversificação dos sujeitos que podem fazer história, dos documentos que podem ser utilizados, as reflexões pós-estruturalistas¹⁷, põem em xeque a ideia de uma essência feminina ou masculina:

¹⁵ Alguma das declarações controversas dada pela Ministra. Acessado dia 2/01/2020 < <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/relembre-as-polemicas-da-ministra-damares-alves.e39919c669f1a41d9bdc48ec93b867c21a7urtnq.html>>

¹⁶ É importante resaltar as disputas narrativas que se construíram sobre o movimento feminista aqui no Brasil e que se formaram na década de 1970 (PEDRO, 2006, p. 2). Embora não busquemos tratá-las aqui, mas entendemos que uma generalização do termo, como se consolidou, acaba por escamotear disputas de diferentes grupos que compuseram as discussões sobre feminismo no período. Essa diversidade de lugares, discussões e sujeitos/grupos distintos deve ser evidenciado para fugirmos de visões simplistas e redutoras do movimento feminista que foi e continua carregando diversas discussões e posicionamentos complexos. Reduzí-lo só serve para tornar a discussão rasa e banalizar a importância do movimento político e teórico que se denominou feminismo. Outro ponto importante é ressaltar que existiam diferenças entre os movimentos do Brasil, EUA e da Europa (PEDRO, 2006, p. 269).

¹⁷ A teoria pós-estruturalista, ou o movimento (PETER, 2000, p. 9), serve como base teórica para as feministas, que passam a analisar conceitos como homem e mulher tidas como fixas e naturais por diversas correntes teóricas como a humanista, que via no sujeito racional: homem, uma universalidade e essencialismo que dava conta de explicá-lo em toda história e cultura. Para a autora Scott (1990), o pós-estruturalismo contribuiu para as feministas e suas análises de gênero com o método de desconstrução, que busca expor as limitações das categorias (SCOTT, 1990, s/p). Essa corrente é formada por pensadores como Foucault, Derrida entre outros

A aceitação de diversos perfis de feminilidade e de masculinidade põe em discussão a ideia da supremacia do poder do “homem” sobre a “mulher”, à medida que a noção generalizante de imposição masculina não pode dar respostas satisfatórias à diversidade de comportamentos e situações históricas (FEITOSA, 2008, p.124).

Sem dúvida, o desenvolvimento, construção e trajetória do movimento feminista são partes essenciais para emprendermos este trabalho, em particular os movimentos que se constituíram nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Suas contribuições teóricas, aliadas às de pensadores pós-estruturalistas, como Foucault (RAGO, 1993; FLAX, 1991), permitiram a autoras feministas desenvolverem novas abordagens (SCOTT, 1990), novas leituras (as quais faremos uso) das relações de gênero, prezando pela relação das construções subjetivas do discurso e das relações de poder inerentes às construções dos sujeitos (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 649).

Foucault desenvolve, em seu livro *A Arqueologia do Saber*, o método arqueológico, que consiste em examinar os discursos, os saberes construídos em diversos campos das ciências. Procura questionar como determinado saber se constituiu e não outro em seu lugar; como se legitimou, suas rupturas, permanências, fissuras. Foucault não está preocupado em buscar as origens do discurso e nem tratá-lo “*como conjunto de signos (de elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam*” (FOUCAULT, 1972, p. 64).

Nesse sentido, a arqueologia está preocupada com o ser-saber. Esses saberes que são formulados na história não são fixos, suas regras podem sofrer mudanças e devido a isso novas ‘verdades’ podem surgir. Logo, os saberes são produtores de ‘verdades’. Desse modo, a arqueologia nos serve como ferramenta para discorrer a respeito dos embates sobre o termo *bicha*, por exemplo, os saberes e discursos que os permeiam, as circunstâncias em que o termo surge, quais áreas corroboram para sua legitimação e quais mudanças propiciam o deslocamento do sentido pejorativo do termo.

O segundo método é a genealogia, que está ligada ao ser-poder. Se a arqueologia nos possibilita analisar os saberes, seus efeitos de verdade, a genealogia analisa os efeitos de poder causados por esses discursos. Logo, a genealogia busca evidenciar e questionar os discursos e verdades, busca:

(PETER, 2000) e por mais que ofereça outras possibilidades para análise de gênero, não encontra entre as teóricas feministas consenso, pelo contrário, é cercado de debates, com encontros e desencontros.

Mostrar como se formam, para responder a que necessidades, como se deslocam e modificam, que força exercem efetivamente, em que medida foram contornadas. De outra parte, o conjunto “genealógico” que põe em prática os três outros princípios: como se formam, através, apesar, ou com o apoio desses sistemas de coerção, séries de discursos; qual foi a norma específica de cada uma e quais foram suas condições (FOUCAULT, 1996, p.64).

A genealogia, logo, é o método pelo qual conseguimos ver as relações de poder envoltas no discurso, suas verdades, suas práticas, seus efeitos de subjetivação. Esse poder ramificado no tecido social produz dispositivos de controle que buscam regular, classificar, ordenar, disciplinar os sujeitos que produzem, dos quais falamos (FOUCAULT, 1986, p.229, 236).

O último método desenvolvido por Foucault, que será útil para a presente investigação: o cuidado de si, ou a ética de si, que consiste em entender através de quais verdades, de quais jogos de verdades, moral e tecnologias se constitui o sujeito. Ou seja, como esse sujeito absorve as verdades ditas sobre si, como lida com elas, como as internaliza ou as rejeita. Como esse sujeito reconhece a si mesmo, como se testa, se prova, uma história do cuidado de si, do corpo, da subjetividade (FOUCAULT, 1984, p. 10/27/28). Como ressalta o próprio autor:

Finalmente, história da maneira pela qual os indivíduos são chamados a se constituir como sujeitos de conduta moral: essa história será aquela dos modelos propostos para a instauração e o desenvolvimento das relações para consigo, para a reflexão sobre si, para o conhecimento, o exame, a decifração de si por si mesmo, as transformações que se procura efetuar sobre si. Eis aí o que se poderia chamar uma história da “ética” e da “ascética”, entendida como história das formas da subjetivação moral e das práticas de si destinadas a assegurá-la (FOUCAULT, 1984, p.28).

Assim, examinamos os efeitos do discurso na perspectiva dos debates de *Lampião* sobre o termo *bicha*, e os efeitos da constituição de novas formas de percepção trazida pelos autores de *Lampião* a partir dessas discussões publicadas que eram permitidas dentro daquele momento histórico.

Cabe-nos, antes de continuar, conceituar os termos: poder, discurso e dispositivos. Segundo o autor, “*O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos*” (FOUCAULT, 1996, p.49). Para a autora Nadia Perez Pino, o discurso, na perspectiva foucaultiana, não é só tudo aquilo que produz sentido, mas que cria a realidade (PINO, 2011, p.12)

Para Foucault, o discurso “*está na ordem da lei [...] lhe foi preparado um lugar que o honra, mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que lhe advém*” (FOUCAULT, 1996, p. 7). O discurso que é aceito, que pode ser validado é o que segue a determinadas regras de uma época, do que pode ser dito e não dito, que respeita o regime de verdade desse período. (PINO, 2011, p.12). Nesse sentido, veremos como os médicos, entre outros, construíram verdades sobre os homossexuais afeminados e os condicionaram a papéis rígidos de gênero no decorrer do século XX.

Já o poder, para Foucault, não é algo necessariamente repressivo, não está focado em um único ponto, em uma única instituição, não se pode deter o poder, prendê-lo. O poder, para ele, não é exercido apenas de cima para baixo e se é exercido dessa forma existe uma relação negociada, que é preciso ser “permitido” pelo que está embaixo. Nem sempre o poder é negativo no sentido jurídico, mas pode também construir, produzir (FOUCAULT, 1986, p. 251).

A relação do poder, que Scott toma emprestado para fazer do gênero uma categoria analítica da história, manifesta-se nos dispositivos de sexualidade – mas não exclusivamente –, esses como formas, práticas, estratégias de domínio, que se mostram respondendo a determinada urgência de cada época. Vestimentas, arquiteturas, discursos, receitas, procedimentos, injúrias, entre tantos outros são formas e práticas dos dispositivos:

O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de forças sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles (FOUCAULT, 1986, p.246).

Podemos ver em *Lampião* diversos questionamentos relacionados às repressões sofridas pelas ditas “minorias”, diversas questões relacionadas ao gênero, às construções e às representações do masculino e feminino e às relações de poder inerentes a essa relação (SCOTT, 1994), assim como dos discursos que permeiam e disputam as construções dos sujeitos masculinos e femininos.

Entendemos aqui minoria não como referente a questão quantitativa, numérica ao contrário a de uma maioria, mas sim qualitativa, na qual mesmo havendo algumas vezes a superioridade ou igualdade numérica, a representatividade ou a participação na política ou nos diversos espaços públicos e privados é vilipendiado (SANDRÉ, 2005). Nesse sentido cabe ressaltar que entendemos minorias como grupos vulneráveis que se originam:

em relações de assimetria social (econômica, educacional, cultural etc.). Nessa perspectiva, minoria pode ser definida a partir de uma particularização de um grupo, já que a maioria se define por um agrupamento generalizado, ou seja, por um processo de generalização baseado na indeterminação de traços, os quais indicam um padrão de suposta normalidade, considerada majoritária em relação ao outro que destoar dele. A vulnerabilidade advém, pois, de pressões desse suposto padrão de normalidade, que pressiona tudo e todos que possam ser considerados diferentes. A violência, por sua vez, tanto pode ser física quanto simbólica, originária dessa pressão, que, muitas vezes, na forma de preconceito e rejeição, marginaliza e discrimina o diferente (CAMARGO, 2006, p. 205).

Voltando para a questão de gênero. Para a autora Scott, gênero é *“um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder [...] Seria melhor dizer: o gênero é um primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”*. Logo, gênero não está limitado a entender apenas a história das mulheres, mas sim a relação entre homens e mulheres e toda complexidade envolvida nessa relação, interesses, domínio, política, poder (SCOTT, 1994; CONNELL, 1995).

Segundo a análise de Scott, refletimos sobre os discursos criados sobre o masculino, que para a autora são suscetíveis a mudanças – seja por questões do estado, seja pela ascensão econômica de determinados grupos, homossexuais, mulheres, por crises políticas, mudanças de regime, contestação popular e movimentos sociais -, já que para ela:

Só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que “homem” e “mulher” são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes, porque, mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas (SCOTT, 1994, s/p).

O gênero não apenas revela as condições de poder existentes nas relações entre homens e mulheres, mas vai além. Serve também para uma análise mais profunda e complexa das relações de poder, da representação da identidade dos masculinos e dos femininos, das construções hierárquicas e das desigualdades étnicas e sociais. Denuncia as formas de conceber o mundo de um determinado período através do estudo da moral, das leis, da religião, dos discursos produzidos por determinados saberes. A forma de viver, de se apresentar, como o homem se entende e como ele busca demonstrar o que acredita ser o modo correto de se comportar, os símbolos criados para reforçar as diferenças entre o masculino e o

feminino, os hábitos, as normas de comportamento e as vestimentas usadas para a elaboração dessa identidade acabam revelando características históricas e sociais (SCOTT, 1994, s/p).

Não se limita apenas ao privado, ou às mulheres, mas abarca todos os espaços. Para Scott, o gênero é uma forma de analisar a história e possibilita uma ampla reflexão e mudança de paradigmas, contribuindo para formular e enriquecer uma visão menos simplista ou determinista da História. É através do trabalho teórico de Scott sobre gênero que analisamos os discursos do jornal, para entender como ele ajuda a desconstruir uma imagem única de masculinidade e o que isso mostra do período (SCOTT, 1994, s/p).

Como apresentado por Scott, através dos questionamentos levantados pelas feministas, foi possível que os estudos dos homens, das masculinidades também viessem à tona dentro da academia. Mas o que definiria a masculinidade?

Toda cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens. Os rapazes são pressionados a agir e a sentir dessa forma e a se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendida como oposta. A pressão em favor da conformidade vem das famílias, das escolas, dos grupos de colegas, da mídia e, finalmente, dos empregadores. A maior parte dos rapazes internaliza essa norma social e adota maneiras e interesses masculinos, tendo como custo, frequentemente, a repressão de seus sentimentos. Esforçar-se de forma demasiadamente árdua para corresponder à norma masculina pode levar à violência ou à crise pessoal e à dificuldade nas relações com as mulheres (CONNELL, 1995, p. 190).

As construções de masculinidade ou feminilidade são formas criadas em diferentes culturas e períodos para classificar homens e mulheres, produtos de determinados discursos (religioso, biológico, entre outros) como nos aponta Connell:

masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular (CONNELL, 2013, p. 240).

A autora, a partir desses pressupostos, apresenta-nos não apenas uma forma de se vivenciar a masculinidade, mas diversas formas:

A masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de “masculinidades”. Existe o perigo, nesse uso, de que

possamos pensar gênero simplesmente como um pout-pourri de identidades e estilos de vida relacionados ao consumo. Por isso, é importante sempre lembrar as relações de poder que estão aí envolvidas (CONNELL, 1995 p. 188).

O conceito trabalhado pela Connell (2013), de masculinidades hegemônicas e subalternas, denuncia as hierarquias dentro dos gêneros que nos ajudarão em nossas análises. Segundo a autora, “*a ideia de uma hierarquia das masculinidades cresceu diretamente a partir da experiência de homens homossexuais com a violência e com o preconceito dos homens heterossexuais*” (CONNELL, 2013, p. 244).

Para a autora, essas diferentes masculinidades irão disputar entre si os privilégios que são atrelados aos homens. E mesmo que em diferentes sociedades e em diferentes tempos a masculinidade hegemônica fosse um ideal construído para os homens, elas não corresponderiam “*verdadeiramente à vida de nenhum homem real. Mesmo assim, esses modelos expressam, em vários sentidos, ideais, fantasias e desejos muito difundidos. Eles oferecem modelos de relações com as mulheres e soluções aos problemas das relações de gênero*” (CONNELL, 2013, p. 253).

Esses conceitos nos ajudam a entender as disputas discursivas pelas construções de uma nova identidade homossexual, sua relação, suas negociações com a masculinidade e feminilidade. Também apresentaremos alguns debates que hoje são atrelados à teoria *queer*.

Embora haja divergências entre certas(os) pensadoras(es) feministas sobre as questões de gênero com pensadoras(es) da corrente *queer*, nosso intuito aqui não é o de realizar uma discussão conceitual sobre essas divergências. Encontramos em *Lampião* questionamentos que podem nos dar pistas de uma teoria/movimento específicos da nossa história LGBTQI+ brasileira.

As ideias das(os) pensadoras(es) *queer* chegam ao Brasil na década de 1990, pela academia e não pelos movimentos gays e lésbicos brasileiros. A teoria surge para contestar as políticas assimilacionistas e de igualdade dos movimentos gays e feministas dos Estados Unidos e Europa (PELÚCIO, 2014). Já o termo “*queer*” aparece:

Em uma conferência na Califórnia, em fevereiro de 1990, que Teresa de Lauretis empregou a denominação Queer Theory para contrastar o empreendimento queer com os estudos gays e lésbicos. Em termos políticos, não tardou para que ele denotasse uma alternativa crítica aos movimentos assimilacionistas (MISKOLCI, 2009, p. 153-154).

Mas o que significa “*queer*”?

O queer, apesar de ter sido um saber formulado no Norte Global, vai ser uma resposta atrevida das pessoas marginalizadas por uma ordem regulatória dos corpos, das sexualidades e assim também das subjetividades. Uma ordem que recusa outros arranjos sexuais e de gênero que não estejam conformados a uma moralidade burguesa, medicalizada e marcadamente eurocentrada (PELÚCIO, 2012, p. 28).

A teoria “queer”, então, serve como uma ferramenta para um leque variado de práticas e críticas. Segundo Spargo, é um movimento, não fixo, que busca analisar as representações do desejo pelo mesmo sexo em textos literários, filmes, imagens; “*análise das representações de poder sociais e políticas da sexualidade; críticas do sistema sexo-gênero, estudos de definição transexual e transgênero, de sadomasoquismo e de desejos transgressivos*” (SPARGO, 2017, p. 8-9). Nesse sentido, toda forma que coloque em xeque a construção heteronormativa da sociedade. Pensadoras(es) da teoria “*queer*” dialogam com Foucault, seja para criticá-lo ou retificá-lo, partindo de uma análise sobre as políticas sexuais.

Logo, *Lampião* pode ser identificado como uma produção “*queer*”, não apenas por ser um veículo homossexual e para “minorias”, mas pelas discussões que propõe, que antecedem diversos pontos que as pensadoras do Norte utilizaram para desenvolver a teoria “*queer*”.

A discussão e crítica primordial das pensadoras(es) “*queer*” em relação ao sexo-gênero não são apresentadas no jornal, porém, diversas outras ideias são destacadas em *Lampião* e nos servem como exemplo do quão o movimento no Brasil era diverso e já levantava questões que seriam enunciadas pelas teóricas “*queer*” após alguns anos.

1.2 - Metodologia

Partimos para uma análise dos discursos contidos em *Lampião da Esquina*, segundo as correntes historiográficas que criam novas abordagens para a escrita da História. Abordagens essas que não focalizam apenas os documentos oficiais, segundo a perspectiva positivista, a partir da qual o documento deve conter a verdade absoluta, e nesse sentido, os periódicos seriam muito subjetivos e não poderiam ser utilizados como documentos (DE LUCA, 2005, p.113).

Com as mudanças ocorridas pelas novas abordagens, há uma ampliação do conceito de documentos, e os periódicos passam, então, a ser utilizados como fonte histórica. A autora Tania Regina de Luca deixa isso claro quando cita Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado sobre isso:

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero veículo de informações, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere (DE LUCA, 2005, p. 118).

Desse modo, usamos como fonte histórica o jornal *Lampião da Esquina* para analisar as construções das masculinidades nele veiculadas, sendo esses discursos o resultado da concepção do masculino dos autores do periódico.

Segundo Cardoso (1986, p.54), os textos não são tratados apenas em seus conteúdos ou enunciados, mas também mediante métodos linguísticos de análise do discurso, da enunciação, com apoio em alguma teoria das classes e das ideologias sociais. Em outras palavras, procura-se determinar em que condições sócio-históricas a produção do texto pôde ocorrer. Também De Luca e Martins destacam que:

Jornais, revistas, rádios e televisões são empresas e, portanto, também buscam lucros. De outra parte, negociam um produto muito especial, capaz de formar opiniões, (des)estimular comportamentos, atitudes e ações políticas. Elas não se limitam a apresentar o que aconteceu, mas selecionam, ordenam, estruturam e narram, de uma determinada forma, aquilo que elegem como fato digno de chegar até o público (DE LUCA; MARTINS, 2006, p.11).

Esses interesses associados à escrita, forma de passar alguma notícia/matérias/reportagens/entrevistas, as imagens, charges usadas e a arte do jornal denunciam intenções que nos dão pistas de como o jornal lidava com a questão das imagens das masculinidades. Usamos os discursos do jornal para examinar as construções do masculino apoiado na ideia de que “as metodologias propostas para a análise de textos em pesquisa histórica é o de que um documento é sempre portador de um discurso que, assim considerado, não pode ser visto como algo transparente” (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p.337).

Identificamos as colunas, sessões, os(as) autores(as) de todos os excertos que analisamos e apresentamos aqui, se não no corpo do texto nas notas de rodapé. As imagens também foram identificadas com mais detalhes no fim desse trabalho: a quantidade de vezes em que aparece e em quais números e em quais páginas. No próximo tópico apresentaremos com mais detalhes o documento analisado: *Lampião da Esquina*.

1.3 – O contexto do surgimento de *Lampião da Esquina*

Antes de apresentarmos o jornal, é preciso contextualizar o período de seu surgimento. O país, após alguns anos em um aparente aquecimento econômico, como os do início da década de 70, apelidados de “milagre econômico”, começa na metade para o final da década mostrar os desgastes desse “milagre”. Salário-mínimo estagnado e concentração de renda aumentando cada vez mais e evidenciando a extrema desigualdade. Os espaços urbanos passam a deter a maioria da população. Processos de migração, em especial do Nordeste para o Sudeste, tornam-se evidentes com os corpos nordestinos que passam a transitar nas ruas das grandes cidades do Sudeste. Mulheres ocupam cada vez mais espaços no mercado de trabalho (CARVALHO, 2002).

Para Carvalho, é na posse de Geisel e na continuidade de Figueiredo (1974-1979 e 1979 – 1984 respectivamente) que o regime militar ensaia sua retirada, embora não completamente, já que a militarização da polícia e seu poder – de perseguir de forma arbitrária indivíduos que o Estado abandonou –, nascem e se desenvolvem com a ditadura, permanecendo após ela (CARVALHO, 2002).

No final da década de 1970, o Brasil ensaiava uma abertura política. O regime militar que se mantinha no poder, enfrentava diversos problemas e transformações nos espaços econômicos, sociais, políticos e culturais. Há um aumento da inflação e do desemprego, o que gera descontentamento entre os trabalhadores que começam suas reivindicações, desembocando nas greves de 1979 no ABC. O movimento estudantil passa a se articular. Os negros, as mulheres, os indígenas, ecologistas, homossexuais passam a reivindicar por mais direitos, menos preconceitos e a questionar o regime militar.

movimentos de contracultura começam a corroer os alicerces do comportamento social, abrindo espaço para uma rebeldia nos costumes. Com a ditadura militar, houve uma miscigenação entre esses movimentos e os ideais político-democráticos e populares. Nesse contexto, surge uma imprensa alternativa, que tinha como fundamento comum a oposição intransigente ao regime militar (LIMA, 2001, p.1).

Dentro do próprio exército, grupos liberais desejam uma flexibilização política, planejam instituir uma redemocratização lenta e progressista (CARVALHO, 2002). É nesse emaranhado de transformações que surge a imprensa alternativa, possibilita o nascimento de *Lampião* e concomitante o movimento homossexual¹⁸.

¹⁸ Optamos pelo uso do termo ‘movimento homossexual’ para designar os grupos sexuais dissidentes do período pelos mesmos motivos dados por Trevisan, quando reutiliza o termo na sua 4ª edição de *Devassos no Paraíso*:

O jornal *Lampião da Esquina* compunha a imprensa alternativa¹⁹, surgindo em abril de 1978, formado por um grupo de homossexuais influenciados pelos movimentos políticos, feministas e gays que despertaram, no início da década de 1970, no Brasil e no mundo. No caso do movimento homossexual:

O grande marco de visibilidade desse [...], foi a resistência à repressão sofrida frequentemente por homossexuais em um bar nos Estados Unidos, que ficou conhecido, em 1969, como a *Batalha de Stonewall Inn*, ocorrida no bairro Greenwich Village, em Nova York (MARIUSSO, 2013, p. 324).

O caso de Stonewall torna-se um marco no movimento gay internacional e é desencadeado devido à tentativa policial de fechar o estabelecimento, alegando irregularidades e tumultos. Os policiais já haviam invadido o bar diversas vezes, sempre usando violência contra os homossexuais. No entanto, dessa vez foi diferente, visto que os homossexuais ali presentes resistiram às agressões e não se retiraram do bar, dizendo palavras de ordem como: “poder gay” e “sou gay e me orgulho disso”. Aqueles homossexuais desencadearam um movimento que chamou a atenção da mídia e incentivou diversos movimentos gays nos EUA, na Europa, bem como no Brasil (MARIUSSO, 2013, p.323).

Aqui no Brasil, o movimento gay se fortaleceu gradualmente, mesmo com a repressão e censura por parte do regime militar. Antes de *Lampião*, outros periódicos chegaram a circular no país, embora sem o mesmo alcance, como os que surgiram em Salvador.

[...] lá, o mais ativo jornalista homossexual foi Waldeilton di Paula, que edita, entre outros: *Fatos e Fofocas* (1963), de exemplar único, que circulava de mão em mão até voltar ao ponto de origem, quinzenal, e que durou até 1967; *Zéfiro* (1967), datilografado; *Baby* (1968), também datilografado, com 50 exemplares reproduzidos por cópias xerox; *Little Darling* (1970), que saía com tiragem de cem exemplares, diferenciava-se dos demais por apresentar, além das

“Preferi não atualizar modos de expressão que poderiam estar superados, como o jeito antigo de chamar a pauta lgbt simplesmente de “homossexual”, soando como possível reducionismo ou hegemonia gay. Pareceu-me importante que as gerações lgbt posteriores possam aferir como as gerações anteriores se expressavam, de acordo com as especificidades do seu tempo. Essa imprecisão conceitual faz parte da história das sexualidades não heteronormativas no Brasil” (TREVISAN, 2018, p. 14).

¹⁹No Brasil dos anos 1960 e 1970, movimentos de contracultura começam a corroer os alicerces do comportamento social, abrindo espaço para uma rebeldia nos costumes. Com a ditadura militar, houve uma miscigenação entre esses movimentos e os ideais político-democráticos e populares. Nesse contexto, surge uma imprensa alternativa, que tinha como fundamento comum a oposição intransigente ao regime militar. (LIMA, 2001, p. 1).

O termo “alternativa” contém quatro dos significados que podem explicar esse tipo de imprensa: “o de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída, para uma situação difícil e, finalmente, o do desejo das gerações dos anos 60 e 70 de protagonizar as transformações sociais que pregavam.” (LIMA, 2001, p. 1 inn: KUCINSKI, 1991)

fofocas da comunidade homossexual baiana, crítica de cinema e teatro e acontecimentos homossexuais fora da Bahia, sendo que, em 1978, passa a se chamar *Ello* (LIMA, 2001, p.1).

Além desses, também tiveram o jornal *Snob*²⁰ e uma coluna no jornal “Última Hora”, intitulada como *Coluna do Meio*²¹, entre outros. Porém sempre com alcance regional. “*Entre 1962 e 1964 houve, inclusive, o funcionamento de uma Associação Brasileira de Imprensa Gay, dirigida por Agildo Guimarães e Anuar Farah, no Rio de Janeiro, que foi fechada pelo regime militar*” (LIMA, 2001, p. 3).

Além dos jornais, movimentos como o Grupo Somos de São Paulo, encabeçado por um dos editores de *Lampião*, surgem no Brasil no final da década de 1970 (MARIUSSO, p, 2013, p.325). Segundo Mariusso, o jornal surge:

da tentativa de criar uma antologia de literatura homossexual latino-americana pensada por Winston Layland, editor e dono da revista *Gay Sunshine* de San Francisco - Califórnia. Layland entrou em contato com o advogado e ativista Antônio Carlos Mascarenhas (um dos fundadores do *Grupo Homossexual Triângulo Rosa*) e o único a assinar sua revista na América Latina inteira, pedindo para que ele reunisse um número de escritores que pudesse criar essa antologia. Após uma reunião com esses escritores, jornalistas e intelectuais, a antologia não saiu, porém nasceu o *Lampião da Esquina* (MARIUSSO, 2013, p.324).

Segundo Lima (2001, p.1): “*Lampião da Esquina, com edição mensal e tiragem de 20 mil exemplares. Foi diante do constrangimento e preconceito latente que um grupo de jornalistas viu, em fins da década de 1970, a oportunidade certa para fazer valer seus ideais democráticos*”. Ainda segundo o autor:

O jornal, em tamanho tabloide, era impresso em preto e branco. Trazia reportagens com personalidades não necessariamente homossexuais, contos, críticas literárias, de teatro, cinema etc. Grande destaque era dado às cartas dos leitores, que se tornavam legítimos espaços de visibilidade para a comunidade. Pequenas notas contra os atos preconceituosos da sociedade eram constantes. Assim como ataques diretos a homossexuais ou quem agisse de modo politicamente incorreto (embora não se usasse tal terminologia à época) em relação aos homossexuais. Já nos números finais, o jornal começou a publicar fotos eróticas, o que antes evitava. Com essa transferência do enfoque, *Lampião* perdeu a credibilidade, já que pornografia a indústria cultural produzia melhor e mais barato. Embora tenha durado pouco, o jornal marcou a imprensa brasileira pelo seu vanguardismo nas posições defendidas (LIMA, 2001, p. 4).

²⁰ Fundado no Rio de Janeiro em 1963 e encerrado em 1969 após a implantação do A-5 (PÉRET, 2012).

²¹ Fundado em São Paulo em 1976 – 1977, escrito pelo jornalista Celso Curi (LIMA, 2001).

A primeira edição de *Lampião da Esquina*²², a de número 0, foi enviada para 5 mil leitores de forma aleatória, dos quais apenas dois reclamaram do recebimento do jornal, como o próprio periódico destaca abaixo:

Duas observações: a primeira é sobre o pavor que baixou em algumas pessoas quando estas receberam em suas casas, não mais que de repente, um exemplar do número zero de LAMPIÃO. Como será que eles descobriram?" - Foi a pergunta geral. A resposta é que o jornal foi enviado a cinco mil pessoas, sem distinção de credo, raça ou preferência sexual. Se algumas dessas eram diretamente interessadas nos assuntos abordados por ele, foi apenas o que Hollywood chamaria de "mera coincidência" E dessas cinco mil, apenas duas - vide a seção "Cartas Na Mesa" – manifestaram-se contra a remessa, mostrando, em rotação à absolutíssima maioria, um comportamento estranhamente anormal... (LAMPIÃO, 1978, nº 1, p. 9).

No excerto acima, tirado da sessão *Esquina* (sessão essa que permanece do início ao fim do jornal) tratando da recepção daqueles que receberam os exemplares de *Lampião*, demonstra que apenas duas pessoas se manifestaram de forma negativa ao receberem a edição número 0 de *Lampião*. A partir disso podemos supor que havia um campo social fértil para os questionamentos que o jornal levantou. Mesmo se supormos que dessas 5 mil edições a maioria pode ter ignorado o jornal, desses 5 mil, apenas dois se manifestarem contrários (um número quase insignificante) ao recebimento, demonstra que o período era de transformações e permitia que as discussões sobre identidade homossexual pudessem ocorrer.

Lampião da Esquina tem um nome sugestivo, pois remete tanto à figura do cangaço: *Lampião*, um dos maiores símbolos de masculinidade força, resistência e luta no país. Ao usar seu nome para um jornal que trata sobre sexualidade, homossexualidade, ele brinca com essa figura, provoca. Além disso, também remete a um lampião de esquina que tem como finalidade iluminar espaços antes obscuros, sombrios, como o tabu das sexualidades desviantes do período.

²² “O subsídio para a circulação veio por meio da criação de uma editora também chamada de Lampião e de colaboradores que doaram algumas quantias em moeda. No total, teve 38 edições, incluindo o número zero. Inicialmente, cada edição, teve uma circulação aproximada de 10 a 15 mil exemplares em todo o país. Em formato tabloide, o jornal tinha editoriais fixos como “Cartas na Mesa”, em que as cartas dos leitores eram publicadas e respondidas; “Esquina”, na qual eram reunidas notícias, “Reportagem”, em que sempre a matéria de capa estava localizada. E a partir do número cinco, a coluna “Bixórdia”. Além dessas, sempre havia espaço para informações culturais, como indicações de livros, exposições, shows e filmes; e também para entrevistas. A produção do conteúdo era feita pelos conselheiros editoriais e por convidados que variavam a cada edição. O jornal, inicialmente, estava mais preocupado em retirar o “gay” da margem social, abrindo o discurso às minorias. Já em sua fase final o jornal se adapta ao gueto e torna-se mais ousado, contendo até mesmo ensaios sensuais e abordando temas mais polêmicos do que fazia em sua fase inicial.” Trecho tirado do site oficial do Grupo Gay Bahia que disponibiliza todas as edições do jornal na internet. Acessado em 04/01/2020 <<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampião-da-esquina/>>.

As impressões gerais sobre o jornal: título, símbolo, capa e diagramação. - O título é muito bom; a relevância ao rebelde é muito bem colocada para um jornal como este; a rebeldia legítima de uma minoria (Lampião e seus "cabras"); também é muito boa a idéia (sic) de "acender uma primeira luz sobre a questão homossexual - Como "lembrança" ou "referência" às chamadas policiais dos jornais populares (O DIA, NOTÍCIAS POPULARES, etc.). [...] O símbolo do jornal, foi interpretado como a combinação de uma representação estilizada do rebelde com a representação de um falo, é uma coisa "fria", e não pode ser considerado feio ou bonito: é como se tivesse sido feito "em série (LAMPIÃO, 1978, nº 3, p. 14).²³

A imagem abaixo ilustra as referências ao cangaço, a um lampião e ao falo, citadas pelo excerto acima, tirado de uma carta enviada a *Lampião*.



(Imagem nº 1, Ano 1978) #PraCegoVer

A primeira edição não consta Esquina no nome, devido a um erro ocorrido um pouco antes da publicação. Essa história é contada por um dos editores do jornal no documentário²⁴ lançado sobre o jornal em 2016.

A proposta aponta para uma nova forma de encarar a homossexualidade, o que leva à necessidade de novas reformulações das masculinidades do período. Junto com o movimento feminista levantam questionamentos e geram deslocamentos nas masculinidades (MONTEIRO, 2000, p.50).

O jornal *Lampião* foi escolhido pela sua proximidade com os movimentos dos homossexuais (do final da década de 1970), coexistência e pelas ricas informações e discussões que apresenta do movimento naquele período. Diversos artigos e trabalhos têm destacado a importância do jornal para o movimento e vice-versa (PÉRET, 2012; GREEN, 2000; FACCHINI, 2003). Além disso, é o primeiro periódico de grande alcance vendido em

²³ Importante ressaltar, como faremos em outras ocasiões, que no documentário lançado em agosto de 2016 sobre o jornal, foi dito que algumas cartas eram fabricadas pelos próprios editores, mas essa fabricação tinha como intuito provocar discussões ou apresentar pontos de vistas contrários aqueles publicados. Nessa carta, não identificamos esse caráter provocativo que tinha as intenções das cartas fabricadas pelos próprios editores do jornal.

²⁴ Título: *Lampião da Esquina* (Original). Ano produção 2016. Dirigido por Livia Perez. Estreia em 2016 (Brasil). Duração 86 minutos. Classificação de Gênero: documentário. Países de Origem: Brasil. Acessado em 04/01/2020 <<https://filmow.com/lampiao-da-esquina-t204880/ficha-tecnica/>> .

bancas do país, com conteúdo voltado ao público gay e produzido por homossexuais (TREVISAN, 2002, p. 338), contendo ricas discussões que são analisadas neste trabalho.

O jornal foi produzido por artistas, jornalistas, intelectuais que tinham certa respeitabilidade e notoriedade fora do gueto homossexual. Embora o número de contribuidores varie ao longo da existência do jornal, os editores permanecem os mesmos, e são os que tem uma assiduidade nas publicações das matérias. O Conselho Editorial era composto por: Adão Acosta²⁵, Aguinaldo Silva²⁶, Antônio Chrysóstomo²⁷, Clóvis Marques²⁸, Darcy Penteadó²⁹, Francisco Bittencourt³⁰, Gasparino Damata³¹, JeanClaude Bernardet³², João Silvério Trevisan³³ e Peter Fry³⁴. Coordenador de edição - Aguinaldo Silva. Fora eles, outros grandes nomes passaram como contribuidores, como Glauco Mattoso³⁵, Celso Curi³⁶, Edélcio Mostaçó³⁷ entre outros. O jornal teve também algumas mulheres colaborando nas matérias, entre elas cito aqui Zsu Zsu Vieira³⁸, já que citamos um excerto de sua matéria sua aqui. Todos eles faziam parte da intelectualidade brasileira, sendo nomeados por James Green como a *intelligence* homossexual brasileira (2000), e todos pertencentes à classe média brasileira.

²⁵ Ex-terapeuta, escritor e pintor.

²⁶ Dramaturgo, escritor, roteirista, jornalista, cineasta e telenovelistas brasileiro. Foi preso na ditadura militar em 1969 por escrever em um Edição do Diário do Che Guevara que a “guerrilha não acabou” (LAMPÍÃO, 1980).

²⁷ Produtor teatral e crítico de artes.

²⁸ Jornalista, escritor, palestrante e tradutor.

²⁹ Foi um artista plástico, desenhista, gravador, cenógrafo, figurinista, literato, autor teatral e pioneiro militante do movimento homossexual brasileiro (1926 – 1987).

³⁰ Foi jornalista (Correio do Povo e Jornal do Brasil), júri de artes, poeta e ativista no movimento homossexual brasileiro (1933 – 1997).

³¹ Foi jornalista e escritor de romances com temática homossexual e também ativista no movimento homossexual (1918 – 2000).

³² Teórico de cinema, crítico cinematográfico, cineasta e escritor.

³³ Escritor, jornalista, dramaturgo, tradutor, cineasta e defensor da comunidade LGBTQI+ brasileiro. Na época, ao se assumir logo após a instituição do AI 5, acaba optando pelo auto-exílio, onde tem contato com o movimento homossexual e feminista do exterior.

³⁴ Antropólogo brasileiro nascido na Inglaterra. É professor de antropologia no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ. Intelectual autor de diversas obras tratando sobre a sexualidade entre elas a obra “Para Inglês ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira” (1982), que citamos aqui.

³⁵ Escritor e poeta, autor de diversas obras, entre elas “O Manual do Podólatra Amador” (1986).

³⁶ Diretor de teatro, jornalista, crítico de teatro e ator.

³⁷ Teórico, crítico, ensaísta brasileiro. Estuda e analisa o teatro brasileiro, marcando presença no panorama crítico das artes cênicas a partir da década de 1980. Atua como crítico, ensaísta, dramaturgista e professor.

³⁸ Jornalista e que teve como destaque profissional uma coluna de conselhos sentimentais: “S. O. Sentimental” no jornal Civilização Brasileira.



(Imagem nº 2, 1978) #PraCegoVer

O jornal nasce de um esforço conjunto dessas figuras que tinham como preocupação a disseminação de ideias, levar a discussão sobre a sexualidade e outras questões relacionadas as minorias para um público abrangente. Não havia aqui interesses econômicos, uma vez que o valor do jornal era muito acessível, e mal conseguia custear sua produção. Aguinaldo Silva, revela no documentário (*Lampião da Esquina 2016*) que nos últimos anos estava desembolsando do próprio bolso para manter a produção do jornal.

O valor da primeira edição era de Cr\$ 15,00, representando mais ou menos 1% do salário-mínimo que no período (1978) era de Cr\$ 1.560. Já o valor da última edição (junho de 1982) era de Cr\$ 60,00 e correspondia de 0,7% a 0,8% do salário-mínimo de Cr\$ 8.464,80. Podemos perceber aí que mesmo com uma inflação crescente nesse período, os editores tentaram manter o valor do jornal o mais acessível possível, a fim de atingir o maior número de pessoas. Seu esforço em possibilitar acesso a uma literatura que discutisse sobre temas como sexualidade não se limita apenas ao jornal, mas também se estende através da editora Esquina:

Dennia Aknian (australiano, 35 anos, autor de “Homossexual: Opressão e Liberação” livro com edições nos Estados Unidos, Austrália, Grã Bretanha, França e Itália) [...] cedeu à Esquina Editora os direitos de publicação do seu livro em português. A tradução, a cargo de Francisco Bittencourt, já está em andamento e a gente pretende lançar o livro o mais rapidamente possível (*LAMPIÃO*, 1979, nº 16, p. 3).

A obra citada no excerto acima não foi a única editada, traduzida e produzida pela editora Esquina, como *Lampião* mostrou em sua última edição – que chega ao fim devido à problemas financeiros e também a cisões e diferentes visões entre os editores – os editores e

colaboradores estavam atolados em diversos grupos e atividades relacionadas a militância, a palestras, divulgação de trabalhos (LAMPPIÃO, nº 37, 1981, p. 2)³⁹. Mesmo o jornal chegando ao fim, abriu leque para diversas outras frentes.

³⁹ Sessão Cartas na mesa, intitulada: “Estamos aí”, sem autor identificado.

CAPÍTULO – 2

2.1 – As (re)construções das masculinidades retratadas em *Lampião*

Nossas análises sobre o jornal apontam para três representações da masculinidade que disputavam pela hegemonia (CONNELL, 2013). No discurso jornalístico, podemos analisar uma crítica às formas de masculinidades vigentes no período. Primeiro, aquela imagem produzida por setores contrários ao regime ditatorial. Nesse caso, os partidos de esquerda organizados, dos trabalhadores, militantes, estudantes. Segundo, as representações pautadas no consumo, do homem bem-sucedido, relacionado ao aumento da classe média e desenvolvimento do neoliberalismo. Terceiro, a imagem homogeneizada pelo regime militar, que prega e defende uma forma de viver a masculinidade – homens militarizados e rígidos –, que é propagada por ele e protegida pela formação do núcleo familiar, sendo homem e mulher a forma legítima de constituir família, tendo um papel definido para representar. Essa última, porém, abre espaço para as representações do segundo.

O período é repleto de transformações que acarretam também transformações das masculinidades. *Lampião*, ao tecer críticas a essas formas de masculinidades, denuncia quais eram esses aspectos, essas características. Algumas delas são base para todos os setores que disputavam as representações da masculinidade hegemônica, como: heterossexualidade e paternidade. O jornal empenha-se em desconstruir a imagem do:

machão que não é machão coisa nenhuma, mas um pobre coitado às voltas com problemas terríveis de virilidade, afirmação pessoal e sede do domínio. Frágil, débil, condicionado há milênios a ser antes de tudo um forte, o machão se realiza muito mal no amor (LAMPIÃO, 1978, nº 3, p. 2).

O trecho acima é retirado da coluna Opinião, escrito por uma das colaboradoras, a Zsu Zsu Vierira, que tem como título: “A doença Infantil do Machismo”, o que dá um tom a um dos assuntos/objetos que serão discutidos pelo jornal: os machos heterossexuais, que até então estavam acostumados a serem os sujeitos e não objetos (MONTEIRO, 2000). Os discursos em *Lampião*, em sua busca pela “desmistificação do machão”, dão vestígios da formulação dessas masculinidades em (re)construção. No excerto abaixo, tirado da entrevista com Winston Leyland⁴⁰ na coluna Reportagem, vemos a relação com a capacidade de procriar como uma característica básica para a formação da masculinidade.

⁴⁰ Diretor-editor da Gay Sunshine Press, considerado o mais antigo jornal homossexual americano (1970), tinha uma tiragem de 8 mil exemplares no início e atingiu na época da entrevista (1978) 25 mil exemplares só nos

Além disso, certos personagens femininos funcionam como reparadores da masculinidade ameaçada. É o caso de Deedee (Shirley McLainef) que abandonou uma promissora carreira de primeira bailarina para fazer filhos e provar assim a virilidade do marido conhecido como bicha. Mas o filme quer se mostrar sensato e objetivo, e para tanto se reveste de meios-tons permissivos, como no diálogo onde Emilia e Emma (Anne Bancroft) conversam com naturalidade sobre as preferências homossexuais de uma antiga bailarina do grupo. Tal naturalidade se revela forçada e incapaz de disfarçar as intenções proselitistas do filme com seu medo irracional à homossexualidade; basta lembrar que o único personagem obviamente bicha é o jovem coreógrafo apresentado como temperamental e antipático (LAMPIÃO, 1978, nº 2 p. 11. Grifo nosso).

Além da paternidade, outro destaque que podemos perceber é o medo de ser comparado à *bicha*, que é superado quando o personagem consegue ter uma filha. Procriar está ligado à construção do masculino, já que a paternidade também é prova da heterossexualidade. Em outra passagem, essa relação da paternidade como prova de masculinidade também é apresentada:

Que tal uma seção de Receitas do Prazer, inventando modos de como fazer melhor "a coisa"? 4 – Não me identifico porque não sou guei. Sou casado e bem casado, pai de duas meninas. Na minha juventude primeira transei muito, mais por dificuldades financeiras, embora me desse prazer. Depois casei, deixei tudo que era de bicha (LAMPIÃO, 1978, nº 2 p. 15).⁴¹

Além de afirmar que é “casado e bem casado”, a prova disso, que legitima seu casamento heterossexual, são suas filhas, assim, não restam dúvidas sobre sua sexualidade, mesmo que tenha tido experiências homoafetivas na adolescência, como cita.

Questões relacionadas à força, à coragem, a gestos corporais, formas de se portar, são ingredientes que compõe as construções do masculino veiculados no jornal e que perpassam as construções formuladas tanto pela direita, como pela esquerda⁴².

EUA. Em sua ida ao Brasil concedeu uma entrevista o lampionico: João Silvério Trevisan e James Levender (LAMPIÃO, 1978, p. 9).

⁴¹ Aqui temos outro caso de um excerto retirado de uma carta publicado na sessão “Cartas na mesa”. Também como nas outras aqui analisadas, não vemos nessa carta o intuito descrito pelos editores que os levavam a falsificar cartas. Por não se encaixar nesses quesitos: provocar discussões ou apresentar pontos de vistas contrários aqueles publicados. Aqui o leitor apenas sugere alguns assuntos que acharia interessante se o jornal trabalhasse o que não se realiza ao analisarmos as edições futuras.

⁴² Direita e Esquerda são conceitos carregados de história, sendo difícil uma conceituação simples, rápida, fixa. Não sofreu multações conceituais apenas no decorrer da história, mas também teve diferentes sentidos, significados em diferentes espaços. Logo, a esquerda ou direita brasileira tem suas características próprias diferentes da Europa ou EUA. Um exemplo é a formação de parte da ordem franciscana na Teologia da Libertação, que lutava contra a desigualdade e foi fortemente perseguida na ditadura militar (LÖWY, 2000). Martin Baró, psicólogo Latino-Americano, teve forte influencia da Teologia da Libertação nos seus trabalhos. Por isso, torna-se difícil uma conceituação rápido dos termo, preferimos utilizar aqui a citação abaixo para definir os conceitos, sabendo no entanto que é apenas uma entre diversas formas de significar os termos, que não existe uma interpretação unica e fixa pra esses conceitos.

Com ou sem camisa, Paraguassu consegue impressionar. Tipo gaúcho, ombros largos, rosto de traços brutos, é sempre visto com os cabelos em desalinho, apesar de curtos [...] Nos corredores da Câmara, é considerado uma pessoa acessível e, sem fugir ao peso das tradições e do folclore, é gaúcho de fala grossa e firme. Alasseu secretário também tem o tom de voz marcadamente grave. É provável que Paraguassu tenha encontrado nele a ajuda para a manutenção de seu caráter irrevogavelmente sólido (LAMPÍÃO, 1978, nº 2, p. 8).

Lampião, a princípio, demonstra-se impressionado pelos atributos do deputado em questão: “*ombros largos, traços brutos, fala grossa e firme, caráter sólido*”. Esses atributos dão indícios das representações do masculino ligadas ao corpo e à moral (caráter sólido), vistos como positivos, o trecho foi retirado da coluna Esquina e fala sobre o despojamento do Deputado, pelo MDB, Gaúcho Aluizo Paraguassu.

No gênero, a prática social se dirige aos corpos. Através dessa lógica, as masculinidades são corporificadas, sem deixar de ser sociais. Nós vivenciamos as masculinidades (em parte) como certas tensões musculares, posturas, habilidades físicas, formas de nos movimentar, e assim por diante (CONNELL, 1995 p. 189).

Ao responder uma carta no nº 0, sobre o jogador de futebol Rivelino, *Lampião* questiona a visão sobre masculinidade/virilidade do leitor. Esse questionamento gera mais cartas em “defesa” dos atributos do jogador, e mais uma vez *Lampião* discorre sobre os perigos de uma masculinidade excessiva ligada a honra, força, brutalidade e violência. Segue o excerto retirado da sessão Cartas na mesa da resposta de *Lampião*: observa-se mais traços das representações das masculinidades do período:

Apenas comete o erro, demasiado frequente entre os machões, de confundir virilidade com honra. Doca Street, por exemplo, fez a mesma confusão no momento em que deu cinco tiros no rosto da pobre Ângela Diniz. E que outra coisa senão essa virilidade “em estado natural, bruta”, levaria homens como Michel Alberi Frank a abusar de meninas indefesas como Cláudia Lessin Rodrigues? E Araceli, aquela criança de Vitória, lembram-se? Os rapazes que a mataram eram igualmente de uma virilidade exasperante (LAMPÍÃO, 1978, nº 2 p. 14).

“Adicionalmente, a esquerda se caracteriza por atribuir ao Estado papel ativo na redução da injustiça social ou da desigualdade, enquanto a direita, percebendo que o Estado, ao se democratizar, foi saindo do controle, defende um papel do Estado mínimo, limitado à garantia da ordem pública, dando preponderância absoluta para o mercado na coordenação da vida social. Porém, em relação ao Estado, há divergências dentro da própria direita, porque a experiência histórica mostra que apenas quando há forte aliança dos empresários com a burocracia do Estado se consubstancia uma estratégia nacional de desenvolvimento. Por sua vez, por muito tempo a esquerda rejeitou o Estado, que para Marx seria “o comitê executivo da burguesia”, e para os anarquistas, o mal maior. No entanto, a experiência histórica demonstrou que nas democracias o Estado foi deixando de representar apenas os interesses da classe dominante para transformar-se em principal instrumento de ação coletiva à disposição da sociedade. Enquanto no processo histórico o capitalismo se revelava, a um só tempo, um regime injusto e corrupto — mas o único sistema econômico viável porque relativamente eficiente —, a democracia se revelava o instrumento por excelência através do qual as sociedades modernas domavam esse capitalismo: tornavam-no menos injusto e menos corrupto (BRESSER-PEREIRA, 2006, p. 27)”.

Outro fragmento ligado à construção da masculinidade está associado à transformações no estilo de vida urbano e à questão econômica do período, e reforçam a ideia de que a masculinidade é tem como base/princípio básico a heterossexualidade e a paternidade.

Em nossa época, quando as mulheres redefinem seus papéis e imagens, os homens devem fazer o mesmo. Embora os homens straight⁴³ definam suas idéias (sic) segundo uma série de parâmetros (força, realização pessoal, sucesso, dinheiro), dois deles sempre se manifestam: suas atitudes em relação às mulheres e à paternidade (LAMPÍÃO, 1978, n°8, p. 8).⁴⁴

No excerto, percebemos que os questionamentos femininos causam a necessidade de redefinições para o masculino (MONTEIRO, 2000) e aponta para dois aspectos que são a base para a construção da masculinidade: heterossexualidade e paternidade. Além disso, também fala sobre como os homens heterossexuais se definiam no período, aspectos relacionados à questão econômica. O aumento das mulheres no mercado de trabalho, mesmo com a crise, faz com que a renda das famílias aumente, cresce a classe média e o consumo (CARVALHO, 2002). Outro ponto que leva a construção da masculinidade também ser atrelada ao sucesso econômico: para ser homem é preciso ter. Eles disputam agora com outras mulheres o poder aquisitivo, gerando neles crises e reafirmando a necessidade de manter-se no lugar do provedor (MONTEIRO, 2000).

Abaixo podemos ver a relação que *Lampião* faz com o sistema econômico capitalista e as relações de gênero e sexualidade:

Ora, a produção organizada em bases capitalistas e lucrativas fomenta a supremacia do macho, por necessitá-la. Basta lembrar a situação - limite da mulher operária que, indiretamente, garante a estabilidade da mais-valia; o patrão não precisa pagar a jornada de trabalho inteiramente gratuita que ela exerce dentro de casa, cuidando do lar e dos filhos, e servindo (via de regra) como objeto sexual para revigorar o macho, a mulher proletária permite que seu marido tenha disponibilidade total para produção. Ora, o homossexualismo⁴⁵ vem subverter o núcleo familiar, ao abalar as relações heterossexuais – procriavas, e ameaça as estruturas patriarcais de produção (capitalista

⁴³ Termo em inglês para se referir ao heterossexual.

⁴⁴ Trecho retirado da coluna Ensaio que foi condensado de um trabalho de Seymour Kleinberg (1933-2000), ator, artista, escritor estadunidense. Trabalho publicado originalmente na revista norte-americana Christopher Streer.

⁴⁵ Nesse período, o termo homossexualismo ainda era utilizado, mesmo pelos próprios homossexuais que introjetaram discursos médicos que por muito tempo foram disseminados na sociedade (PÉRET, 2012; GREEN, 2000). A problematização do termo virá na década de 1990, quando o termo é retirado da OMS.

ou não) necessitadas de mão-de-obra e voltadas para o lucro. (LAMPPIÃO, 1978, nº 2 p. 9. Grifo nosso).⁴⁶

Esse excerto aponta para duas questões: primeiro da necessidade de dominação do macho sobre a mulher dentro do sistema capitalista – embora não seja muito diferente ou até pior nos sistemas socialistas do período –, para sua manutenção, já que essa produz um serviço não remunerado e serve para o revigoramento do homem (SAFFIOTI, 1976). A segunda questão é da ameaça que representa a homossexualidade para a família. Esse medo vai ser ressignificado dentro do desenvolvimento da sociedade capitalista pelos discursos médicos (FOUCAULT, 1988) que trataremos mais à frente.

Neste outro trecho, os autores do jornal apontam os perigos que a homossexualidade representa tanto para a esquerda como para a direita, que disputavam pela construção de masculinidades hegemônicas entre si (CONNELL, 2013):

Pois fiquem sabendo que os homossexuais estão conscientes de que para a direita constituem um atentado à moral e à estabilidade da família, base da sociedade. Para os esquerdistas, somos um resultado da decadência burguesa. Na verdade, o objetivo do movimento guei é a busca da felicidade e por isso é claro que nós vamos lutar pelas liberdades democráticas. Mas isso, sem um engajamento específico, um alinhamento automático com grupos da chamada vanguarda (LAMPPIÃO, 1979, nº 10 p. 9).⁴⁷

A homossexualidade representa o oposto da heterossexualidade, que é uma das bases para a masculinidade, historicamente ligada ao poder (SCOTT, 1990). A disputa travada pelos setores de esquerda e direita, de se desvencilharem da homossexualidade e atribuírem aos seus adversários políticos essa “corrupção” moral, é ingrediente para construção de uma masculinidade ideal, ligada à superioridade dos homens de ambos os setores.

Relações de gênero são sempre arenas de tensão. Um dado padrão de masculinidade é hegemônico enquanto fornece uma solução a essas tensões, tendendo a estabilizar o poder patriarcal ou reconstituí-lo em novas condições. Um padrão de práticas (isto é, uma versão de masculinidade) que forneceu soluções em condições anteriores, mas não em novas situações, é aberto ao questionamento – ele, de fato, será contestado. Tal contestação ocorre continuamente, através dos esforços do movimento de mulheres (nos níveis local, regional e global), entre gerações em comunidades de imigrantes, entre modelos de masculinidade gerencial, entre rivais por autoridade política, entre reivindicadores por atenção na indústria de entretenimento, e assim por diante. A contestação é real, e a teoria de gênero não prevê qual

⁴⁶ Trecho retirado da coluna Ensaio, estrito por João Silvério Trevisan, título: “Estão querendo convergir. Para onde?”.

⁴⁷ Trecho retirado da coluna Reportagem; título: “Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP: Felicidade também deve ser ampla e irrestrita”, escrito por Eduardo Dantas, O trecho trata de uma cobertura dos debates que houve na USP sobre os temas das minorias, dos quais membros do Somos e do Lampião participaram.

prevalecerá – o processo é historicamente aberto (CONNELL, 2005, p. 272).

Lampião desenvolve um intenso diálogo com os setores de esquerda do período. Tece diversas críticas a esse setor, e denuncia as construções da masculinidade forjada dentro desses espaços, o preconceito e o machismo.

Em uma entrevista com Gabeira⁴⁸, ex-guerrilheiro, que voltava do exílio no final de 1979, traços das masculinidades e seus deslocamentos são apresentados, como a questão da “derrota” da resistência da esquerda ao regime ditatorial e todos os símbolos que essa esquerda revolucionária carregava, em específico a figura do macho revolucionário:

Aguinaldo - É, mas nas Américas latinas a coisa deve ser mais difícil. Afinal, por aqui o bolo da revolução sempre foi o Homem, com sua boina, sua barba a sua potente arma na mão.

Gabeira – Sim, mas isso é uma coisa que, com o fracasso da experiência da guerrilha aqui no continente americano, com o período da contra-revolução, que começou na queda de Allende, passou a ser contestada. Quer dizer, foi colocada em xeque a idéia (sic) do símbolo portador dessa revolução, que é o macho (LAMPIÃO, 1978, nº 18, p. 7).

Nesse primeiro excerto da entrevista, Aguinaldo Silva apresenta a figura de uma masculinidade atribuída aos revolucionários, aos homens de esquerda, assim nos resta deduzir que o modelo de masculinidade da esquerda entra em xeque (como anuncia Gabeira), enquanto o modelo de masculinidade liberal, assim como o sistema capitalista, se consolida. Em uma matéria sobre o governo Cubano, a necessidade de reformulação da masculinidade para os revolucionários é apontada:

De um funcionário do governo, Allen ouviu também explicações de que era necessário acabar com a homossexualidade, porque para vencer o imperialismo, a Revolução precisava construir uma imagem de virilidade do novo homem cubano. Mas o mesmo final, apresentado como indiscutibilidade, era de que o homossexualismo ligava-se estreitamente ao estilo de vida de Cuba do ditador Batista, considerada o paraíso das bichas simplesmente porque, naquele tempo, os casaram e boates viviam cheios de marionetes e travestis que já defendiam seu salário. [...] A milícias agarraram todos os que tinham cabelo comprido, nos parques e nas filas, e raparam (sic) a cabeça deles à força (LAMPIÃO, 1981, nº 33 p. 11).⁴⁹

⁴⁸ Fernando Paulo Nagle Gabeira é jornalista, escritor e político brasileiro filiado ao Partido Verde. Ficou famoso por ir a praia com uma tanga de crochê após sua volta do exílio. Nos referiremos a ele partir de agora como Gabeira.

⁴⁹ Coluna Reportagem, intitulada: “A História que a mãe-revolução não conta”, escrita pelo João Silvério Trevisan.

Nesse excerto, podemos notar que mudanças ideológicas e políticas dos governos geram a necessidade de reformular as características que compõem a masculinidade, embora não se exclua por completo as características tidas como “essenciais”, “fundantes” da identidade masculina, como força, honra e poder econômico por exemplo. Essa reformulação é idealizada, cria-se uma imagem que seria apropriada ao novo homem desse regime político, e algumas das características ligadas ao regime anterior são fortemente criticadas (MONTEIRO, 2000; CONNELL 2013; SCOTT, 1990).

Nesse período, onde havia mudanças culturais, com o processo de abertura política e desenvolvimento econômico ligados ao crescimento das classes médias, do estilo de vida urbano e da forte influência da mídia televisual (CARVALHO, 2002), a imagem masculina ligada ao regime militar, de homens rígidos, passa a dar lugar ao homem bem-sucedido, que cuida de si. A esquerda, que experimenta o fracasso da guerrilha, a desilusão com o socialismo da União Soviética, passa a reformular também sua masculinidade.

Gabeira - Antes eu queria falar de outra coisa que foi muito importante para o questionamento da visão que se tinha do militante, uma pessoa que jamais vacilava, que procurava ser rígida, dura e firme. Até nossos manuais contra a tortura: alguns deles recomendavam que a gente sorrisse, de uma forma bem sarcástica para o torturador, como se isso fosse possível... Foi compreendendo que a gente não era tão forte quanto imaginava, que se chegou a uma compreensão de nossa própria força. A gente viu, por exemplo, na relação com a tortura, que era fundamental em certos momentos ceder para poder recuperar o fôlego em outros. Quer dizer, era tudo uma relação em que você era uma pessoa finita, limitada, não um super-homem. Esse "cair do cavalo" num certo sentido - a gente, na verdade, não era o super-homem que estava mais ou menos implícito naquela compreensão da luta armada - foi o primeiro baque, o primeiro caminho pra gente se voltar para os nossos mecanismos psicológicos. - Outro aspecto que pesou muito foi este encontro com o movimento feminista. Porque entre nós, militantes da esquerda, havia uma superação apenas superficial do problema de divisão de tarefas - os homens formulavam as linhas políticas e as mulheres propagandeavam, era clara a divisão do trabalho (LAMPPIÃO, 1979, nº 18 p. 7. Grifo nosso).

Mais uma vez a visão de militantes rígidos, firmes é destacada nesse trecho da entrevista com Gabeira. A esquerda propunha uma visão de masculinidade que não se diferenciava muito da proposta pelo regime militar. Essa mudança é fruto do contato dos militantes, dos exilados com os movimentos feministas e homossexuais no exterior, e do surgimento dessas discussões levantadas por membros homossexuais e feministas que compunham também os espaços da esquerda como os sindicatos, faculdades e outros

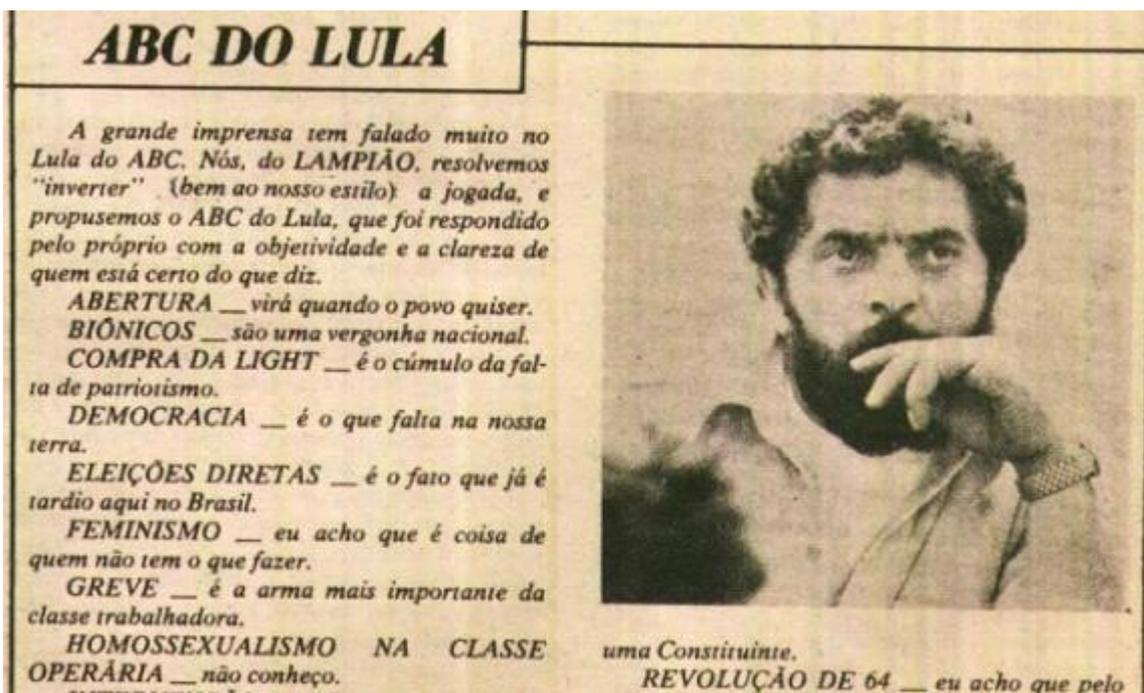
movimentos organizados. Na entrevista, é apontado também para a necessidade de elaborações de gênero e sexualidade que a esquerda não realizou:

Aguinaldo - É, o drama todo tá aí: a esquerda formulou uma política para a classe operária, uma política para os trabalhadores do campo, uma política de alianças, uma política cultural...

Francisco - Mas trepar, que é bom...

Gabeira - Como ela não formulou uma política sexual, acabou adotando a política sexual da burguesia. Neste sentido é que eu acho que existe uma grande importância nos movimentos das mulheres e dos homossexuais, no sentido de trazer à cena uma política sexual de esquerda, pois eles, no seu desdobramento, já seriam essa política, no meu entender (LAMPPIÃO, 1979, nº 18 p.7).

Essa relação entre a esquerda e os movimentos feministas e homossexuais foi repleta de tensões. E *Lampião* buscou refletir e criticar o posicionamento preconceituoso da esquerda. Líderes políticos de relevância, como o caso de Lula, negavam a existência da homossexualidade dentro da classe trabalhadora.



(Imagem nº 3, Ano 1979) #PraCegoVer

Em uma reportagem realizada por *Lampião*, diversas entrevistas são feitas com operários sobre o tema da homossexualidade. Seguem quatro depoimentos: “— Fresco? Olha, esse negócio de fresco é lá em São Paulo. Aqui eu nunca vi não. E, talvez tenha, mas não põe o nariz pra fora da porta, não.”(Jorge Luis da Silva, ferramenteiro). (LAMPPIÃO, nº 14 p. 9); “O que, garota? Viado? Olha aqui, viado, comigo, é na porrada! Não, nunca me fizeram nada, mas é bom nem tentar!” (Luis Duarte da Rocha, operário) (LAMPPIÃO, nº 14 p. 9);

"Viado? tem sim. Só que dão duro tanto quanto nós. Eles têm família também, né? E lá na produção nem tem tempo para viadagem, não. Viado aqui trabalha duro." (João Borges da Silva, operário) (LAMPPIÃO, nº 14 p. 9);

— Viado? Não: quando eu vejo um, me dá logo vontade de dar porrada. /—também não é assim, né, cara? /—vai me dizer que você gosta? /—bom, gostar, não sei... / Mas já transou? / Quer saber de uma coisa? Já. E não me tirou pedaço, nem deixei de ser homem por isso. /—É, mas quem come acaba dando... / - Eu sou é macho, cara! (Mudando de tom). / Foi em São Paulo: lá tem cada boneca... Tava muito frio, ela me levou pra casa dela. A gente saiu várias vezes. Depois, tomei um porre, quando vi, estava trabalhando no Paraná, em Itaipu (LAMPPIÃO, 1979, nº 14 p. 9).⁵⁰

Nesses excertos, dois depoimentos mostram o preconceito, invisibilidade e a forma violenta como a classe trabalhadora se referia aos homossexuais. Essa exasperação demonstra que a masculinidade também deve demonstrar força, violência contra aquilo que os homens (operários) acreditavam estar relacionados com feminilidade (CONNELL, 2013). Apenas João Borges da Silva não fez comentários pejorativos e estereotipados dos homossexuais, e mesmo esse último excerto, que não dá o nome, ao assumir que já havia se relacionado com um homossexual, não se identifica como homossexual, porque na relação que teve desempenhou papel ativo. Essa visão binária e heteronormativa da homossexualidade: homossexual/bicha/passiva/"mulher" vs hetero/bofe/ativo/homem era muito comum no período, e ainda hoje em determinados espaços.

A categoria "bicha" se define em relação à categoria "homem" em termos do comportamento social e sexual. Enquanto o "homem" deveria se comportar de maneira "masculina", a "bicha" tende a reproduzir comportamentos geralmente associados ao papel de gênero (gender role) feminino. No ato sexual, o "homem" penetra, enquanto a "bicha" é penetrada. [...] o ato de penetrar e o de ser penetrado adquirem, nessa área cultural, através dos conceitos de "atividade" e "passividade", o sentido de dominação e submissão. Assim o "homem" idealmente domina a "bicha". Além disso, a relação entre "homem" e "bichas" é análoga à que se estabelece entre "homens" e "mulheres" no mesmo contexto social, onde os papéis de gênero masculino e feminino são altamente segregados e hierarquizados (FRY, 1982, p. 90).

As discussões e críticas sobre a relação entre movimento homossexual e esquerda aparecem em diversos espaços. Um deles de grande relevância é a reunião realizada pela USP para discutir com os ditos movimentos identitários: feministas, negros e homossexuais sobre as formas e estratégias de lutas possíveis.

⁵⁰ Coluna Reportagem, intitulada: "Alô, Alô classe operária: e o paraíso, nada?", sem autor identificado.

O preconceito que se manifesta na esquerda ficou demonstrado pelo depoimento de uma estudante, que informou ao plenário sobre a existência de um trabalho preparado pela Escola de Comunicação e Artes da USP (a famosa ECA), intitulado "A ausência do homossexualismo na classe proletária". A piada foi recebida com o que se esperava: muitos risos. E outra estudante foi ainda mais clara: "Nós precisamos acabar com essa palhaçada. Enquanto a esquerda se divide, a direita se fortalece. O importante é a liberdade, que inclui o direito de cada um ir para a cama com quem quiser. E eu quero aqui trazer a denúncia de que as chamadas vanguardas (malditas sejam!) fazem o maior patrulhamento sexual na faculdade de Filosofia da USP" (LAMPIÃO, 1979, nº 10, p. 9).⁵¹

Mais uma vez, a afirmação da não existência de homossexuais na classe proletária é discutida. Os movimentos das "minorias" teceram fortes críticas ao posicionamento preconceituoso e conservador da esquerda ortodoxa, principalmente em relação à acusação de que esses movimentos iriam dividir a esquerda e enfraquecer a "luta maior".

Os grupos discriminados (ou estigmatizados, ou minimizados) conseguiram apresentar seus pontos de vista, recusando-se a aceitar sua luta como "secundária", diluída na falsa imposição de uma "luta maior". Já de saída, os negros (reunidos no Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial) exigiram um espaço a si próprios e às análises específicas de sua problemática, na medida em que sua autodeterminação ideológica e sua identificação racial/cultural significam elementos primordiais no enfrentamento ao racismo. Ao lado dos homossexuais, foram eles os críticos mais coesos à esquerda tradicional, branca e machista, que em nome de ideologias progressistas acabam acentuando sua descaracterização cultural e ditando-lhes regras de bem-agir (LAMPIÃO, 1979, nº 10 p. 9).

Assim como os negros e os homossexuais, as feministas também criticaram os posicionamentos que membros da esquerda adotavam em relação a suas lutas específicas, o excerto abaixo foi retirado da reportagem feita por João Silvério Trevisan, com título: "*Quem tem medo das "minorias?"*". O mesmo cobriu um evento que ocorreu na USP, onde negros, homossexuais e mulheres questionavam a ideia de "luta maior" defendida por parte de uma esquerda ortodoxa:

As feministas reafirmaram corajosamente que, mesmo recebendo a solidariedade dos homens, são as mulheres que devem conduzir sua luta, sem esperar o advento de uma revolução social; ou seja, sua luta extrapola a mera luta pelo advento de uma sociedade socialista (sem classes); seus problemas ultrapassam os limites do capitalismo na medida em que a estrutura patriarcal não é privilégio dos regimes burgueses: basta, por ex., constatar a ausência de mulheres entre as lideranças dos países socialistas (LAMPIÃO, 1979, nº 10 p.10).

⁵¹ Coluna Reportagem, intitulada: "Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP: felicidade também deve ser ampla e irrestrita", autor Eduardo Dantas.

Esses questionamentos provocavam a necessidade da esquerda reformular sua posição em relação a tais movimentos. Uma nova masculinidade era necessária, menos rígida, mais aberta. A negação da existência de homossexuais na classe operária torna-se cada vez menos realista. Diversos membros do próprio jornal chegaram a militar nos espaços de esquerda.

Por que os ativistas de então sempre me olhavam daquele jeito estranho e falavam mais baixo quando eu chegava? Bichinha abstrusa como eu era, só iria entender essas coisas anos depois, quando, incomunicável durante 45 dias numa cela da Ilha das Flores, no Rio, pude afinal pensar exaustivamente sobre o assunto. Mas, antes disso, um flash-back: fui preso numa noite de novembro de 1969, levado para o Cenimar, colocado numa barca cheia de garbosos fuzileiros e encerrado, inicialmente, no pavilhão feminino daquela prisão política, por ter escrito, numa das várias edições do Diário de Che Guevara publicadas em 1968, um pretensioso prefácio no qual afirmava que "a guerrilha não acabou". Lembro-me de que, na minha primeira manhã na prisão, uma mulher (prisioneira como eu), que varria o corredor, aproximou-se da porta de minha cela e perguntou: "Companheiro, quem é você?" Eu respondi com um monólogo de cinco minutos durante o qual a aflição me fez dar muita pinta. E ouvi claramente quando a presa política, após me escutar, e falando com uma outra, murmurou: "Quá, quá, quá! É uma bicha..." Mas, como? perguntarão vocês, ficar incomunicável 45 dias por causa de um simples prefácio? Essa pergunta eu também me fiz durante 45 dias e 45 noites, até chegar à resposta: eu estava isolado na Ilha das Flores, cuidadosamente isolado, não porque fosse autor de um perigoso e subversivo texto, mas sim, porque era homossexual (LAMPIÃO, 1980, n° 26 p. 10).⁵²

A experiência de Aguinaldo Silva na prisão, devido a um prefácio, leva-o a questionar o preconceito existente na esquerda. Assim como outros membros do jornal, antes da sua formação, compusera alguns movimentos da esquerda, porém a maior parte dessa esquerda não levava suas especificidades em consideração.

Esquerda e direita são fortemente criticadas pelos editores de *Lampião*:

É por ter adotado esta e outras posições que Lampião passou a ser atacado pela direita e a esquerda. Porque não aceitamos as migalhas de poder que a direita poderia nos proporcionar, nem a tutela da esquerda, autoritária e tão machista quanto à da direita. Não somos homossexuais Profissionais nem usamos a nossa livre opção sexual para servir aos outros, como não permitiremos – tal o caso em pauta - que usem e constringam os homossexuais para servir sob a bandeira do PT ou de qualquer outro partido autoritário e machista. A Fração Homossexual da Convergência Socialista acusa o Jornal Lampião de se julgar o "porta-voz do movimento homossexual" e de ter "uma posição anarquizante e anti-esquerda". Ora, simplesmente não queremos que nós do jornal e o incipiente movimento homossexual brasileiro sejam usados e abusados por pessoas que claramente estão se preparando para tomar de assalto os futuros encontros de

⁵² Coluna Ativismo, intitulada: "Compromisso queridinhas? Nem mortas!", escrito por Aguinaldo Silva.

homossexuais, para a seguir oferecê-los numa bandeja a um partido político. (LAMPPIÃO, 1980, nº 31 p. 13).⁵³

A divergência Socialista foi pivô de discussões dentro do segundo encontro do MH⁵⁴, e teceu algumas críticas a *Lampião*. Essas divergências no interior do movimento indicam uma rica variedade de posições ideológicas, de estratégias, especificidades, que o permeavam. Outra questão que podemos intuir do excerto é que ambas as representações de masculinidade, da direita e da esquerda tinham uma mesma base em comum, heterossexualidade e paternidade como foi já dito, e apenas algumas características relacionadas à estética esquerda: barba, boinas; direita: já se iniciava a construção estética de homens sem pelo, preocupados com o corpo – isso os diferenciava, fora a questão principal que era a divergência ideológica.

Embora houvesse críticas à esquerda, alguns membros que compunham o jornal e o movimento homossexual viam nela também uma potência para transformação social.

Recado: a classe operária é sim um dos agentes de transformação social - no caso, ela impulsiona a transformação econômica. Mas como não aceitamos o pressuposto de que a transformação econômica seja a única, não queremos a hegemonia de uma suposta classe revolucionária. Porque inclusive trata-se aí de um conceito vago que os intelectuais, tecnocratas e cientistas políticos criaram para, dizendo-se representantes da sacralizada classe operária, legitimarem o seu poder. Não foi o que aconteceu na Revolução Soviética? Um partido se apropriou da definição de proletariado e, manipulando-a, tomou o poder e se apossou das demais definições; então, os dirigentes definem como louco quem divergir deles. Hoje, seus sindicatos são apenas novos instrumentos de controle social: como se supõe que a classe proletária já chegou ao paraíso, operário não pode reclamar (LAMPPIÃO, 1980, nº 25 p. 9).⁵⁵

Como notamos, os debates sobre a sexualidade tornam-se intensos e invadem a esquerda, seja por homossexuais que ali já militavam, seja por homossexuais que passam a ter consciência da necessidade e importância desses espaços, já que ali também era necessária uma desconstrução da masculinidade militante, que ignorava as lutas feministas e homossexuais. A homossexualidade era usada para diminuir o adversário político. Vista pela esquerda como um resultado da decadência burguesa e pela direita, como uma corrupção moral da esquerda. Essas acusações escondiam no fundo uma luta pela construção de uma masculinidade hegemônica da esquerda e direita, em que a homossexualidade era a principal

⁵³ Excerto tirado da Coluna Ativismo, título: “Mendigo da normalidade”, escrito por João Silvério Trevisan.

⁵⁴ Segundo Encontro do Movimento Homossexual que aconteceu em 1980, onde a A Fração da Convergência Socialista tenta impedir os representantes de *Lampião* de participarem do evento (FACCHINI, 2003)

⁵⁵ Coluna Ativismo, intitulada: “Por uma política menor: bichas e lésbicas inauguram a utopia”, escrita por João Silvério Trevisan.

acusação que se fazia para denegrir o grupo oposto. Já que, para ambos, a heterossexualidade era vista como base para uma masculinidade ideal.

A necessidade de uma constante crítica aos diversos setores sociais, que disputavam o poder e a hegemonia, é em diversas vezes ressaltada por *Lampião*:

Muito frequentemente, as bichas são acusadas de alienação política. Que não militam, não atuam, não se engajam, não lutam, não se filiam a partidos. Para a chamada Esquerda, de matriz prestena, todos nós somos nojentos, fascistas; para a Direita (pedessista e etc.), um bando de comunistas canibais a serviço de Moscou, como diria “el japonecito pauliceo”; para a contristas leberalóides, estamos espalhados pela Direita e pela Esquerda, tentando comer e ser comidos (afinal, segundo eles, não fazemos outra coisa). Ora, num momento como este que estamos vivendo no Brasil, um samba-enredo batizado de "abertura", em destaques como a anistia parcial e restrita, com uma Simone faturando em cima de Ganido Vandré, e a devida comercialização, capitalista, do "Pra não dizer que não falei de flores", quando anda no ar um leve cheiro a re (?) – democratização é preciso que a viadagem dispa a fantasia e grite BASTA!!! Não podemos aceitar entrar nesse jogo, de olhos fechados. Temos que denunciar e combater, hoje mais do que nunca, os totalitarismos neofacistas e neoestalinistas, denunciar e combater a herdeiros de Hitler\Mussoline\Franco\Salazar e os herdeiros de Stalin todos nos fuzilarão no paredão, logo que puderem, ou nos expulsarão para as sibérias, ou guianas da vida. E, também, não podemos entrar na dos liberalóides centristas, que vão querer nos encerrar, civilizada e democraticamente, nos guetos da pornografia, da prostituição e do deboche legal. No fundo, todos querem que a gente abra mais e dê passagem, para chegarem ao poder mais facilmente. Vamos nessa! Nem Mortas (LAMPPIÃO, 1980, nº 23 p. 2).⁵⁶

Nesse momento de reabertura política, de sentimento de resistência frustrado da esquerda em relação à ditadura, da experiência da tortura, do exílio, da efervescência dos movimentos feministas, homossexuais, negros, ecológicos, indígenas, as masculinidades sofrem diversos golpes (MONTEIRO, 2000). Novas reformulações das masculinidades serão feitas. Para a direita, uma masculinidade mais fluida, baseada no consumo e poder aquisitivo se desenha. O próprio movimento homossexual, ao menos parte dele, contribui para uma masculinização menos rígida ao optar por uma luta através do consumo como nos EUA.

Uma 'tendência direitista' sentida ultimamente nos movimentos de minorias norte-americanos será apenas paranoia ou tem sua razão de ser? - Apesar do suposto recuo ocorrido nos Estados Unidos, acredito que as mudanças da última década são irreversíveis, e que esse retrocesso é, na verdade, um sinal de fraqueza nos elementos conservadores que assistem à erosão de seus valores. Em condições de verdadeira tensão Política e econômica, isso naturalmente poderia mudar (LAMPPIÃO, 1979, nº 16 p. 3).

⁵⁶ Coluna Opinião, intitulada: “Esquerda, direita, um, dois”, escrita por João Carneiro Grupo SOMOS/RJ.

O trecho acima tirado da sessão Esquina, refere-se a uma entrevista concedida ao jornal pelo (na época) professor universitário da faculdade de Sidney Austrália. O professor, que publicou o livro “Homossexual: Opressão e Liberação” falam sobre suas impressões dos movimentos homossexuais nos países de língua inglesa, nesse caso cita o movimento homossexual dos EUA. O mesmo trata aqui de uma tendência – o de buscar ser aceito, atingir o status de sujeito, pela via do consumo sem fazer críticas as construções dos papéis de masculinidades fixas – que vinha crescendo dentro do movimento homossexual Norte americano. Os perigos da luta homossexual, pela via do assimilacionismo, é criticada dentro do jornal, crítica essa que aprofundaremos à frente, já que essa é uma das características dos movimentos e teóricos *queer* (SPARGO, 2017).

Um fato é inegável: o homossexual está sendo digerido e transformado em produto de consumo. Os "liberais" enchem os bolsos, sem oferecer qualquer risco ao Sistema - E Sistema aqui não é nenhum elemento abstrato - o Sistema caminha ao nosso lado e vive dentro de nós, perpetuando-se até mesmo quando supostamente encampa atitudes contestatórias, para evitar mudanças perigosas. Uma vez, uma bicha intelectual dizia do pináculo do seu elitismo. "Pra quê liberação homossexual no Brasil? Aqui, bicha já é livre faz tempo basta ver a Bolsa de Valores na praia de Copacabana, onde se faz tudo à luz do dia " Eis um exemplo perfeito da Bicha-Sistema, que está reforçando a idéia (sic) de guetos para homossexuais (LAMPPIÃO, 1978, nº 2, p. 5).⁵⁷

Ao mesmo tempo em que as minorias passam a reivindicar mais participação política nos espaços públicos, e cresce a classe média no Brasil (CARVALLHO, 2002; GREEN, 2000) as empresas vem nesses movimentos, nesses grupos, uma nova potência econômica e buscam criar serviços especializados para cada segmento, como demonstra a crítica de *Lampião* a uma revista (*Blueboy*) destinada ao público homossexual nos EUA, a preocupação da matéria nos dá indícios de que aqui também se via esse movimento por parte das empresas.

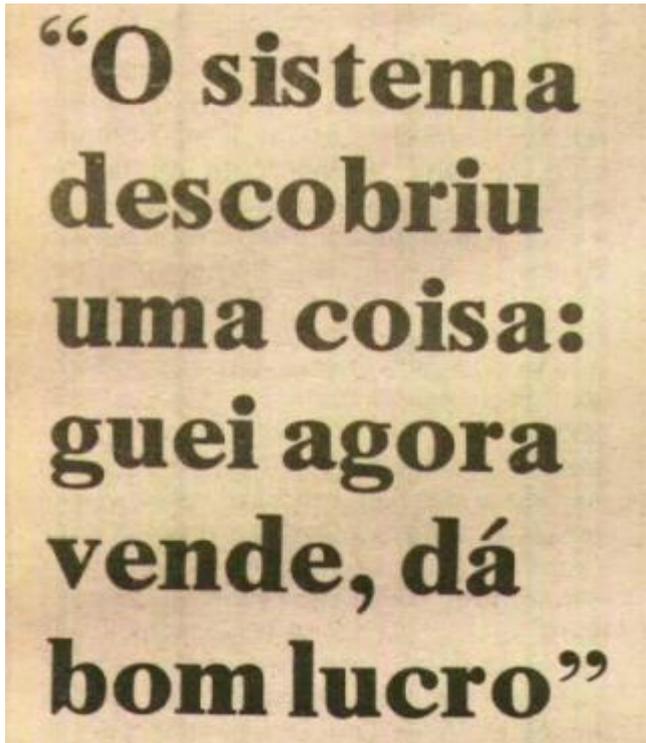
Mas talvez o que melhor caracteriza essa revista é o tipo de anunciantes que ela atrai e as novas necessidades especificamente gueis que estes criam. Há anúncios vendendo o estilo de vida guei, à moda guei, a literatura guei, o perfume guei, as excursões gueis, o seguro de vida guei, a mobília, o relógio, o corte de cabelo, a massagem, as jóias, tudo guei. E ainda os métodos milagrosos para a cura da impotência, o crescimento do pênis, lições de halterofilismo a domicílio, etc. Tudo prático. É só pagar. Ah, sim, a seção de fotos de nus acaba por ser a mais inocente da revista; não tem nada mais que fotos de nus. *Blueboy*, revista mensal, 100 páginas. Sede: Miami, Flórida. USA (LAMPPIÃO, 1978, nº 2 p. 5).⁵⁸

⁵⁷ Coluna Esquina, intitulada: “Um produto novo na praça”, escrito por João Silvério Trevisan.

⁵⁸ Coluna Esquina, intitulada: “No paraíso do consumo guei”, escrito por Paulo Sérgio Pestana.

No excerto acima, a questão do consumo tendo como foco atender aos homossexuais, acabaria reforçando os guetos e não possibilitando a desconstrução das masculinidades homogêneas. O efeito seria o contrário, o de produzir identidades (SILVA, 2000) fixas aos homossexuais facilitando a cooptação desses consumidores pelas empresas.

Nesta imagem abaixo, *Lampião* aponta para a descoberta que o sistema capitalista faz: homossexuais são um mercado inexplorado ainda:



“O sistema descobriu uma coisa: guei agora vende, dá bom lucro”

(Imagem n° 4, Ano 1978) #PraCegoVer

A relação com o consumo, com o sistema capitalista ou mesmo de regimes socialistas é uma preocupação de *Lampião*, que, como mostramos, aponta para mais de uma forma de masculinidade, as quais direita e esquerda produziam e disputavam entre si a construção de uma masculinidade ideal. Podemos apontar, através de *Lampião*, que o período produzia mais de uma masculinidade e elas estavam se reformulando, na tentativa de responderem às mudanças da época e responder aos movimentos que as criticavam (MONTEIRO, 2000; CONNELL, 2013). Passaremos a analisar as propagandas veiculadas no jornal com a finalidade de compreender quais eram os estereótipos das identidades homossexuais produzidas no período.

2.2 – Propagandas e o estereótipo dos homossexuais.

Lampião da Esquina lutava contra o estereótipo atribuído ao homossexual, afirmando a existência de uma diversidade maior da experiência como homossexual ou se apresentava um estereótipo único e caricato (reproduzindo esse discurso), perceptível em suas propagandas?

Ademais, vale ressaltar que os termos homossexualidade, homofobia e estereótipo são utilizados neste texto, entendendo-se por homossexual a definição dada por Couto (1999), como a pessoa que sente atração pelo mesmo sexo; já a homofobia:

transcende tantos aspectos de ordem psicológica, quanto a hostilidade e a violência contra pessoas homossexuais, bissexuais, travestis, transsexuais e intersexo, etc. Ela, inclusive, diz respeito a valores, mecanismos de exclusão, disposições e estruturas hierarquizantes, relações de poder, sistemas de crenças e de representação, padrões relacionais e identitários, todos voltados a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única sequência sexo-gênero-sexualidade centrada na heteronormatividade e rigorosamente regulados pelas normas de gênero (JUNQUEIRA, 2009, p. 375).

No que se refere ao termo estereótipo, segundo Bardin (1977), é uma ideia, imagem, que temos de algo, que surge espontaneamente, quando citamos alguma coisa, pessoa:

Corresponde a uma medida de economia na recepção da realidade, visto que uma composição semântica pré-existente, geralmente muito concreta e imagética, organizada em redor de alguns elementos simbólicos simples, substitui ou orienta imediatamente a informação objetiva ou percepção real. Estrutura cognitiva e não inata (Submetida à influência do meio cultural, da experiência pessoal, de instâncias e de influências privilegiadas como as comunicação de massa), o estereótipo, no entanto mergulha as suas raízes no afectivo e no emocional, porque está ligado ao preconceito por ele racionalizado, justificado ou engendrado (BARDIN, 1977, p. 51-52).

Foram publicadas 290 propagandas no jornal, sendo que muitas dessas são sobre o produto de uma mesma empresa, que se repetem ao longo das edições. Algumas empresas mudaram as imagens e frases das propagandas veiculadas ao longo das publicações, outras mantiveram-nas.

As propagandas foram divididas em sete categorias de análises, sendo:

- ***Balada, saunas e bar*** (112 propagandas veiculadas por 18 empresas, das quais sete alteraram o design de suas propagandas ao longo das edições).
- ***Advogados, médicos e psicólogos*** (68 propagandas veiculadas, sendo de 11 empresas).
- ***Casa, decorações e arte*** (33 propagandas veiculadas por seis empresas, mas apenas uma mudou seu design ao longo das edições).
- ***Estética, corpo e beleza*** (27 propagandas veiculadas por três empresas, das quais uma mudou seu design ao longo das edições).

- *Cursos, dança e idiomas* (8 propagandas veiculadas por sete empresas, das quais uma mudou seu design ao longo das edições).
- *Nus masculinos* (12 propagandas veiculadas por seis empresas, das quais duas mudaram seu design ao longo das edições).
- *Outros, pets e gráficas* (26 propagandas veiculadas por sete empresas, das quais uma mudou seu design ao longo das edições).

A categoria *balada, saunas e bar* é a que mais foi publicada no jornal, tendo em vista que naquele período não havia meios de comunicação como a *internet* ou aplicativos de encontro. Os lugares de encontro para pessoas homossexuais eram limitados e poucos eram os espaços que possibilitavam flertes e paqueras. Cinemas (como o Iris do Rio, muito veiculado e discutido pelo jornal em diversas edições), banheiros públicos, poucos bares, saunas e casas de shows eram os ambientes que possibilitavam interação entre os homossexuais, mas muitos deles não eram seguros e eles corriam o risco de serem abordados pela polícia. É o caso dos que frequentavam o cinema Iris, como indicado na excerto abaixo:

Duas horas depois, 23h20m. O carro para no sinal da Rua Uruguaiana, seu motorista olha cautelosamente, e depois avança no rumo da Rua da Uruguaiana. A maioria dos frequentadores do Cinema Iris sentiria sua aproximação e o reconheceria apenas pelo ronco do motor: é um carro da polícia, da 3ª DP. Ele pára na porta do cinema, e dele descem três homens. Atravessam a rua, entram num bar que mantém uma porta aberta, diante do cinema, tomam um cafezinho. Depois retornam, e se deslocam estrategicamente à porta. Vai começar o que os policiais chamam de "Sessão Coruja": -um jeito certo, tranquilo de abarrotar os xadrezes com os "criminosos" mais procurados pelos agentes da lei: os desocupados, muitos deles frequentadores das longas sessões do Cinema Iris (LAMPPIÃO, 1978, nº 0, p. 8).⁵⁹

É interessante notar a forma como essas propagandas veiculavam as imagens no jornal e como foram mudando seu design ao longo das edições. Duas em particular chamam a atenção, a do Celso's Bar e da sauna Thermas Danny:

⁵⁹ Coluna Reportagem, intitulada: "Cinema Iris: na última sessão, um filme de terror", sem autor identificado.



(Imagem 5, Ano 1978) #PraCegoVer



(Imagem 6, Ano 1980) #PraCegoVer



(Imagem 7, Ano 1980) #PraCegoVer



(Imagem 8, Ano 1981) #PraCegoVer

Nota-se a evolução das imagens. Nas primeiras edições (como em todas os outros anúncios), a propaganda era simples, só com informações objetivas, contendo os serviços oferecidos pelo local, sauna e massagem, endereço e nome. Informações básicas. Já a partir da edição número 25 (imagem 5), uma frase é adicionada “encontre um amigo”, “visite”, dando a entender que o local era propício para flertes. Essa frase permanece na imagem 7, que acresce uma cena de dois homens, em que um se apoia no outro, anunciando um clima de tranquilidade. Já na última há mudança de design e observa-se um cupido flechando um coração (imagem 8).

A evolução dos significados demonstra não apenas uma atenção maior para as propagandas, dando mais detalhes no seu design, mas como naquele momento era possível publicar-se lugares de encontros que dessem a entender sua finalidade: do encontro homoafetivo. Mesmo se levamos em consideração que o jornal era para homossexuais e eles não precisavam tomar os cuidados para “passar” essa finalidade, essa atenção na construção busca cativar os consumidores do jornal não apenas com informações técnicas, mas com significados para aquela comunidade.

Na imagem 5, subentende-se que naquele espaço o homossexual poderia encontrar um amigo; na propaganda 6, a indicação dos dois homens sugere que seria possível encontrar um amigo e amante, e na última, quando a propaganda é atrelada a um cupido, anuncia-se a possibilidade de ali encontrar um amor, um amante.

A propaganda explorou a possibilidade de encontros que não eram fáceis no período, criando um imaginário romântico do lugar, algo que carecia ao mundo gay naquela época, ou que faltava aos homossexuais de classes menos abastadas. Importante ressaltar aqui que essa proliferação de espaços privados oferecendo a possibilidade de encontros homoafetivos fora dos: banheiros, praças, cinemas aconce em período de ditadura (GREEN, 2002; PÉRET, 2012).

Com o crescimento das cidades, desenvolvimento econômico, crescimento das indústrias nas décadas de 1960 e 1970 (CARVALHO, 2000) a um exodo de homossexuais de zonas rurais, cidades do interior, na busca pela possibilidade de maior liberdade de exercer a sexualidade, longe dos olhos vigilantes dos familiares e conhecidos (GREEN, 2000). Esses exodos, junto com os homossexuais que ali já viviam (nas grandes cidades) gera um aumento da demanda por espaços que possibilitem seus encontro, e mesmo com a ditadura e a rigida moral do período, o regime não dava conta de fiscalizar todos esses espaços, embora houvesse sim diversas batidas policiais nos cinemas e outros espaços “abertos” como banheiros. Esses espaços mostravam-se mais seguros para homossexuais que conseguiam usufruir de um pouco mais de segurança para manifestação dos seus afetos (GREEN, 2000).

Observa-se a mesma estratégia em explorar a carência de lugares para este público, até o período analisado, na propaganda do Celso’s Bar e Belco’s Bar.



(Imagem 9, Ano 1978) #PraCegoVer



(Imagem 10, Ano 1980) #PraCegoVer

Na primeira (imagem 9), novamente a frase sobre a possibilidade de encontrar um amigo; na segunda (imagem 10) há a sugestão de que o bar é frequentado tanto por homossexuais como lésbicas (para Marias Bonitas e Lampiões), além de acrescentar a

imagem de um anjo tocando uma harpa – imagem relacionada novamente ao amor, a possibilidade de encontrar um parceiro, indicando um ambiente romântico. Tanto o bar quanto a sauna oferecem ao homossexuais espaços de encontro, tão restritos naqueles anos, que possibilitavam uma conversa, sexo ou algo mais duradouro.



(Imagem 11, Ano 1980) #PraCegoVer

Na imagem 11, novamente o cupido sugere o Louge 80 como ambiente possível e seguro para encontros.

Outras propagandas de bares recorrem a estratégias semelhantes para indicar o tipo de público a que se destinava, como o caso do The Club (imagem 12), que apresenta dois rapazes brindando em uma mesa, atendidos pelos serviços disponíveis no local.



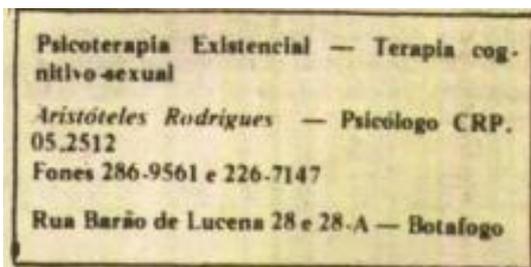
(Imagem 12, Ano 1980) #PraCegoVer

As propagandas voltadas a esse nicho trazem palavras como shows, músicas, arte, evocam a ideia que se cristalizou do homossexual, do estereótipo, voltado a um mundo musicalizado, dançante e com gosto estético sofisticado. Daí o uso da palavra arte em diversas das propagandas, mesmo voltadas para entretenimento, bares, saunas, casas noturnas.

A segunda categoria de publicidade mais veiculada é a de serviços, voltada a *advogados, médicos e psicólogos*, sendo em particular a psicoterapia.

O que notamos na quantidade de propagandas dessa natureza que são publicadas, é que empresas relacionadas à saúde e direito acreditavam que o jornal continha um público que demandava esses serviços. Lembrando que essas áreas, medicina, judiciário, psicologia, tiveram o domínio do discurso sobre sexo desde o século XVIII (FOUCAULT, 1988, p. 31).

A imagem abaixo é a mais publicada para dentro dessa categoria. Aqui refletimos que o jornal mesmo que sem intenção, assim como as empresas que pagavam para publicar seus produtos e serviços, nos mostram que ainda revigorava a ideia de especialistas da área (medicina e psicologia por exemplo) eram os mais aconselháveis para tratar dos casos de homossexualidade (FOUCAULT, 1988, p. 31). Mesmo havendo mudanças na forma de abordagens, e outras teorias menos ofensivas como as de tratamentos de choque (que ainda aconteciam no período) setores da medicina (endócrinos) passam a pensar a homossexualidade de outro prisma, mas ainda de forma biologizante e como um desvio ou falha no processo de formação na gestão, por exemplo (GREEN, 2000).



(Imagem 13, Ano 1979) #PraCegoVer

Na terceira categoria, *casa, decorações e arte*, há duas imagens diferenciadas: a primeira (imagem 13) é da Galeria Ypiranga, que apresenta a frase “Molduras feitas com arte, carinho e sensibilidade”, sendo tais características atreladas ao gênero feminino. Essa propaganda (que foi a primeira a ser veiculada no jornal) mostra que a imprensa acreditava que o público do jornal tinha interesse pelo espaço doméstico, de decorações; lugar historicamente atrelado ao universo feminino. Outra questão é que as profissões que tratavam dessas áreas atraíam também homossexuais, assim como áreas do setor artístico (música, teatro, literatura, artes plásticas, etc). Isso nos leva a pensar que os discursos médicos e midiáticos produziam sujeitos que se entendiam nessas construções identitárias históricas (FOUCAULT, 1988) para os homossexuais, que naquele momento é que iriam refletir de forma mais ampla essa questão (PÉRET, 2012).

Ainda que a participação das mulheres brasileiras no mercado de trabalho ocorrera no início do século XX, especialmente o trabalho na indústria têxtil, a mulher ainda era vista por

sua “virtude natural”, como a responsável pelo cuidado do lar, dos filhos e dos afazeres domésticos, em geral. Dessa forma, as propagandas voltadas para cuidados do lar, decorações, moda, eram, geralmente, direcionadas a elas, já que estas eram vistas como as responsáveis por esses afazeres, excluindo o homem de tal universo. Porém, as propagandas veiculadas pelo *Lampião* direcionavam esse tipo de publicidade também ao homossexual, reforçando o esteriótipo do homossexualafeminado.

Outra possibilidade também, é de que eles não se importavam com os esteriótipos dos homossexuais afeminados, não vendo problema em publicar essas propagandas. Essa questão de atribuir ao homossexual características que são supostamente femininas gerou um intenso debate na própria redação do jornal. Os editores tratavam sobre a questão, de qual forma ou qual imagem o homossexual deveria adotar. Debatiam se essa “postura feminina” não acabava por revigorar a ideia/imagem estereotipada de que homossexuais so se portariam dessa forma ou não. Ou ainda, que reforçava a ideia da mulher objeto ou fútil, tanto usada pelo machismo. Outra questão era se os homossexuais não deveriam adotar uma postura mais contida, séria e reservada, com características do ideal de masculino criado pela sociedade. Nesse trecho de uma entrevista publicada no jornal, o debate sobre o estereótipo da “bicha” se faz evidente:

Lennie⁶⁰ – Eu acho que hoje em dia não tem essa coisa de bicha. O que é bicha hoje em dia?

Chrysóstomo - É como as pessoas dizem, uai! Uma palavra como outra qualquer, de que a gente não pode ter medo; bicha!

João Antônio - Segundo o consenso geral, existe bicha.

Lennie - Mas isso é um diálogo tão antigo! Essa separação de bichas com homens. Existem coisas mais novas, mais atuais. Bem, se eu sou considerado bicha, vocês estão fazendo a entrevista com a pessoa errada.

Chrysóstomo - Mas acontece o seguinte; os homossexuais, até por deboche, pra bagunçar o coreto de quem fala, devem dizer que são bichas. Acho uma palavra ótima, muito engraçada. Qual seria, por exemplo, o coletivo de bicha? Uma grossa de bichas? Manada? Vara? Rebanho?

Lennie - Mas essa palavra é tão completamente antiga!

⁶⁰ Leonardo Laponzina (1934-1994) mais conhecido como Lennie Lane, coreografo e dançarino, nascido em Nova Iorque, veio ao Brasil em 1960, convidado por Carlos Machado, para coreografar a peça "Elas Atacam Pelo Telefone" na boate Fred's no Rio. Ficou conhecido aqui por participar do grupo Diz Croquettes, que faziam performances que misturavam os gêneros masculino e feminino, algo ambíguo, andrógono.

Chrysóstomo - Taí, não é não. Nem ainda foi explorada em todas as suas implicações gramaticais ou semânticas... Risos, tumulto. Discute-se o significado da palavra bicha.

Lennie - Por exemplo; o Mário Comes é bicha? Não, claro que não é. Mas ele deve fazer muito gostoso, não é? Tem de dar pra ser bicha? Só bicha dá?

Chrysóstomo - Claro que não. Mas as pessoas falam. É o consenso do falatório do país. Lennie - É mais complicado. Tem os travestis, tem as bichinhas, tem os homossexuais. Tudo muito diferente um do outro (LAMPPIÃO, 1978, nº2, p. 6).⁶¹

Essa discussão denunciou diversas posições no interior do movimento homossexual, além de dar vestígios da construção do masculino. Primeiro, uma diferença baseada na desigualdade social, de como os próprios homossexuais faziam distinção de classe através do comportamento: as “bichas loucas” como sendo de periferia e os mais reservados, com mais poder econômico:

Claro que ser bicha-louca não é obrigatoriamente carteira de identidade para homossexual. Propor tal generalização seria dar a comida mastigada ao sistema, interessado em nos manter o mais possível dentro dos estereótipos, a fim de ressaltar as "diferenças" e justificar a marginalização e a consequente repressão. Ainda há a considerar que o estereótipo "bicha-louca" pode ser, a certos casos, uma atitude adotada de defesa e contestação (consciente ou não) ao sistema opressor. Na guerra vale tudo, mas eu pergunto se a luta não será duplamente mais pesada para estes elementos, uma vez que foi o adversário quem escolheu as armas e camuflagem? (LAMPPIÃO, 1980, nº 31, p.14).⁶²

Na propaganda abaixo (imagem 14), a frase “A loja diferente para gente igual a você”, evidencia como os homossexuais eram vistos como fora da norma, do estilo de vida (heterossexual) esperado pela sociedade (FOUCAULT, 1988, p. 9). Os anúncios publicados em *Lampião*, as propagandas, as empresas que buscavam divulgar seus serviços e produtos no jornal, só o fariam se pensassem que o público consumidor do jornal teria interesse por aquilo que eles divulgavam, não pagariam se não pensassem que poderiam ter retorno. Assim como também o jornal, precisando do capital já que ele não gerava lucros, publicava essas propagandas. Não podemos afirmar aqui que o jornal ou as empresas contribuíam para o reforço do esteriótipo dos homossexuais do período, mas supomos que as propagandas publicadas, como analisamos em suas categorias, apontam para um esteriótipo homossexual ligado ao feminino, discursos esse construído por diversos setores sociais e que reverberavam ainda no período (GREEN, 2000).

⁶¹ Coluna Reportagem, intitulada: “Lennie Dale chega, assalta a geladeira e abre o verbo: - Eu sou muito tihoso”.



(Imagem 14, Ano 1978) #PraCegoVer



(Imagem 15, Ano 1981) #PraCegoVer

A categoria da *estética, corpo e beleza* é também muito próxima ao universo feminino e todas as propagandas nessa categoria são voltadas para depilação, sendo apenas uma destinada a cortes de cabelo e manicure (imagem 16).



(Imagem 16, Ano 1979) #PraCegoVer

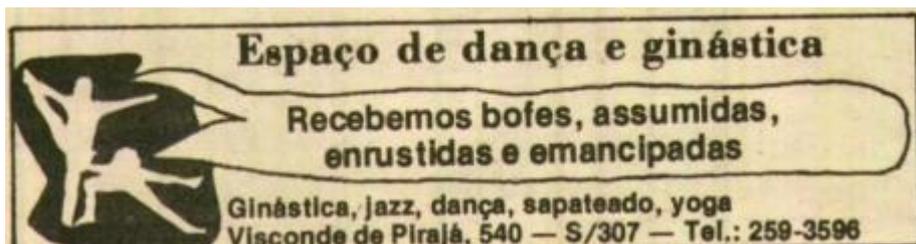
Esse cuidado com a beleza é muito discutido por Simone Beauvoir, como um atributo ensinado e aprendido como algo essencial ao sujeito feminino. Esses cuidados são denominados pela autora como coquetismo:

O grande mal-entendido em que assenta esse sistema de interpretação está em que se admite que é natural para o ser humano feminino fazer de si uma mulher feminina: não basta ser uma heterossexual nem mesmo uma mãe, para realizar esse ideal; a "verdadeira mulher" é um produto artificial que a civilização fabrica, como outrora eram fabricados castrados; seus pretensos "instintos" de coquetismo, de docilidade são-lhe insuflados, como ao homem o orgulho fálico (BEAUVOIR, 1967, p. 148).

⁶² Coluna Ativismo, intitulada: "Convergindo: da Mesopotâmia a Richetti", escrito por Darcy Penteadó.

Nessa categoria, vemos como as empresas que realizam os anúncios ainda estão presas a essas concepções do de feminino construídas durante a história. E essa relação é transferida aos homossexuais, atribuindo-lhes atributos que foram historicamente atribuídos às mulheres.

Já na categoria de *cursos, idiomas e dança*, as propagandas de idiomas contêm apenas os serviços e línguas ofertados, mas a de dança⁶³ é mais ousada (imagem 17), e é uma das poucas propagandas que foge da norma utilizada pelo jornal.



(Imagem 17, Ano 1980) #PraCegoVer



(Imagem 18, Ano 1981) #PraCegoVer

A primeira frase da imagem 17 tentou abarcar todos os supostos tipos de homossexuais, os denominados bofes, que se subentende serem homens heteros ou os homossexuais mais “reservados”; as assumidas, que sugere um homossexual supostamente afeminado, já que o artigo utilizado está no feminino, e a emancipada, que indica ser um homossexual livre, fora dos padrões. A propaganda brincou e discorreu com mais riqueza no universo homossexual, saindo da dualidade reservados x afeminados, mostrando um leque maior de possibilidades de vivências da homossexualidade.

Na segunda (imagem 18), é interessante que a questão do preocupação estética do corpo, que se pensarmos em conjunto com outras categorias é uma das cobranças existentes

⁶³ Ahamos importante ressaltar que no período a relação coma dança, com as performances, com as discotecas era propício: cresceram os filmes, músicas, as academias de dança também se espalham, o culto do corpo, cursos em fita VHS logo tornam-se populares com a chegada do vídeo cassete. A novela Dancin Days (1978-1979), Baila Comigo (1981) foram exibidas nessa época. Além da profissão ser um reduto de homossexuais, possibilitando seu reconhecimento social quando poucas profissões o faziam, como no caso do Lennie Lane do Diz Croquettes, por exemplo. O período era propício e os homossexuais além da preocupação estética eram junto com a sociedade “contaminados” por essa tendência.

no imaginário da identidade estereotipada dos homossexuais, a excessiva preocupação com a aparência. Já quando usa o termo transe, uma gíria do período para trabalhar, use, faça, etc.

Na penúltima categoria, a de *homens nus*, uma propaganda em particular se destacou (imagem 19), a que é veiculada pelo próprio *Lampião*.



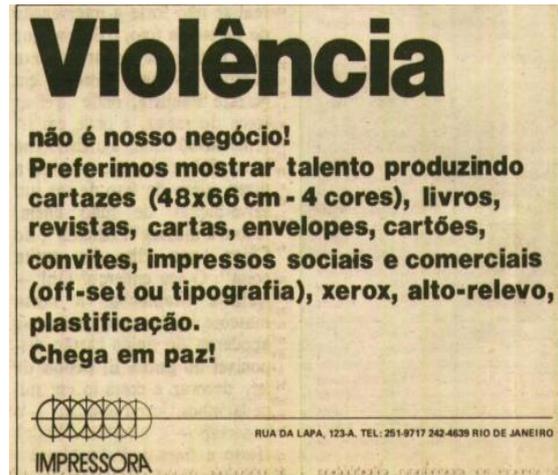
(Imagem 19, Ano 1980) #PraCegoVer

Observa-se aqui a diferença entre essa propaganda e as demais. Ela apresenta uma pluralidade: ser homossexual, não concordando com os estereótipos limitados e caricatos do homossexual afeminado. Buscou abarcar as mais diversas formas de vivências homossexuais, não se limitando a dicotomia bicha afeminada x bofe reservado. “Esses novos sujeitos na economia dos signos da sociedade daquele momento histórico levou a rupturas interessantes que sugerem uma análise na qual o masculino perde seu estatuto de sujeito universal do discurso” (MONTEIRO, 2000, p.50).

A última categoria sobre *gráficas e pets shop* foi a menos veiculada no jornal; a do *pets* contém apenas informações de serviços e endereço, a da gráfica já mostra algo mais interessante.



(Imagem 20, Ano 1981) #PraCegoVer



(Imagem 21, Ano 1981) #PraCegoVer

Nas duas propagandas da mesma empresa (imagens 20 e 21), observa-se que na primeira apresentados informações e endereços, ressaltando as vantagens e qualidades de seus serviços; já na outra, tentou-se cativar seus clientes por meio de uma anúncio solidário, destacando ser contra a violência, tema muito discutido pelo jornal, como a frequente ação policial, denunciada no trecho abaixo:

Sabe-se que foi sempre a diferença que justificou qualquer tipo de ação violenta contra os homossexuais; é ela, por exemplo, que dá razão nos dias que correm ao comportamento de alguns rapazes de classe média, na zona sul do Rio, que, organizados em bandos, vêm invadindo com frequência cada vez maior os locais frequentados por homossexuais para “castigá-los”; ou, ainda que justifica um fato como este ocorrido na sexta-feira na Gueifieira Palace, também no Rio: um bando de soldados da Polícia Militar, armados de cassetetes de madeira, invadiu o banheiro e surrou indiscriminadamente todas que lá estavam, retirando-se depois, sem ser molestado.. (LAMPÍÃO, 1979, nº 20, p.03).⁶⁴

O que percebemos nas propagandas é que as empresas que buscavam anunciar seus produtos no jornal eram, em sua maioria, frutos de concepções da homossexualidade ligadas a discursos médicos, que por muito tempo explicavam a homossexualidade como um desejo de tornar-se mulher (GREEN, 2000). Logo, as empresas que se veem no jornal são empresas que estão ligadas historicamente a produtos e serviços pensados para as mulheres. As propagandas acabam retificando uma imagem caricata do homossexual. Por outro lado, no jornal vemos diversas críticas tecidas a setores que produziram essas “verdades” sobre os homossexuais.

2.3 – Discursos: médicos, jurídicos, midiáticos e religiosos

⁶⁴ Coluna Violência, intitulada: “Um esquadrão mata-bicha?”, escrita por Aguinaldo Silva.

Desde o final do século XVIII, a medicina e outras áreas dedicaram-se a descrever a sexualidade, o que seria lícito ou não, o que deveria ser considerado normal e anormal (FOUCAULT, 1988). Até a década de 1970, esses discursos foram produzidos sem muitas críticas e resistência por parte daqueles que eram analisados e descritos como doentes, perversos, neuróticos, degenerados, ou seja, os homossexuais. Podemos ver os efeitos e o que esses saberes produziam através de *Lampião*, que discute e tece fortes críticas a esses saberes.

O excerto abaixo aponta para os embates em relação ao discurso médico da época:

Diz o psiquiatra Geraldo Marques Fernandes, de Recife, que "resquícios de relacionamento homossexual masculino apoiado na antiga divisão (ativos e passivos) podem, contudo, ser encontrados em estratos ainda regidos por normas sociais de maior rigidez, como no interior, onde, nas pequenas comunidades, o homossexualismo continua sujeito a severas repressões. Entre as populações urbanas, não. E a existência de um ou Outro homossexual predominantemente "ativo" não invalida, no entanto, o que o dia-a-dia da prática acabou por transformar em nova ordem consensual de comportamento." Até aí, tudo bem. Engraçada, portanto, é a explicação fantasiosa que o autor propõe para esta mudança. Constatando que o "ativo" não mais existe, ele explica: "Hoje, homossexuais se juntam em pequenos grupos e se satisfazem da maneira que podem, ao acaso das oportunidades criadas por impulsos e situações inesperadas, como, por exemplo, os desdobramentos naturais de uma ereção ocasional, com benefícios para os outros," (sic). Mas que outra explicação mais satisfatória poderíamos esperar de profissionais cujo contato com o mundo que procuram descrever é restrito às pessoas que as procuram por motivo de doença e que se desenrola, portanto, não nas ruas, nas casas, nos bares e nas boates, mas no ambiente antisséptico dos consultórios médicos? (LAMPÍÃO, 1978, nº 4 p.14).⁶⁵

Há uma riqueza de detalhe e contrassenso nas palavras de Fernandes. Ao mesmo tempo em que reconhece mudanças no modo de olhar e agir das pessoas dos grandes centros urbanos em relação àquelas das pequenas cidades quanto aos homossexuais, como a crítica ao binarismo ativo\passivo e à repressão sobre eles, rompendo com concepções médicas das décadas anteriores (GREEN, 200), o psiquiatra apresenta uma explicação considerada pela revista como fantasiosa e pouco razoável. A questão é que essa visão é respaldada pelo saber médico-científico da época, que lhe garante a indicação de "verdade" e poder de atuação sobre esses sujeitos. Assim se posiciona o *Lampião* a respeito da questão:

Ajustar o homossexualismo a uma exta classificação genética, endócrina ou psíquica, não só é difícil, mas impossível e, com todo avanço da ciência, ainda não se obteve uma definição de suas verdadeiras origens e motivações. [...] A questão não é então

⁶⁵ Coluna O livro, intitulada: "1) falam os profissionais", escrita por Peter Fry.

hormonal e, se é de origem mental, não pode ser tratada com esse sistema bárbaro de castração psicológica apesar de que esse tratamento ainda é feito hoje, em certos países. A medicina atual está apoiando, possivelmente com mais acerto, mas sempre em passos titubeantes, uma tese de conciliação endócrino psicogênica. Segundo ela, desejo sexual e erotismo dependem, tanto no homem como na mulher, de um grupo de substâncias denominadas andrógenos, aos quais os seres humanos reagem com comportamentos masculino ou feminino, conforme a sua maior ou menor atuação (LAMPIÃO, 1978, nº 3 p. 13).

Nessa matéria e no trecho anterior, vemos que a sexualidade, em específico a homossexualidade, continua sendo um objeto de estudo da medicina, que embora com avanços, segundo a matéria, ainda titubeia diante da questão da homossexualidade, não conseguindo dar uma resposta definitiva a essa forma de desejo, comportamento, afetividade. Em uma análise recente naquele tempo, a explicação para a homossexualidade, como aponta o trecho, une possíveis efeitos endócrinos e psicogênicos, ou seja, hormonais, mental e genético, ainda pautadas em explicações biológicas e naturalistas. Esses discursos médicos que discutem a homossexualidade geram e carregam um estigma de doença, ou problema psíquico que por sua vez influencia a sociedade e a forma como ela enxerga os homossexuais (GREEN, 2000), um exemplo é a questão de trabalho, como no caso do rapaz abaixo:

A propósito, conheci um rapaz que foi dispensado do Serviço Militar por incapacidade; motivo apontado no documento: "homossexualidade", atestada pelo médico que tirou essa conclusão por alguns arroubos desmunhecados do garoto (quer dizer, o rapaz nunca dormiu com o médico; e, mesmo nesse caso, estariam ambos envolvidos numa relação homossexual). Conclusão: o rapaz marcado com um "triângulo na testa" já foi recusado para fazer testes num banco, porque numa de suas fichas constava o misterioso 302.0. Quem quiser, poderá tirar as dúvidas: no Código Médico Internacional o número 302.0 serve para identificar "homossexualismo". (Isso tudo não lembra um pouquinho os campos de concentração?) (LAMPIÃO, 1978, nº 5 p. 6).⁶⁶

O Código médico (302.0) revela como a homossexualidade ainda era vista como sinônimo de doença. Em outro trecho, vemos uma declaração crítica, na qual um diretor de uma Casa de Saúde acredita que métodos como eletrochoques e internações poderiam curar ou recuperar o homossexual:

Manuel Alvaro Vedoão parece acreditar nas boas intenções da casa de saúde que dirige há muitos anos - só em Paracambi passou 10 anos -. Para ele, choque elétrico é terapia, homossexualismo é doença mental, psicotrópicos é camisa de força química - "bem mais eficiente que a tradicional" -. a internação é necessária e medicina também visa o lucro. Sobretudo quando paga pelo INPS ou pela família interessada

⁶⁶ Excerto retirado da coluna Esquina, escrita por João Silvério Trevisan, intitulada: "Minorias e a Política".

em se livrar de algum parente inconveniente (LAMPPIÃO, 1980, nº 32 p. 14).⁶⁷

Lampião resiste a esses discursos médicos, critica e busca dialogar com esses saberes, como podemos ver nos trechos abaixo:

Como nós podemos imaginar, nos cursos de Psicologia espalhados pelo Brasil, a disciplina Psicopatologia clínica tem como um dos seus objetos de estudo esta doença chamada "homossexualidade". Desde 1973, a Associação Norte Americana de Psiquiatria, por exemplo, retirou tal "doença" das suas páginas amarelas... Contudo, no Brasil, até algum tempo, ninguém estava disposto a fazer uma revisão tão justa. Porém, o trabalho do LAMPPIÃO e de grupos organizados como o SOMOS começam a mudar este quadro. Em fevereiro deste ano (ver LAMPPIÃO nº 11) 'tivemos uma Semana de Debates sobre Movimentos Minoritários, promovida pelo Centro Acadêmico das Ciências Sociais da USP, onde o SOMOS teve participação ativa, apesar da resistência primária dos machões brancos que lá estavam. [...] Agora foi a vez dos estudantes da Faculdade de Psicologia de Itatiba (SP). 'Descontentes com a perspectiva acadêmica do seu Curso, começaram a manter contatos com um grupo feminista, através do qual souberam da existência do LAMPPIÃO e de grupos homossexuais organizados, A partir daí os alunos da disciplina Psicopatologia Clínica convidaram os grupos SOMOS e EROS para um debate sobre homossexualidade, realizado no dia 21 de maio último (LAMPPIÃO, 1979, nº 14 p. 2).⁶⁸

O movimento homossexual busca dialogar com esse setor, na tentativa de desconstruir preconceções caricatas do homossexual e provocar reflexões sobre os discursos reproduzidos até então. Mas a medicina não é a única a discursar sobre a homossexualidade e por consequência a heterossexualidade. Outro setor que contribuía muito para o estereótipo, reprodução caricata e limitada dos homossexuais é a mídia. Seja ela impressa ou a áudio visual (TV).

Que coisas? Façamos uma amostragem. Em oito dias, só no mês de julho. NOTÍCIAS POPULARES estampou manchetes de primeira página envolvendo homossexuais, das quais seis eram destaque principal da edição. São as seguintes: "Homossexuais sequestram 2 irmãos em SP" (dia II); "Mãe acha que travestis mataram um dos filhos" (dia 12); "Homossexual é suspeito de ocultar um crime" (dia 13); "Escapei do inferno dos homossexuais" (dia 18); "Polícia caça homossexual sequestrador" (dia 20); "Dois casamentos de homossexuais revoltam o povo" (dia 21); "Mistério: homens que se casaram sumiram" (dia 21); — "Lésbica matou Dulcinéia que lhe negou amor" (dia 31). O teor dos subtítulos e entretítulos é o mesmo, por exemplo: "Máfia do Sexo age na Bocado Lixo da cidade"; — "Corrupção e tóxicos na rota dos sequestradores"; "Drogado no cárcere privado"; — "Ía ser vendido no Rio ou Bahia"; "200 quilos de maconha na rota dos mafiosos"; "Carlinhos teria sido vítima dos

⁶⁷ Coluna Reportagem, entrevistado Dr. Erias, porém autor não identificado.

⁶⁸ Coluna Esquina, intitulada: "Eram os homossexuais astronautas?", enviado pelo Grupo SOMOS.

travestis” —. etc., etc.. [...]Então vamos parar pra pensar nas implicações que têm essas manchetes em tipos de 144 pontos na primeira página dum diário de 4 cruzeiros em tiragem de 140.000 exemplares. Só mesmo o título do jornal não é apelativo. Com efeito, existe toda uma ideologia popular cristalizada por trás daquelas manchetes garrafais, a qual elas alimentam e fomentam. Isto é, bicha quando não é apenas doente é delinquente. Os homossexuais acabam visados em qualquer caso. Se são eles as vítimas, é bem feito. Se são eles os acusados, tanto pior. Ora, sobre essa mentalidade tão supersticiosa, que efeito podem ter notícias onde se enfatiza a homossexualidade da vítima quando vítima e do acusado quando acusado; onde se associa homossexualidade com crimes; onde se conclui que homossexual é sinônimo de criminoso? Um efeito quase epidêmico, como um surto de cólera (LAMPPIÃO, 1978, nº 4 p. 5).⁶⁹

Vemos a quantidade de notícias apresentadas por *Lampião*, que circulam e influenciam os indivíduos sobre a homossexualidade, sempre atrelando ao crime, a tragédia, a imoralidade, a decadência social, quando não é atrelada ao ridículo, feio, idiota como *Lampião* acusa Os Trapalhões de retratar os homossexuais e as travestis:

Os quatro cidadãos da foto foram sem nenhuma dúvida os que mais contribuíram, neste ano que passou, para manter viva e perene, em todos os lares brasileiros, a única imagem de homossexual que o sistema admite: aquela do achincalhe, do deboche, da bicha louca, doentia e histérica que Renato Aragão, Muçum, Dedé Santana e Zacarias sabem imitar tão bem. É por isso que os quatro podem se expandir livremente, fazendo a cada domingo seus esforçados travestis, sem o menor problema com a censura habitualmente tão zelosa: ao ridicularizar os homossexuais, os Trapalhões ajudam a tranquilizar os atormentados corações da maioria silenciosa e assustada, e assim, prestam um grande serviço ao establishment (LAMPPIÃO, 1978, nº 8, p. 11).⁷⁰

” *Enfim, é isso o que os Homens querem: bicha na tevê, tem que ser assim: ridícula. Você não vê Os Trapalhões?*” (LAMPPIÃO, 1978, nº8 p. 14). Esses trechos nos dão pistas da forma caricata que o homossexual ou qualquer indivíduo de sexualidade dissidente estava submetido. Também podemos ver o alcance imaginável até então, da TV, na construção dos sujeitos, dos normais\héteros, como também dos anormais\ homossexuais.

Sem dúvida nenhuma, a televisão tornou-se parte integrante do dia a dia dos brasileiros. Cerca de 50 milhões de telespectadores são bombardeados diariamente por uma porrada de informações, conceitos e apelos publicitários que contribuem profundamente para a formação e mudança de seus padrões de comportamento. Não podemos esquecer que a televisão, assim como qualquer outro grande veículo de comunicação de massa, está intimamente ligada ao Estado e que,

⁶⁹ Coluna Esquina, intitulada: “Não me espreme que eu sangro”, escrita por Glauco Matoso.

⁷⁰ Coluna Bixórdia, intitulada: “procura-se vivos ou mortos”, a Bixórdina não tinha um autor específico e os autores assinavam seus nomes.

como parte deste, assume a função de **Aparelho Ideológico**, conduzindo de maneira devastadora o pensamento do poder dominante e desta forma forja opiniões, conceitos e atitudes que auxiliem sua dominação. Levando em conta que o **Patriarcal Estado Brasileiro** é pautado sobre valores e padrões machistas, discriminatórios, racistas e repressivos, constataremos que parte considerável do que é veiculado **pela máquina de fazer heterossexuais** tem estreita ligação com tais valores. [...] Somos vítimas da doutrinação heterossexual durante toda a programação. O mundo hetero apresenta-se como sendo a solução para todos os dissabores e sofrimentos. É raro um final de novela não ter mais de um casamento. [...] Tais papéis, imputam nos telespectadores a discriminação contra os homossexuais, a mesma que o sistema perpetua sobre nossas cabeças. Nas novelas, a doutrina heterossexual se faz presente ao engrandecer os relacionamentos homem/mulher, únicos capazes de tornar as pessoas realizadas e felizes, enquanto que o homossexual, além de ser apresentado de uma forma folclórica, sempre termina seus dias sozinho e sem nenhuma perspectiva de vida (LAMPPIÃO, 1980, nº 23, p. 11).⁷¹ Negrito original, sublinhado nosso.

Nesse excerto, fica evidente a questão das construções midiáticas acerca das subjetividades hetero e homo. *Lampião* acusa, critica, expõe o caráter não neutro das construções e narrativas dos personagens das telenovelas quando apresentam a heterossexualidade como a norma e, de forma sutil, ou nem tanto, preconizam-no como um ser triste e insatisfeito. Aliado ao poder discriminatório de médicos e jornalistas estava o judiciário, também alvo das críticas de *Lampião*:

Os juízes frequentemente dão provas de uma surpreendente indulgência em relação aos jovens acusados de terem brutalizado, ferido e às vezes mesmo assassinado um homossexual: como se, no fundo, pensasse: "E bem feito para ele." Ao mesmo tempo, é frequente que um homossexual acusado de algum delito se veja condenado pela simples razão de que, sendo homossexual, é culpado por definição." (LAMPPIÃO, 1978, nº 5 p. 2).⁷²

Tanto Juízes, jornalistas como médicos estão envolvidos em discursos que regulam a organização social. Nesse trecho, a indicação de “verdades” sobre os homossexuais, destacadas por Foucault (FOUCAULT, 1988). Nos dois fragmentos abaixo, é perceptível uma pequena e importante conquista na área jurídica. O colunista Celso Curi, que escrevia na *Coluna do Meio* do jornal *Última Hora* de São Paulo, é absolvido de uma acusação de atentado à moral e aos bons costumes. Mais do que um ganho pessoal, o ganho deste processo abriu jurisprudência favorável para outros meios de comunicação que estavam sendo acusados pelos mesmos motivos:

⁷¹ Coluna Tendência, intitulada: “ Bichices na tecê (plim, plim!)”, escrito por Antônio Carlos Moreira.

⁷² Coluna Opinião, intitulada: “Desbloqueando o tabu”, escrita por Paolo Pasoline e traduzido por Clóvis Marques.

Envolvido num processo que a essa altura assume proporções kafkianas (nenhum Juiz quer firmar Jurisprudência neste delicado terreno da moral e dos bons costumes), Celso continuou na sua: batalhando a sua vida, sem arredar um milímetro de suas convicções. Para nós, lampiônicos, a sua luta solidária contra dogma, que datam de 1946 (os critérios, do que seria atentatório à moral e aos bons costumes, firmados naquela época, nunca foram alterados, e estão, portanto, 33 anos atrasados) seria como uma lição. Ai, CeIsinho) (LAMPÍÃO, 1978, nº 8 p.11).⁷³

Em última análise, as conseqüências concretas são estas: na história da Justiça brasileira, trata-se do primeiro processo onde o homossexualismo está envolvido como objeto de denúncia. E houve absolvição. Isso significa que está aberto sim importante precedente para defesa dos direitos homossexuais neste país. Os vários processos ou inquéritos ainda em andamento, pelo mesmo motivo - contra a revista *Isto é*, *Lampião* e *Interview* - contam desde agora com esse resultado em seu favor. Ou seja, daqui por diante continuaremos de cabeça erguida, mas já tendo o respaldo da Justiça, a cada vez que voltarem a nos acusar de atentado à moral pelo simples fato de estarmos usando o nosso corpo para nosso prazer (LAMPÍÃO, 1979, nº 11 p. 3).⁷⁴

Outras questões jurídicas eram tratadas com importância por *Lampião*. Os colunistas entendiam que certas mudanças na lei poderiam atingir diretamente os homossexuais, já que esses eram alvos dos policiais, que viam nesses sujeitos possíveis doentes e/ou criminosos. O aumento da população brasileira nos espaços urbanos na década de 70 favoreceu o crescimento e florescimento do movimento homossexual (GREEN, 2000). Mas se o movimento nasce e se desenvolve em meio a mudanças políticas, como a abertura política, eles também sofrem as diversas tentativas de recuos conservadores do regime. Este aspecto é identificado no caso da prisão cautelar discutida pelo jornal:

Pela lei atual, alguém só pode ser preso em flagrante delito ou por ordem judicial. Com a cautelar, esta prioridade passa para o delegado da esquina. Tudo nos leva a crer que esta lei servirá muito mais ao arbítrio do que ao combate ao regime. Será talvez o maior retrocesso jurídico da História do Brasil. A prisão por "suspeito" atinge diretamente aos homossexuais e outras minorias, como os negros, por exemplo. Por avaliação subjetiva, poderá ser preso não apenas qualquer veado, como qualquer negro, qualquer pobre ou qualquer indivíduo que não consiga provar vínculo empregatício. Ué, mas isto já não acontece? Acontece - mas é ilegal. E se for legalizado,

⁷³ Lei aplicada no caso Celso Curi: Artigo 17, lei da imprensa nº 5.252 de 09/02/1967: "ofender a moral pública e os bons costumes", pena prevista de 3 meses a 1 ano e multa de 1 a 20 salários-mínimos da região. Coluna Bixórdia, intitulada: "Eis o homem".

⁷⁴ Brasil: no dia 12 de março. o jornalista Celso Curi foi absolvido no processo ao qual respondia. perante a Justiça de São Paulo, por infração ao artigo 17 da Lei de imprensa - 'ofender à moral e os bons costumes'; segundo a denúncia do Promotor. Celso estaria 'promovendo encontros entre seres anormais' através da Coluna do Mei, publicada diariamente no jornal Última Hora de SP. Coluna Esquina, intitulada: "Celso Curi", escrito por João Silvério Trevisan.

perderemos então qualquer possibilidade de luta. Num país com alta taxa de desemprego e onde mais da metade da população ganha menos que o salário mínimo (portanto, não pode ter carteira de trabalho assinada) chega a ser uma ofensa à população a prisão de alguém por falta de documento ou por "vadiagem". É a roda-viva da repressão e do sadomasoquismo político. Deixa então de ser um assunto apenas das minorias e passa a ser, também, o da grande maioria dos brasileiros. A prisão cautelar interessa apenas aos grupos mais retrógrados da nossa sociedade, que pretendem estender a toda população características do falecido AI5 (LAMPPIÃO, 1980, nº 21 p. 8).⁷⁵

Essas leis eram a tentativa de determinados grupos conservadores de resistir à abertura política (CARVALHO, 2002). Vemos aqui, que as pautas e reivindicações dos homossexuais acabavam conseqüentemente abarcando os direitos de uma ampla parte da sociedade como: pobres, negros, desempregados, já que seriam os possíveis sujeitos afetados por essa nova lei

Em relação à forte influência da igreja católica na definição de comportamentos e valores, verifica-se o embate institucional interno, destacado no *Lampião*:

"Mais de uma vez tenho me referido ao dever da comunidade de reagir contra males que a afligem. Em vez de simplesmente apelar para proibição ou medidas coercitivas legais, importa aos próprios cidadãos assumir o papel que lhes cabe, zelar pelo bem-estar coletivo". Depois de reconhecer "o avanço de graves deformações no comportamento moral que afeta não apenas indivíduos, mas a coletividade", o cardeal-arcebispo lamenta que muitos permaneçam "na própria inércia, em vez de partir para uma reação corajosa e legítima". [...]: "em uma sociedade pluralista, em que vivemos, os elementos sadios estão em permanente contato com doentes. Não me refiro somente a enfermidades físicas, doenças infecciosas, mas também deformações morais, não menos perniciosas ao bem comum. Não causa estranheza que alguns, conscientes ou não de seu verdadeiro estado sanitário, busquem, pela difusão de suas mazelas, com o número de aderentes, justificar seus desvios". [...] quantos homossexuais ainda terão que ser pisoteados, presos, humilhados, internados em clínicas psiquiátricas e até linchados, antes que a Igreja mude sua posição quanto ao assunto, reconhecendo que eles não merecem esse "tratamento especial"? [...] O cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, em seu artigo, está falando de "dissolução dos costumes": uma semana antes, sem ser tão direto, ele já bordejara o tema, citando a exteriorização de costumes contrários à natureza como uma das causas da onda de violência que se abate atualmente sobre o país. [...] Teriam sido estas, para a CNBB, as violências maiores da década de que somos agora. Nada a ver, portanto, com os homossexuais, que saem à luz não para - como diz d. Eugênio - "pela difusão de suas mazelas, com o número de aderentes, justificar seus desvios", mas para se colocarem ao lado das forças verdadeiramente progressistas, para assumir sua condição de oprimidos e poder, dessa forma, lutar contra ela, na mesma linha de frente em que se instalam os padres que dão pleno apoio à CNBB.

⁷⁵ Coluna Violência, intitulada: "O governo diz que não. Mas vem aí a prisão cautelar", escrita por Aguinaldo Silva.

Entre a Igreja inflexível e vingadora de d. Eugênio e esta da Conferência Nacional dos Bispos, que manifesta em sua mensagem de Natal a "esperança de que a voz dos oprimidos se faça ouvir mais eficazmente", ficamos com esta última. Rezando, inclusive, para que sua posição prevaleça, e para que não se tenha a tropa de choque da Igreja dos privilegiados nas ruas, pronta para o que o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro chama de "uma reação corajosa e legítima" (LAMPPIÃO, 1980, nº 20 p. 3).⁷⁶

Evidencia-se que, por mais que houvesse discursos religiosos que viam os homossexuais como pecaminosos, havia outras correntes que buscavam – influenciados inclusive pelas discussões propostas pelo movimento homossexual – outras interpretações às visões que condenavam a interação homossexual.

Esse enfoque deve também levar em conta que a nova compreensão teológica e pastoral (do homossexualismo) é aquela que os próprios gueis cristãos são os únicos, de certa maneira, capazes de produzir. A reflexão (engajada) das mulheres crentes, e dos cristãos do Terceiro Mundo pode contribuir para ampliar uma teologia que ainda é demasiadamente centralizada sobre uma visão masculina e ocidental das coisas; da mesma forma o engajamento e a reflexão dos cristãos gueis podem dar uma contribuição insubstituível a essa teologia, até chegar a uma nova visão cristã das coisas (e, principalmente, do próprio homossexualismo). [...]O fenômeno das "igrejas gueis" permanece pelo menos muito significativo no que diz respeito aos cristãos gueis, desiludidos de suas respectivas comunidades, e que desejaram criar eles próprios comunidades cristãs capazes de respeitar sua condição homossexual (como muitos outros cristãos, aliás, que abandonaram a Igreja oficial para se entregar ao trabalho em comunidades de base de dimensões mais humanas e talvez, também, mais cristãs) (LAMPPIÃO, 1980, nº 26 p. 4).⁷⁷

Embora houvesse como foi apresentado acima, setores da igreja Católica que buscam romper com essa visão preconceituosa dos homossexuais, atrelada ao pecado, ainda assim, a maioria da população, que tinha como a igreja um forte guia moral, não chegava a saber desses embates internos, ao menos é isso que fica claro, quando lemos as matérias de *Lampião* que tentam ir contra esses discursos que sustentaram a imagem estereotipada do homossexual. Apresentamos aqui, porém, esse outro lado, dizendo que os autores do jornal sabiam dos embates dentro das instituições religiosas, e por isso mesmo cobravam e buscavam pressioná-las através das suas críticas veiculadas no periódico.

Vemos aqui os embates que *Lampião* travou com esses nichos produtores de saberes e verdades sobre a sexualidade. Esses discursos se desdobravam em diversas formas de

⁷⁶ Coluna Violência, intitulada: "Esquadrão mat-bicha", escrita por Aguinaldo Silva.

⁷⁷ Coluna Reportagem, intitulada: "Dignity: agrupamento de cristãos gueis", sem autor identificado.

violência aos homossexuais. Buscamos, aqui, destacar alguns trechos que evidenciem essas violências:

Nunca fui um fanático vociferante - não me encarnicava contra homossexuais, pelo menos na frente deles, e nunca consegui engolir o prazer com que certos soldados contavam como tinham espancado alguma bicha num bar. Eu ostentava, em suma, o equivalente a um 'anti-semitismo de cavalheiro'. (LAMPPIÃO, 1978, nº 5 p. 7)⁷⁸; Terror em Rodolfo Dantas, título da matéria sobre agressões a um rapaz de 20 poucos anos, lembrando que as vítimas corriqueiras dessas agressões, aparentemente sem motivo, são “os que se mostram mais descontraídos, ou seja, as amigas pintosas” (LAMPPIÃO, 1978, nº 6 p. 3)⁷⁹; “Eu sou um homem normal, sempre tive namorada. Bicha tem mais é que morrer” - declaração de um michê que assassinou, segundo averiguado pela reportagem, seu cliente preferido. (LAMPPIÃO, nº 6 p. 6)⁸⁰; No mais recente em que um soldado da PM, Del Dédio Martins, matou um antropólogo da Universidade Federal Fluminense, outro detalhe insólito: ele levou a vítima na mala do carro que esta dirigia quando o conheceu, para mostrar o cadáver a um amigo e fazer a este a confissão: "eu o matei porque ele me fez uma proposta indecorosa (ficou provado que Del Dédio cumpriu um longo roteiro de bares e becos escuros com o antropólogo, antes de matá-lo. (LAMPPIÃO, 1978, nº 6 p. 6)⁸¹.

Parafraçando *Lampião*: “os porta-vozes dessa sociedade, sejam eles os representantes da Igreja, da medicina, da lei ou de psicanálise, difundem a teoria que o homossexual é um ser antissocial, incapaz de organização, que se dedica apenas a corromper o espírito gregário do homem” (LAMPPIÃO, 1980 nº 20, p. 7). Assim como nos mostra Foucault, percebemos que esses setores sociais formaram, por muito tempo, discursos sobre a sexualidade, discursos esses que formam indivíduos, sujeitos classificados entre os saudáveis e doentes. A sociedade ocidental desenvolveu uma ciência da sexualidade, formada por dispositivos que, por sua vez, compõem uma complexa trama na formação dos sujeitos (FOUCAULT, 1996).

A disputa pela narrativa dos corpos dos homossexuais e a desconstrução de uma essência naturalista, biológica, pecaminosa, anormal e doente, é o início da construção da própria cultura e identidade homossexual. Tenha sido ela boa ou má para o movimento, a desconstrução foi de extrema importância para instrumentalizar os homossexuais, para libertá-los, ao menos um pouco, da visão preconceituosa auto introjetada a partir daqueles discursados sobre eles pelos diferentes saberes de poder.

⁷⁸ Coluna Ensaio, intitulada: “O vilão homossexual”, escrito por Norman Mailer e traduzido por Clóvis Marques.

⁷⁹ Coluna Esquina, intitulada: “Terror no Rodolfo Dantas”, escrito por autor não identificado.

⁸⁰ Coluna Reprotagem, intitulada: “Histórias tortuosas”, escrito por Aguinaldo Silva.

Consideramos, desse modo, que *Lampião* desafiava tais saberes – os amoladores das facas - que excluía e oprimiam os homossexuais no período analisado. Questionava a própria noção naturalizada a respeito da heterossexualidade. Possibilitou visões menos preconceituosas e estimulou outra autopercepção para esses indivíduos, apoiados em amplas discussões revisionistas de essencialíssimos sobre o masculino e feminino, hetero e homo, propostas pela História, Sociologia, Psicologia e por pensadoras feministas do período (PÈRET, 2012) (GREEN, 2000) e autores como o próprio Foucault (LAMPIÃO, 1978, nº3 p. 13) causam deslocamentos nessas categorias mencionadas.

Essas desconstruções levam a algumas problematizações importantes para a construção da identidade do homossexual que estava em (re)construção por diversos saberes do período, com a diferença de que agora o jornal também participava desses (re)construções, dando voz aos homossexuais, militantes ou não. No centro dessa discussão está a *bicha*, que é vista por uns como uma reprodução do machismo entre os homossexuais e por outros, como símbolo de resistência e necessário à desconstrução pejorativa atribuída ao termo. Tema do próximo capítulo.

⁸¹ Coluna Reportagem, intitulada: “Um homem beija Celso Curi e diz: “você vai morrer””, escrito por Celso Curi.

CAPÍTULO – 3

3.1 – *Bicha*, do insulto às desconstruções das masculinidades

Bicha, “viado”, *florzinha*, *sandália*, *mulherzinha*, entre tantos outros termos, são usados para ofender e agredir homossexuais há muito tempo na história do Brasil. Nos dias de hoje, embora com algumas rupturas, ainda é frequente a prática do insulto, utilizando-se desses termos. “*A injúria é um enunciado performativo: ela tem por função produzir efeitos e principalmente instituir, ou perpetuar, o corte entre os normais “e (...) [os] estigmatizados”* (ERIBON, 2008, p. 29). Nesse sentido, ao chamar um homossexual de *bicha*, o que se busca dizer é que o mesmo não é um ser normal e deve ser excluído do convívio social. Logo, os termos de injúria (*bicha*) são dispositivos formados pelos saberes médicos e jurídicos (FOUCAULT, 1986) – que viam os homossexuais como doentes ou criminosos –, que por sua vez reverberam nos discursos sociais (GREEN, 2000). Mas qual a origem do termo? Ele sempre foi pejorativo?

O termo *bicha* surge no Brasil na década de 1930 e o autor James Green levanta diversas hipóteses para a sua origem. Entre elas, a importação do termo em francês *biche*, devido à popularização do termo “viado”, usado para difamar os homossexuais. Então, como resposta, os homossexuais afeminados adotam esse termo francês, que significa corça, feminino de veado, como forma de deboche e ironia ao termo pejorativo “viado”. Outra possível interpretação da etimologia da palavra é mulher irritada, e no Nordeste é também sinônimo de prostituta (GREEN, 2000, p.145).

O que nos importa, no entanto, é a popularização do termo na década de 60 e 70 e suas transformações. O novo sentido dado à palavra pelos próprios homossexuais e a discussão em torno do termo, destacada nas matérias do jornal em análise. Por muito tempo, esse termo aponta para uma ideia gerada no imaginário popular brasileiro da existência de um binarismo homossexual (FRY, 1982).

Tais discursos, da primeira metade do século XX, reproduziam a ideia de que aqueles que se relacionam com o mesmo sexo só podiam refletir os papéis rígidos da heterossexualidade, essa relação binária, na qual o homem afeminado era o passivo/mulher e o mais masculino, o ativo/homem. Essa visão é difundida pelos saberes médicos, que consideravam tal comportamento um desvio que precisava ser estudado, analisado, controlado, separado dos saudáveis e normais heterossexuais, e curado (GREEN, 2000, p.137).

“*Mesmo havendo vivências homo afetivas que contradiziam esses saberes médicos*”, como destaca Green, os discursos médicos vão analisar os “*pederastas passivos*” e “*homens afeminados*”, em função da maior visibilidade desses sujeitos nos espaços públicos, que chamavam mais a atenção “*bem como sua vulnerabilidade ao assédio da polícia, a detenção e, por vezes, à pesquisa ‘científica’*” (GREEN, 2000, p. 238). Os próprios discursos e repressões por parte da polícia eram justificados pelos discursos médico-legais. A perseguição, violência e visão estereotipada e redutora (binária) da polícia fica clara nessas passagens publicadas no jornal:

Soube que vocês iam dar ênfase às cartas dos leitores, e tratei de escrever correndo, para ver se minha carta saía ainda no número zero. Eu queria me queixar contra os policiais que fazem rondas no local guei denominado "Buraco da Maísa", no Castelo, no Rio. É que eles não impedem as pessoas de entrar no "Buraco", até facilitam; depois que a gente está lá dentro é que eles aparecem, querendo dinheiro para não levar o pessoal preso. Será que vocês podiam fazer uma reportagem sobre isso? Jeniffer, Rio de Janeiro (LAMPIÃO, 1978, nº0, p.14).⁸²

Nesse trecho, podemos notar também a surpresa de um dos policiais quando descobre que um dos abordados, – e os motivos para a abordagem são seus trejeitos que denunciam sua homossexualidade, – é advogado e gay.

Um rapaz, cujos gestos funcionam como uma espécie de bandeira - trata-se de um homossexual -, informa que é advogado. Exibe a carterinha da Ordem, que os policiais examinam mais longamente. "Como é possível, um advogado", diz um deles, fazendo uma alusão direta ao comportamento sexual do rapaz (LAMPIÃO, 1978, nº0, p. 9).⁸³

Para Foucault, a polícia serve como aparato do Estado burguês para controlar as massas, para conter a população, separar, vigiar, conter aqueles que são considerados inaptos a viver em sociedade (FOUCAULT, 1986). Essa atitude policial, como dito acima, é reflexo dos saberes médico-legal, midiáticos e jurídicos.

Com o aval desses discursos, com as perseguições dos policiais, essa visão redutora, binária da vivência homossexual, é difundida e legitimada. Grande parte da sociedade enxerga na figura do homossexual um depravado, um doente, um degenerado, um corpo que deve ser

⁸² Sobre essa citação, ressaltamos que no documentário sobre o Jornal, lançado em agosto de 2016, um dos membros do jornal fala que algumas cartas eram feitas pelos próprios editores para discutir sobre determinada matéria que não teve a repercussão esperada ou um assunto que eles achassem que fosse melhor apresentar críticas, para mostrar outros lados sobre o tema da determinada matéria.

Nessa Carta, não nos parece que seja alguma provocação dos próprios autores do jornal, o que notamos é sim um tom de denúncia a abusos policiais em determinada área do Rio. Logo, pensamos que não se enquadra na afirmação feita no documentário.

⁸³ Coluna Reportagem, intitulado: “Cinema Iris: na última sessão, um filme de terror”, sem autor identificado.

controlado, curado, e se não houver mais opções, renegado à escória, ao gueto. Desse modo, termos como *bichas* ou “viados” são apenas mais um dentre as diversas formas de manter esse ser ‘anormal’ afastado do meio social. O conceito faz parte dos mecanismos de dispositivos da sexualidade que classificam os homossexuais como uma ameaça à ordem, ao controle, ao desenvolvimento social do Estado, que justificaria a necessidade das repressões policiais, das internações, dos trabalhos pouco valorizados e frequentemente ligados ao feminino (FOUCAULT, 1986, p. 244).

O termo bicha sofre mudanças desde seu surgimento, nasce como suposta resposta debochada ao termo “viado”, na década de 30, como foi dito, mas o *“emprego difundido da palavra bicha como rotulo depreciativo parece ter ocorrido apenas no início dos anos 60, quando começou a competir com viado como forma de insulto comum por parte de pessoas estranhas ao meio”*. Como afirma Green, talvez não seja possível descobrir a origem exata do termo, *mas “a possibilidade de que a palavra bicha tenha se desenvolvido dentro do próprio mundo de homens efeminados e prostitutas nos anos 30, amplia sua potência simbólica”* (GREEN, 2000, p.146).

Essa visão, depreciativa, pejorativa da bicha/afeminada, no entanto, começa a mudar nos anos sessenta, período em que esses discursos sofrem diversos abalos devido às mudanças culturais ocorridas no Brasil e no mundo. O movimento *hippie*, o desenvolvimento da pílula anticoncepcional, a chamada Revolução Sexual, maio de 68, ditadura, movimentos de resistência à ditadura, movimento feminista e gay na Europa e EUA, o aumento populacional nos grandes centros urbanos, a volta dos exilados, são alguns dos elementos que possibilitam o surgimento de discursos que contestam os saberes médicos, juristas e midiáticos sobre a homossexualidade (GREEN, 2000; MONTEIRO, 2000; PÉRET, 2012; RIBEIRO, 1990).

O jornal *Snob*, fundado em 1963, no Rio de Janeiro, nos dá indícios de que se desenhavam mudanças no tímido movimento homossexual. Esse jornal possibilitou um contato maior entre homossexuais, além de ser a mais representativa expressão da cultura homossexual no país naquele período (PÉRET, 2011, p. 20). Segundo esta autora, ele:

Mostra ainda, como os gays daquela época compreendiam e vivenciavam as identidades sexuais. Ao incorporar e reproduzir o estereótipo da relação macho fêmea, na qual bofe são os homens de ‘verdade’ (macho-ativo) e as ‘mariconas’ são os homossexuais efeminados (passivos), o jornal expõe a própria dificuldade de encontrar um vocabulário para lidar com o desejo homoerótico (PÉRET, 2012, p. 24).

Isso, porém, muda quando um dos membros adota o pseudônimo *Gato Preto* – diferente do uso comum de pseudônimos femininos – e começa a questionar a rigidez das

identidades de gênero binárias. *Gato Preto*, mesmo deixando o jornal em 1968, contribui para que esse adote uma postura mais politizada e interessada nas teorias de gênero desenvolvidas pelas feministas da Europa e dos EUA naquele momento (PÉRET, 2012, p. 25).

Snob encerra suas publicações em 1969 devido ao tenso clima político instalado pelo AI-5 no final de 1968. Porém, marca uma importante mudança na forma como os homossexuais passam a se ver; mudanças essas que se evidenciaram com mais maturidade política nas discussões do *Lampião da Esquina*.

Neste jornal, podemos ver uma tentativa de romper com os discursos médicos, legistas e midiáticos. A visão patológica e criminosa atribuída ao homossexual sofreu fortes críticas por parte dos editores de *Lampião*. Essa tentativa de desconstrução fica clara logo na primeira matéria do jornal, intitulada “*Saindo de Gueto*”:

Nossa resposta, no entanto, é esta: é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição (LAMPIÃO, 1978, nº 0, p. 2).

84

Pensando na genealogia traçada por Foucault, percebemos, então, certas permanências de discursos médico-legais e jurídicos que ainda buscam controlar esses corpos mais afeminados. O jornal procura questionar esses discursos, que os coloca em guetos, que os condicionam à escuridão, à não existência. O próprio nome *Lampião da Esquina* faz uma alusão a essa tentativa de iluminar esses espaços e sujeitos obscurecidos pelo Estado e por meio dos diversos discursos. A revista também destaca avanços nesta questão:

De repente começaram a surgir em São Paulo vários grupos de homossexuais discutindo seus problemas, encontrando-se para estudar ou se divertir e conquistando seu espaço. Só na aparência trata-se de algo inesperado; na verdade, essa eclosão indica que as condições estavam maduras para a manifestação de desejos, sentimentos e intenções antigos. Com isso, mais um grupo social marginalizado e espezinhado inicia uma participação mais integral na vida brasileira, busca sua identificação enquanto grupo (a partir de individualidades que o compõem) e vive um gratificante momento de solidariedade entre os que se encontram (LAMPIÃO, 1979, nº 20, p. 7).⁸⁵

Qual contexto histórico possibilitou esses questionamentos do jornal? Quais as discussões em torno do termo? Como contribuíram para a flexibilização da masculinidade? Segundo Peter Green, já havia condições para debates sobre a homossexualidade nas décadas de 50 e inícios da década de 60, mas esses foram refreados pela ditadura civil-militar

⁸⁴ Coluna Opinião, intitulada: “Saindo do gueto”, escrito pelo conselho editorial.

⁸⁵ Coluna Reportagem, intitulado: “Eles estão ousando dizer seu nome”, sem autor identificado.

(GREEN, 2000; PÉRET, 2012). Até o surgimento do *Lampião*, nenhum outro jornal, com o mesmo alcance, trouxera a discussão sobre o termo *bicha* à tona, e com visões tão diversas. Seguem alguns trechos que revelam as diversas posições sobre o uso do termo.

Como se pode ver, a homossexualidade não se mostra somente através de plumas, paetês, frescuras, hábitos ou atos que - como a maioria pensa - atentem contra a moral. É claro que a consciência coletiva de um grupo como Dignitty ou outros, religiosos ou não, de vários países e que pretendem a integração do homossexual na sociedade, depende de personalidades individuais e fatores culturais que, infelizmente nós ainda não temos - isto é, temos sim!, só que aquela que poderíamos chamar de "elite intelectual da homossexualidade brasileira" que não tem coragem de assumir publicamente a própria homossexualidade e muito menos de participar de manifestações como esta, sérias e reivindicadoras. Enquanto isso, vamos ficando com as sobras homossexuais do nosso subdesenvolvimento: os travestis Prostitutos de rua, as "bichas loucas", os "sapatões", os corruptores de menores, os maníacos sexuais dos mictórios, etc. "Reivindicações", dirão eles, "pra que?" Estão tão cômodos assim (LAMPPIÃO, 1978, nº1, p. 2).⁸⁶

Esse trecho, por exemplo, revela um posicionamento interessante do movimento. A princípio, ele contesta a ideia de que a homossexualidade possa ser resumida apenas na figura caricata das *bichas* envoltas em seus paetês e plumas. Outra questão é a cobrança em relação à elite homossexual que não se assume e assim permite que esse estereótipo continue sendo disseminado já que ao se assumir poderia demonstrar a diversidade do movimento, nesse caso, modo de se portar e a inserção dos homossexuais em diversos setores, como na "elite intelectual" do país. E, por fim, o trecho ressalta que "*sobra homossexual do subdesenvolvimento*": bichas loucas, sapatões, travestis.

Outra parte discute a relação, até então comum, entre a bicha e a característica negativa, nociva, única imagem possível com o homossexual, como aponta o trecho: "*mas porque o conceito de que entre homossexuais só se discute sexo ou, como no caso das "bichas" reunidas por aí, o mundo se reduz a paetês e plumas, é extremamente nocivo ao homossexualismo*" (LAMPPIÃO, nº 1 p.15). Ainda em relação a esta questão, vê-se em *Lampião* outro trecho de uma entrevista com um ex-membro do *Diz Croquette* que é importante para a nossa análise. Lennie é o entrevistado:

Mauricio Domingues (fotógrafo) - O que é que você acha da possibilidade de um surgimento da liberação homossexual no Brasil, como nos Estados Unidos? No mesmo estilo?

Lennie – Eu acho que no Brasil não vai ter movimento, nesse momento, porque a América do Norte é muito diferente da América

⁸⁶ Coluna Opinião, intitulado: "Nossas gaiolas comuns", escrito pela Maiza.

do Sul. Mas eu acho que alguma coisa vai acontecer, de qualquer maneira. Acho que as bichinhas aqui, hoje em dia, já estão se unindo. (Segue-se nova discussão sobre o termo bicha. Alguém lembra que “Não fomos nós que inventamos esse apelido”).

Todos intervêm. Mauricio fala sobre o equivalente norte-americano da palavra e diz' "Lá se alguém é chamado assim, pode processar quem o chamou”.

Lennie – Olha, essa questão, se alguém me perguntasse: "Lennie, você gostaria de ser mulher?" Minha resposta seria NÃO! Porque eu gosto do meu corpo como ele é, gosto do meu peito cabeludo, gosto de transar com outro homem igual a mim.

Chrysóstomo - Não é vantagem. Noventa por cento dos homossexuais são assim, pensam assim. Mas têm pelo menos dez por cento que gostaria de ser.

Lennie – Pobres bichinhas querendo ser mulher. Um horror (LAMPPIÃO, 1978, nº2, p. 7).⁸⁷

Aqui podemos notar já uma tentativa de esvaziar o termo *bicha* do seu sentido pejorativo, mas também uma resistência do entrevistado em se ver como bicha ou de classificar o termo, como fica evidente no trecho que destacamos. O entrevistado acredita que as bichas querem ser mulheres, o que demonstra confusão ainda sobre os termos no interior do próprio movimento, como frisado neste outro excerto:

Lampião respondeu em cheio (pelo menos isso ficou provado neste número de distribuição gratuita) às necessidades intelectuais deste grupo que a bichória chama de mariconas, ou seja, de nós homossexuais que somos homens normais, sem necessidade de pompas, visuais congestionados de artefatos de consumo e tiques ridículos (tão característicos à nocividade que é representada pela bicha de classe média, incapaz de se impor como gente, como pessoa). Espero que os números seguintes encham nossos olhos e corações de coisas boas, de realidade. [...] Mas, por favor, não se deixem envolver pelo emaranhado de teias e pelo brilho de paetês e miçangas das bichas inoperantes que estão (involuntariamente é claro) a serviço da Sociedade de Proteção ao Machismo, que também manipula o travesti, esboço bizarro da escrava doméstica e do objeto sexual que ainda é a mulher (LAMPPIÃO, 1978, nº 2, p. 14).⁸⁸

Claro que ser essa a única representação do homossexual é algo negativo, já que exclui a diversidade e possibilidade humana, mas as palavras ridículos, inoperantes demonstram mais uma vez o preconceito com esses indivíduos que usam seus brilhos, miçangas e plumas. Outra ideia é de que essas figuras estão a serviço do machismo, já que elas são as que ficam à

⁸⁷ Coluna Reportagem, intitulado: “Lennie Dale chega, assalta a geladeira e abre o verbo: - “Eu sou muito tihoso”, entrevista realizada pelo conselho editorial.

vista, são mais facilmente notadas em público e são associadas à única forma de vivência homossexual, reverberando assim os estereótipos (GREEN, 2000). Situação que é questionada neste excerto do *Lampião*:

Então, a coisa fica assim: um par homossexual tem um feminino (passivo, que gosta de frescuras) e outro masculino (ativo, viril, relaxado). Mas será que todos os homossexuais são presas tão fáceis de análogo de domínio e submissão? Ou então seria possível, até fácil, compreender que não se está mais brincando de papai e mamãe e sim, tentando viver sinceramente a dois - dois homens, onde ninguém é hipoteticamente mulher? (LAMPPIÃO, 1978, n° 3, p. 4).⁸⁹

A matéria acima traz a discussão sobre uma relação entre dois homens que vai além do senso binário pressuposto. “*Comigo era assim e eu sei que sempre acabava com uma incrível sensação de frustração, de oco por dentro. E outra coisa, eu era muito efeminado, sabia disto e não conseguia controlar esta manifestação de neurose. Agora não, o meu comportamento mudou por inteiro.*” (A. V.) (LAMPPIÃO, 1978, n° 3, p. 4).

Em uma das entrevistas sobre o porquê dos homossexuais supostamente não serem monogâmicos, o convidado diz que é por não serem amados, não terem aprendido a aceitar a relação entre pessoas do mesmo sexo como algo “natural”. Quando ele trabalha esta questão e passa a vê-la como algo normal, “perde” seus trejeitos afeminados. Mas não teria ele apenas tentado mudar o seu comportamento a fim de ser aceito em um meio onde os homossexuais não aceitavam as *bichas* mais afeminadas? R.C. assim analisa a questão:

Agora, se esse relacionamento é neurótico, em que a função de um é idêntica à do "marido machão" — e a do outro idêntica à da "mulher submissa", aí as coisas mudam de figura. Infelizmente, a maioria dos homossexuais têm a mesma concepção burguesa de casamento e busca no companheiro ou companheira o que o noivo ou noiva busca no casamento: a falsa estabilidade" (R.C). [...] Há uma relutância em todos os setores, inclusive por parte dos progressistas deste país, em colocar o homossexual como indivíduo normal que paga impostos e interage no processo social e político do Brasil. Sem a desmistificação da bicha artista não se pode deter a degradação do homossexual, que o torna mais um objeto de consumo, como a mulher, o índio ou negro folclóricos.:’ - (R.C.) (LAMPPIÃO, n° 3, 1978, p. 4).

O que se percebe é a preocupação do casal em não reproduzir os mesmos papéis binários dos casais heterossexuais, mas, ao fazer isso e apontar para a necessidade de desconstruir o estereótipo da *bicha artista*, acabam criando novos padrões, homogeneização e imposições de comportamento aos homossexuais, idealizados como discretos e masculinos.

⁸⁸ Sessão Cartas na mesa, intitulada: “Paulada na Bichória”, escrito pelo suposto leitor José Alcides Ferreira/Rio.

⁸⁹ Coluna Esquina, intitulada: “Nova história de mor”, escrito por Alexandre Ribondi.

Isso não impede o preconceito, apenas legitima a perseguição contra os afeminados e cria mais um gueto para eles no interior do próprio movimento homossexual.

Eles até merecem minha simpatia, pelo fato de ostensivamente assumirem a própria situação, arrastando os problemas daí decorrentes e, também, o meu respeito por forçarem os que não querem ver e admitir a existência do homossexualismo e, ainda, merecem a minha admiração, por rebelarem-se contra a rigidez dos padrões sexuais impostos pela casta dominante.

4 - Se, pelos motivos acima, tanto as bichas pintosas como os travestis credenciam-se ao meu apreço, há facetas do procedimento deles que, na minha opinião, são inconscientemente machistas e, portanto - sempre no meu entender, erradas. Quando o homossexual fala com voz de falsete, faz ademanos alambicados, dá gritinhos e requebra os quadris, ele, sem se dar conta, está, de um lado, imitando a mulher objeto-sexual, a mulher cidadão-de-segunda-classe, a mulher idealizada pelos machistas e, por outro lado - por deixar de aceitar sua orientação sexual com naturalidade (pois a efeminação é evidentemente artificial), acabasse a fornecer argumentos aos machistas, que se negam a admiti-lo como um homem comum, que usa sua sexualidade de forma não convencional. Além disso, a bicha pintosa é agressiva, agressividade que - diga-se de passagem - se compreende, pelas pressões que ela sofre, mas que não se justifica, em meu ponto de vista. Afinal, a velha história; dois erros não fazem um acerto (LAMPÍÃO, 1978, nº4 p. 9).⁹⁰

O trecho acima corrobora, mais uma vez, com a ideia da *bicha* ser uma manifestação do machismo, embora diga admirar esses indivíduos. Outros três excertos abaixo demonstram que: 1) o uso do termo não ajudará em nada na luta: “*Assim, aproveito para deixar minha crítica em relação aos portadores de frescurite e desmunhequices, as quais só ajudam a perpetuar essa imagem caricata dos homossexuais*” (LAMPÍÃO, 1979, nº 13, p. 18).⁹¹

Ainda na mesma matéria: 2) “*Não acredito que a aceitação de ser chamado "bicha" resolva alguma coisa, pois a aceitação talvez se deva a uma tentativa de acostumar os ouvidos a tal adjetivo ou pelo simples fato de gastá-lo rapidamente*” (LAMPÍÃO, 1979, nº 13, p. 18); 2) o uso do termo *bicha* tem duas faces e, mesmo que na tentativa de desconstruí-las, não consegue livrar-se do tom machista, assemelhando-se ao *Pasquim*: “*Palavras como sapatona e viado estão sendo usadas dentro de uma linguagem de comício que as torna não pejorativas, mas de duas faces, e de um acento machista, que lembra mais o "Pasquim"*” (LAMPÍÃO, 1980, nº 27, p. 8)⁹²; 3) Os preconceitos contra as *bichas* está inserido até mesmo nas cabeças ditas “mais avançadas”:

A coordenadora percebeu as falhas e, para tentar sanar esta última, perguntou o que eles achavam do homossexualismo. 'Tudo legal, cada

⁹⁰ Coluna Reportagem, intitulada: “Sobre tigres de papel”, escrito por João Antônio Mascarenhas.

⁹¹ Sessão Cartas na mesa, intitulado: “O colunista ladra”, escrito pelo leitor do jornal Marco Antônio/RJ.

⁹² Coluna Ensaio, “Mais tesão menos politicagem”, escrito por Francisco Bittencourt.

um tem o direito de estar na sua", foi o consenso também óbvio. Porém, um rapaz acrescentou: "Mas também a gente não precisa aceitar bicha louca, né?", deixando explícito nesta frase, que os níveis de preconceito podem ser sutis, variáveis, mesmo entre pessoas que se acreditam avançadinhas (LAMPPIÃO, 1980, n° 31, p. 14).⁹³

Mas não eram todos que pensavam que a *bicha* seria um aspecto negativo para o movimento homossexual; aliás, a maioria defendia o uso do termo como algo positivo e necessário.

O uso de tais palavras em *Lampião da Esquina*, na verdade, tem um propósito. O que nós pretendemos é resgatá-las do vocabulário machista para em seguida desmistificá-las. Vejam bem, até agora elas foram usadas como ofensa, serviram como o meio mais simples para mostrar a "separação" que existe entre o nosso mundo e o dos outros. Isso faz com que, temendo o peso de tais palavras, criemos outras igualmente mistificadoras, embora, para quem as adota, sem qualquer tom pejorativo: entendido, por exemplo: e até mesmo que empreguemos sutilmente termos de outro idioma, como é o caso de *gay* (*Lampião* bagunçou logo o coreto, traduzindo-a para *guei*, que significa absolutamente nada). [...] A primeira coisa a fazer, portanto, é perder o medo das palavras. O caminho para isso é usá-las: *bicha*, *bonecas*, etc. [...] Assim, acreditamos que estamos cumprindo nosso verdadeiro papel nesse jogo quando mostramos às pessoas que perdemos o medo. [...]. Nossa posição é oposta: se nos chamarem de *bichas*, respondemos que somos mais que isso — somos *trichas*. Mas... (E há sempre um *mas...* na vida de qualquer machão), aproveitaremos a ocasião para recolher do nosso vastíssimo arquivo ciosamente organizado pela fera Rafaela Mambaba, duas ou três coisas que sabemos – sobre o autor da ironia. Assim, por todas essas coisas, ficam os possíveis desafiados avisados: em matéria de imprensa, os jornalistas que fazem *lampião da Esquina* sempre adotaram a posição ativa, ativíssima (LAMPPIÃO, 1978, n° 3, p. 5).⁹⁴

Na passagem acima, por exemplo, *Lampião* apresenta sua intenção ao usar o termo, e é interessante ressaltar que não se calaram frente às provocações irônicas de outros autores – nesse caso uma referência a Ivan Lessa, do *O Pasquim*. Como estratégia, reagirão aos autores de tais matérias, tendo uma atitude ativa, contrária do que se esperava de um jornal de *bichas*, vistas pelo senso comum atrelado à passividade. Usar o termo *bicha* é usar a arma do inimigo a nosso favor, afirma o *Lampião*:

Mas o primeiro passo para a liberação, Norma, é aceitar a etiqueta. Porque a etiqueta é sempre colocada pra discriminar você. Então se você assume a etiqueta e diz "tudo bem, estamos aí", você desmoraliza a etiqueta e as pessoas bem pensantes já não podem mais dizer "000h!" Aguinaldo Silva.

⁹³ Coluna Ativismo, intitulada: "Convergindo: da Mesopotâmia a Richetti, escrito por Darcy Penteadó.

⁹⁴ Coluna Esquina, intitulada: "As palavras: para que temê-las?", escrito por Aguinaldo Silva.

JA - Pois é, A etiqueta é feita pra que você, com medo de ser etiquetado, se recolha à sua insignificância. Agora se você assume a etiqueta e dá risada, o que é que se pode fazer com você?

AC - Eu noto nesse meio em que a gente vive – de artistas, jornalistas, intelectuais - uma atitude quase generalizada de dizer que discutir sobre sexo é uma coisa antiga. Mas, meu Deus, será antigo, na medida em que a polícia está prendendo bichas na rua, na medida em que as pessoas ficam indignadas quando alguém diz que é homossexual, na medida em que há gente sendo despedida do emprego por causa de sua preferência sexual? Mas que coisa antiga é esta? (LAMPPIÃO, 1978, nº 3, p. 9).⁹⁵

Nessa parte da entrevista de Norma Bengell⁹⁶, fala-se da importância em usar o termo de modo bem-humorado e descontraído, esvaziando o sentido depreciativo. Também se destaca que o assunto é de extrema importância, já que em um país onde homossexuais morrem por terem trejeitos afeminados, o assunto é de extrema relevância para o movimento. O uso do humor será recorrente no jornal como estratégia de desconstrução do sentido pejorativo do termo, como é o caso da coluna Bixórdia, que surge a partir da 5ª edição. Na definição do que seria Bixórdia, *Lampião* define:

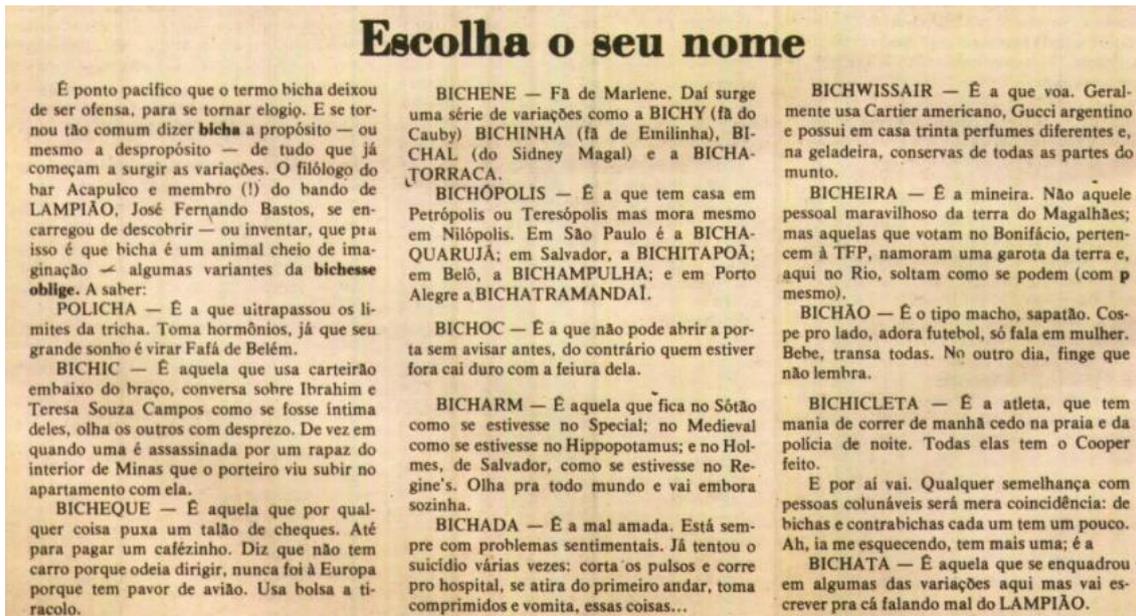
Está no dicionário de Mestra Mambaba: BIXÓRDIA, s.f; em machês, palavra originária de bicha, s. i. (substantivo indefinido), somada a mixórdia, s.f mistura, bagunça. Representação do que é livre, auto permitido. Tudo é sério, nada é triste. Paradoxo vivo (finíssimo, adorei) em que se misturam viados, bichas, perobos, tias, sobrinhas, primas, entendidos, gueis, transadores, mariconas, paneleiros, frescos, frutas e xibungos. Vale tudo, né queridinhas? (LAMPPIÃO, 1979, nº 5, p. 12).⁹⁷

Nessa imagem abaixo, vemos logo na primeira frase que o termo deixa de ser uma injúria para tornar-se um elogio, além dos diversos derivados da palavra para designar a diversidade dentro do mundo homossexual.

⁹⁵ Coluna Reportagem, intitulada: “Norma Bengell (apaixonada, furiosa, terna, intrigada): “Eu não quero morrer muda””, escrito pelo conselho editorial.

⁹⁶ “A entrevista tinha um ponto de partida: o problema surgido entre a atriz e odiretor Daniel Filho, que culminou com o afastamento de Norma da novela *Dancin' Days* da TV Globo (LAMPPIÃO, nº 3, p. 9)”. Foi Atriz (1935-2013), cineasta, produtora, cantora, compositora e uma das maiores musas do cinema nacional nas décadas de 1950, 1960 e 1970.

⁹⁷ Coluna Bixórdia, intitulado: “O que vem a ser bixórdia?”, sem autor identificado.



(Imagem 22, Ano 1979) #PraCegoVer

Em outro trecho, novamente vemos que *Lampião* incentiva o uso do termo e suas possíveis variações:

Sempre com a intenção de enriquecer a língua e de dar um sentido mais amplo "às palavras da tribo", como queria o poeta Mallarmé, leitores de todos os quadrantes enviam-nos as novas palavras inventadas pelo povo e colocadas em circulação para elogiar, incentivar ou instigar o bicharoco (taí um bom coletivo para bicha). Aqui estão elas:

- Bichoquete - bichinha da moda, que usa soquete e sandália de plástico.
- Bichanhaca - bicha com CC, toulcourt.
- Bichoteca - bichona de discoteca.
- Bichonha - bicha má, que segrega peçonha.
- Bichão - bicha "valet de Chambre" de sapatão.
- Bicubo - bicha ao cubo (não confundir com tricha), dessas bem serelepes e fagueiras, que já de manhãzinha estão fazendo compras no supermercado para que nada falte em seu ninho de amor (LAMPIÃO, 1978, n° 7, p. 12).⁹⁸

Um dos diversos motivos pelos quais *Lampião* busca desconstruir essa visão negativa das bichas/afeminadas está relacionado também à dificuldade que esses indivíduos encontram no espaço profissional, já que seus trejeitos acabam por limitá-los a trabalhos relacionados ao universo feminino ou trabalhos pouco valorizados.

⁹⁸ Coluna Bixórdia, intitulado "Escolha seu nome, II", sem autor identificado.

Depois, tem aquele velho clichê: bicha tem que ser cabeleireiro, costureiro, maquiador, ou então fazer parte dos trabalhos intelectuais _artistas plásticos, escritores, jornalistas - ou estar infalivelmente ligado ao meio teatral, seja ator ou simples bilheteiro. Na verdade, o homossexual busca essas atividades por instinto de sobrevivência. Como são, na sua maioria, seres de grande sensibilidade e inteligência, geralmente com talento invejável, "enclausuram-se" nessas espécies de guetos profissionais onde as aptas habilidades são aceitas com razoável grau de liberdade. Mesmo porque esse tipo de trabalho reforça a imagem de marginalidade - tratam-se de "atividades não produtivas", de acordo com os padrões vigentes - que a sociedade faz questão de atribuir à condição do homossexual. Ah, mas existem muitos executivos bichas, dirão alguns. É claro que existem, está cheio. Mas desafio a que me apontem um executivo que tenha perdido o emprego sem dar uma tremenda disfarçada nas suas características pessoais (LAMPIÃO, nº 9, 1979, p. 3).

Essa dificuldade também fica clara em outro trecho:

Da vida, diz Djaima, eu só não aceito o ramerrão." E por ter essa concepção que ele tem levado tanta paulada. Exemplo: logo que se formou em Artes Plásticas, foi lecionar numa cidadezinha do interior do Rio Grande, São Lourenço do Sul. Os alunos o "adoravam", mas os pais, logo que descobriram que o professor era, além de negro, bicha, começaram a atacá-lo de todas as maneiras (LAMPIÃO, nº10, 1979, p. 7).

Além desses dois excertos, outros tantos em *Lampião* demonstram a dificuldade dos homossexuais assumidos ou descobertos em encontrar emprego e aqueles que têm trejeitos não tem nem chances.

Diante do que foi apresentado até aqui, podemos ver as divergências sobre o uso do termo e a busca pela sua desconstrução. Essa discussão transpassa questões básicas, como a dificuldade de arrumar emprego ou de se inserir em espaços estritamente heterossexuais.

No depoimento abaixo é evidenciada uma estratégia muito usada por homossexuais assumidos que ocupam, ou ocuparam alguma carreira de destaque social:

Sou estudante da Faculdade de Medicina de Vassouras e atualmente estou cursando o 1º ano. Como homossexual honrado e assumido (até certo ponto) que sou, sempre lutei, na medida do meu possível, para levar as pessoas à verdadeira imagem do povo guei. Nunca escondi minha condição, sem, contudo, precisar ser "pintosa" para me assumir, nem sair falando para todo mundo de mim. Deixo apenas que as pessoas me notem como sou, sutilmente, impondo, sobretudo, respeito para com a minha pessoa. Ainda mais pelo fato de ser estudante de Medicina é inadmissível que eu mantenha uma conduta indecorosa, pois dando uma de "bicha louca" só iria comprometer minha carreira futura. Vocês não concordam? Sendo assim, agradeço vocês do LAMPIÃO pelo excelente trabalho que vêm exercendo em prol de nossa valorização. Até que enfim surgiu um jornal consciente e bem elaborado, sem futilidade, para divulgação de nossos ideais. Parabéns! Pela maneira clara, aberta e informal com que vocês expõem seus

trabalhos, retratando a realidade como ela é, sem mascará-la (LAMPÍÃO, 1979, nº 8, p. 15).⁹⁹

O objetivo é o de se camuflar e infiltrar-se no sistema para, gradativamente, conquistar respeito e modificar a percepção sobre os homossexuais e, à sua maneira, “militar” por esta causa, embora, para ele, seja “difícil”, “incompreensível” entender a luta e a importância das “bichas” na desconstrução da masculinidade vigente. Aspecto ao qual o jornal se dedica com insistência, seja opondo-se às aceções gerais ou veiculadas por outros jornais, como visto em uma carta publicada em *O Pasquim*, quatro meses antes da primeira edição do *Lampião*:

Lamentável mais uma vez o tema “homossexualismo” ser abordado sobre um mesmo prisma pseudo-vanguardista, mas trazendo em seu bojo ranços e preconceitos machistas e pequeno burguês. (...) classificando terminologias, homossexual masculino, dentro de um conceito real e verdadeiro (e não estereotipado), é todo homem, com características masculinas que sentem atração física e afetiva por outros homens com características também masculinas. Essa realidade (...) existem homossexuais afrescalhados, abichalhados e afeminados. Mas não são os verdadeiros homossexuais. (O PASQUIM, 1978, nº 444, p. 2).

O debate sobre a questão coloca-se já no número 1 do *Lampião*, com a afirmação de um de seus colunistas: “*Reconheço ser a bicha atual um estágio necessário para se atingir um tipo ideal de homossexual conscientizado de sua verdadeira realidade sexual*” (LAMPÍÃO, 1978, nº 1, p. 4)¹⁰⁰. Bem como com o excerto publicado no número 11, de 1979:

A situação é esta: ou se faz o papel de bicha louca inofensiva e posta no seu lugar, ou tenta-se lutar pela vida de igual para igual, mesmo não negando a condição de homossexual. No primeiro caso, até é bom usar uma máscara de palhaço de vez em quando e contar mil e uma piadas, de preferência sempre pichando as bichas. No segundo caso, aí a coisa pega e quem gosta de ter amigos de todos os matizes, é bom ir mudando de ideia e ir se isolando, ou se restringir apenas a amizade no meio entendido. Por isso não condeno esses falsos héteros que andam por aí curtindo mil mulheres que ninguém vê, difícil assumir e tentar conviver pacificamente com o resto, e por vezes se torna mais fácil usar uma máscara por cima. Por outro lado, assumir e não ter condições de luta, pode resultar numa situação como a do meu amigo, o qual suicidou-se por não entender que existe intolerância e uma hipocrisia tão cretinas mesmo na época em que vivemos (LAMPÍÃO, 1979, nº 11, p. 2).¹⁰¹

Ou seja, por meio dessas passagens citadas acima, *Lampião* dedica-se a construir um discurso em que as “bichas loucas” não são essa reprodução do olhar machista: a futilidade e

⁹⁹ Sessão Cartas na mesa, intitulada: “A toda lá estudantina...”, escrito pelo leitor C.A.A. – Vassouras, estado do RJ.

¹⁰⁰ Coluna Reportagem, intitulada: “Os caubois, seus clientes: todos querem ser felizes no triângulo da badalação”, escrito por Antônio Chrysóstomo.

¹⁰¹ Coluna Esquina, intitulada: “Um alerta – um aviso”, escrito por Carlos A. P. Silva.

a frescura atribuídas à mulher e, por extensão, aos homossexuais. Essa visão caricata não seria uma forma passiva das *bichas* aderirem a essa objetivação da mulher, mas, pelo contrário, um símbolo, um ato de resistência, de luta. (GREEN, 2000). Resistência porque ferem e agridem a sociedade revelando que um homem não está preso a apenas uma manifestação do masculino. Que ao abandonar a postura masculina vigente e abrir mão dos privilégios adquiridos com esta performance, quando não se adota, põe em xeque a figura do macho. Relativiza o masculino, tira dele a importância e o poder de homem, já que, mesmo assim o sendo, prefere adotar trejeitos femininos, em uma afronta à padronização do masculino (MONTEIRO, 2000, p. 15).

Isso demonstra que o termo estava em pauta e que *Lampião* trabalhava por sua desmistificação, desconstrução e valorização como resistência simbólica, embora houvesse divergências sobre ele no interior do próprio movimento homossexual.

Como considera Green, ser *bicha* é também ser homem, nem melhor e nem pior que outros homens ou homossexuais; isso abre espaço para que os próprios heterossexuais enxerguem sua masculinidade de outra forma, não tão rígida e reprimida, e possibilita outras maneiras de vivenciar o corpo. O perigo da desconstrução do termo está relacionado com a própria construção do macho heterossexual:

A imagem da bicha como um homossexual desmunhecado, efeminado tornou-se o elemento de contraste que confirmava a masculinidade do macho heterossexual brasileiro. A transgressão, realizada pela bicha, das demarcações de gênero e ambiguidade de um comportamento feminino num corpo masculino também provocam a ansiedade masculina e despertam o medo de que o feminino no “outro” também pudesse estar nele próprio. [...] imagens da bicha, viado, pederasta e homossexual tornam-se elementos fundamentais para estruturar as definições culturais da masculinidade e do gênero no Brasil (GREEN, 2000, p. 146-147).

O jornal mostra essa intenção quando usa o termo para expressar ousadia, coragem, e isso fica claro nos títulos usados nas matérias. Por exemplo, deste do nº 2 “*Bicha atrevida pede a palavra*”, no qual a palavra *bicha* é usada tanto para se dirigir a um amigo, a alguém atrevido ou a um insubordinado.

O que se percebe com essas mudanças é que os homossexuais passam a discursar sua própria condição. Ao questionar esses sujeitos afeminados e o termo *bicha*, a eles atribuído, os editores de *Lampião* contribuem para que seus leitores homossexuais ou heterossexuais passem a pensar sobre a complexidade da sexualidade e como a vivência homossexual é

muito mais rica do que aquela construída pelos discursos médicos nas décadas anteriores. Segundo Monteiro, este novo sentido do termo é importante para ampliar a percepção entre os homossexuais, mas, principalmente, por provocar uma mudança estrutural relacionada às representações do gênero masculino e feminino (MONTEIRO, 2000, p. 33).

No sentido estruturalista, podemos imaginar as representações de gênero como sistemas, onde todos os elementos (masculino e feminino, por exemplo) se relacionam entre si. Qualquer deslocamento de um elemento causa o deslocamento de todos os outros. Na medida em que surgem novos sujeitos discursivos na sociedade, como é o caso da mulher feminista e do gay, a masculinidade genérica perde necessariamente seu status anterior e se vê obrigada a se representar em relação a esses novos elementos (MONTEIRO, 2000, p.15).

Como mencionado por Foucault, essa tentativa de controle dos corpos e das subjetividades dos homossexuais está relacionada às tentativas de controle da ordem social por diversas instâncias e instituições. O controle do corpo social não se limita aos homossexuais, mas abrange a todos tidos como uma ameaça ao *status quo* social:

Não há um corpo na República. Em compensação, é o corpo da sociedade que se torna, no decorrer do século XIX, o novo princípio. É este corpo que será preciso proteger, de um modo quase médico: em lugar dos rituais, através dos quais se restaurava a integridade do corpo do monarca, serão aplicadas receitas, terapêuticos como eliminação dos doentes, o controle dos contagiosos, a exclusão dos delinquentes. A eliminação pelo suplício é, assim, substituída por métodos de assepsia: criminologia, a eugenia, a exclusão dos degenerados (FOUCAULT, 1986, p.145).

Lampião, ao propor novas possibilidades de compreender o termo, causa uma fissura nos discursos e transforma o modo de heterossexuais e homossexuais lidarem com seus corpos e subjetividades. Porém, discursos que são contrários às discussões de *Lampião* não desapareceram, muito pelo contrário, estão em constante disputa, em debate, lutas e conflitos:

Sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apegam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito (FOUCAULT, 1986, p.22).

De modo geral, as transformações sociais, como a volta dos exilados e suas vivências no exterior, assim como seu contato com os movimentos feministas e gays de lá (PÉRET, 2012), o processo de urbanização e a possibilidade de convivência com outros homossexuais nos centros urbanos (GREEN,2000, p.254/255) possibilitam que os homossexuais, antes objetos dos discursos médicos, troquem experiências e, aos poucos, revejam conceitos sobre sua sexualidade baseados em uma nova ética e moral sobre si. Como o caso do *Gato Preto*, do

Snop, outros homossexuais passam a questionar o padrão binário das vivências de gênero. *Lampião* é a concretização dessas trocas de vivências entre os homossexuais, e suas ideias são uma fonte rica de reflexão para os homossexuais a respeito de suas próprias experiências e de seu espaço social.

Logo, *Lampião* e seus discursos disseminam saberes e vivências sobre os homossexuais que disputam com outros discursos vigentes, criando jogos de verdades, valores, regras, práticas:

designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pela qual eles obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores; o estudo desse aspecto da moral deve determinar de que maneira, e com que margens de variação ou de transgressão, os indivíduos ou os grupos se conduzem em referência a um sistema prescritivo que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles têm uma consciência mais ou menos clara (FOUCAULT, 1984, p. 25).

Ambos os discursos, aqueles mais conservadores, de cunho médico ou religioso, ou o do *Lampião*, não se encerram com o fim do periódico, mas se transformam com tempo. Um novo embate se dá com a descoberta da AIDS e a patologização do homossexual.

Enquanto *Lampião* lutava, no final da década de 1970, pela desconstrução da imagem da homossexualidade como algo anormal, alimentada pelos discursos médicos, no início da década de 1980, com o surgimento da AIDS, a doença é atrelada ao homossexual e novamente o discurso médico e os programas de prevenção do INPS¹⁰² contribuem para a construção da imagem do homossexual como um ser promíscuo, cuja depravação seria a responsável pela disseminação da doença e uma ameaça à sociedade. Para Pelúcio e Miskolci.

Desde o início da década de 1980, com a emergência da epidemia de AIDS, assistimos a mudanças sociais profundas que configuraram novos comportamentos em uma clara ênfase epidemiológica na saúde pública e nos discursos sobre a sexualidade. A epidemia permitiu o reforço da norma heterossexual que servira como modelo para patologizar as sexualidades dissidentes desde fins do século XIX. Assim, nas últimas três décadas, o dispositivo da AIDS revelou-se

¹⁰² “Período em que o Ministério da Saúde estava voltado para a vigilância sanitária orientada para o controle de endemias, enquanto ocorria a concentração dos serviços hospitalares em grandes centros. A criação do INPS, em 1966, configurou uma medida de racionalização administrativa sem alterar a tendência do período anterior de expansão dos serviços, em particular, da assistência médica e da cobertura previdenciária. A função de capitalização, até então, atribuição da previdência social, passou para outros mecanismos de poupança compulsória, como FGTS, PIS e Papep. Dessa forma, centralizada e unificada no INPS, a previdência passou a ter função assistencial e redistributiva, ainda que esta estivesse limitada ao contingente de trabalhadores com carteira assinada” (SOUZA, 2003).

eficiente na conformação dos antigos prazeres perversos em formas moldadas por padrões heterossexuais (PELÚCIO; MISKOLCI, 2009).

Esses embates transformam-se, disputam lugares, regridem, deslocam-se com o tempo. Isso revela a constante luta dos diversos grupos sociais sobre o discurso do corpo, nesse caso o do homossexual. Percebe-se, deste modo, como os significados construídos sobre o masculino, o feminino, o hetero e homossexual estão em constante deslocamento no decorrer da história (MONTEIRO, 2000).

Além disso, as discussões do termo representam uma negociação entre os homossexuais e as masculinidades do período. Uma parte do movimento que acusava as *bichas de* serem uma representação do machismo, e argumentavam para a necessidade de uma masculinização dos homossexuais, reproduziam o preconceito e negociavam a sua aceitação com as masculinidades hegemônicas (CONNELL, 2013). Mas essa opinião não era de todo o movimento homossexual.

A desconstrução do termo *bicha* é uma das características que dão base para o desenvolvimento futuro da teoria *queer* por pensadoras do Norte. Queer significa: estranho, esquisito e os teóricos dessa teoria ressignificam seu termo quando utilizam para dar nome à teoria e ao movimento (SPAGO, 2017).

3.2 – Teóricos(as) *queer* e os lampiônicos

Nesse período de mudanças, *Lampião* nasce como um veículo de formação e conscientização do homossexual contra os grilhões impostos pela sociedade. O jornal terá forte ligação com os grupos de homossexuais e lésbicas que compunham o movimento homossexual do período (FACCHINI, 2003; GREEN, 2000).

Lampião ajuda na organização do primeiro encontro homossexual, que ocorre no sindicato dos jornalistas (FACCHINI, 2003).

No dia 16 de dezembro, um domingo glorioso, que começou com muito sol e acabou com reino, chuva e trovoadas, aconteceu no Rio de Janeiro um fato inédito e certamente de fundamental importância para os homossexuais de todo o País. Realizou-se na sede da Associação Brasileira de Imprensa - por vários motivos parte da consciência viva brasileira, entre eles o de ser um marco da nossa arquitetura moderna e o de santuário da liberdade de expressão - o primeiro encontro de homossexuais militantes, com a presença de 60 pessoas procedentes de São Paulo, Guarulhos, Sorocaba, Brasília, Belo Horizonte, Caxias e Rio. [...] Com isso estão seguindo o caminho de outras minorias oprimidas. Saímos assim da idade da inocência para entrar na idade

adulta, e acredito que os debates da ABI tenham sido a marca dessa maioria (LAMPÍÃO, 1980, n° 20 p. 7).¹⁰³

Embora haja grande empolgação por parte dos participantes, a difícil tarefa de formar um movimento homossexual e suas políticas e caminhos possíveis, era extremamente desgastante. Esses desgastes, opiniões e posicionamentos diferentes vão contribuir para uma fragmentação do movimento. As divergências ficam latentes nesse primeiro encontro, como mostra o trecho abaixo:

1º Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (I EGHO), realizado nos dois dias anteriores, caracterizou-se por um grau de disputa de poder realmente chocante, em se tratando de um movimento tão novo. Os grupos pareciam mais capelas fechadas. As divergências, necessárias e benéficas, lamentavelmente ampliaram-se como numa caixa de ressonância, graças a maneira tradicional de conduzi-las visando ganhar posições, ao ponto das diferenças (que eu acho geralmente menores, na medida em que o movimento mal se estruturou) transformaram-se em furiosas disputas estudantis - com manobras, conchavos e xingos. Se não, vejamos: houve disputas e agressões entre cidades, entre regiões, entre grupos de uma mesma cidade, entre partidos políticos rivais que estavam ali representados (LAMPÍÃO, 1980, n° 24 , p. 5).¹⁰⁴

Percebemos que em um curto espaço de tempo, um ano e alguns meses, o movimento já enfrenta o que seria um dos maiores desafios teóricos das pensadoras feministas pós-estruturalistas e teóricas “*queer*”, quando se depara com as divergências das especificidades de cada grupo: o Encontro destaca as singularidades das lésbicas, as questões sobre racismo, classe social, posições partidárias, ideológicas e regionais, que compõem esse caldeirão de diferenças dentro do movimento. Essa charge demonstra bem esse desafio de coesão, quando de forma metafórica, associa a briga e “insultos” dentro de um apartamento, referindo-se aos movimentos: negros, feministas, lésbicos, operário, travesti, prostitutas e bichas ressaltando a ideia de reivindicações específicas por cada grupo:

¹⁰³ Coluna Ativismo, intitulada: “Rio, o encontro nacional do povo guei”, escrito por Francisco Bittencourt.

¹⁰⁴ Coluna Ativismo, intitulada: “Encontros e brigas de vários graus”, escrito pela Leila Miccolis.



(Imagem 23, Ano 1979) #PraCegoVer

Embora houvesse essas discussões e o grupo acabasse fragmentado em grupos menores de acordo com suas especificidades, o movimento homossexual brasileiro consegue, naquele momento, tratar e articular outras questões além de gênero e sexualidade, que permearão a construção das identidades, como nacionalidade, cor, classe social, como indicado no excerto abaixo; questões essas tratadas pelas feministas pós-estruturalistas e pensadoras “*queer*” (PELÚCIO, 2012).

Sem nenhuma falsa modéstia, isso resultava de um posicionamento inovador que os grupos homossexuais organizados vêm propondo com teimosia invejável. Sem dúvida somos hoje no Brasil os maiores entusiastas de um encontro entre os vários setores discriminados de nossa sociedade. Além de ratificar nosso desejo de autonomia, essa tem sido nossa contribuição mais original para uma prática política fora dos manuais. E isso tudo, em apenas dois anos de atividades, significa um enorme avanço. Basta lembrar que os americanos, em muitos anos de luta, poucas vezes conseguiram juntar forças tão díspares num objetivo comum (LAMPIÃO, 1980, nº 24 p. 5)¹⁰⁵ Grifo nosso.

Outra questão que permeava as discussões do movimento era a participação política partidária, ou não, e a assimilação ao sistema ou a resistência a ele, permanecendo na marginalidade. Essa questão, que também compõe as ideias das pensadoras “*queer*” (PELÚCIO, 2012), ficam evidentes na citação abaixo:

¹⁰⁵ Coluna Ativismo, intitulada: “Encontros e brigas de vários graus”, escrito pela Leila Miccolis.

Um movimento homossexual realmente autônomo estaria buscando contrapor-se ao antiquado estilo de agremiação partidária que nos é apresentado como única alternativa de participação política de esquerda. [...]O que seria estar contra o poder? [...] as novas formas de práxis e questionamento começarão pela discussão das velhas formas políticas presentes dentro de nossas cabeças, tão velhas quanto às de nossos pais, ancestrais. Elas são formadas dentro dos mesmos padrões de competição, normalidade e conquistas, típicos de uma civilização assentada sobre o falo, o Patriarca. Nossa política é patriarcal, vale dizer, estruturada sobre o culto ao Herói, ao Líder, ao Santo, à Normalidade — contrapondo-se ao que seria então a Mentira, o Demônio, o Bandido, o Dissidente. [...] Ora, se consideramos que somos os hereges da ordem consagrada, conclui-se que dessa maneira estamos apenas transformando nossas heresias em novos dogmas, em nova ortodoxia, e utilizando os modelos de opressão sofrida por nós, para continuar oprimindo. Lembro o exemplo americano: as bichas de San Francisco expulsaram os negros e chicanos dos seus bairros que se tornaram chiques, com aluguéis proibitivos. Só evitaremos reproduzir o gesto do opressor se nossa práxis deixar de lado um ativismo que, por ser mecânico e compulsivo, acaba sendo conformista (LAMPÍÃO, 1980, nº 25 p. 9).¹⁰⁶

Nesse trecho, percebemos a preocupação em buscar formas novas de fazer política para evitar a reprodução da repressão, como é citado no caso norte-americano. Nesses outros dois excertos tirados da mesma matéria, podemos vislumbrar melhor a crítica a uma política considerada tradicional:

A melhor maneira de afirmar nosso direito ao prazer é fazendo boa cama, contra a chatice de nossos discursos militantes. Não poderia ser essa uma das nossas contribuições, em termos de práxis política? Uma forma subversora e herética, na medida em que estaremos misturando elementos desconcertantes e criando misturas novas? Subverter: colocar no lugar "errado" as coisas certas, evitando a recuperação ideológica da cama. Pois a cama tem um mistério que é exatamente aquela característica das linguagens não-discursivas: Por ser imprevisível. Ela tem uma linguagem não-codificável, a ser abraçada mais do que decifrada. De tal modo que os manuais de política dificilmente conseguirão peneirar esse recanto onde as individualidades se cruzam melhor, sem justificativas nem receitas. Ao relativizar dessa maneira o poder, estaremos contribuindo para destruir esquemas patriarcais substanciados na busca compulsiva da disciplina, da normalidade, do científico. E como relativizar o poder? Com a afirmação de nossa "anormalidade", ambigüidade, criatividade. Com nosso rechaço aos CENTROS decisórios onde se concentra o poder. É que nossa significação se encontra mesmo na margem. Por isso, nada é maior e prioritário para nós. Preferimos o menor, o individual, o infinitamente específico: só atingiremos o todo se partirmos da partícula menor, a mais individualizada, onde a espécie está se refletindo, criando raízes (não é mesmo, Emanuel?). Isso eu chamo de POLÍTICA MENOR (LAMPÍÃO, 1980, nº 25, p. 9).

¹⁰⁶ Coluna Ativismo, intitulada: "Por uma política menor: bichas e lésbicas inauguram a utopia", escrita por João Silvério Trevisn.

Ideias reforçadas no excerto seguinte:

A única maneira de garantir nossa subversão e impossibilitar essa recuperação é ser cada vez mais viado e sapatona, portanto mais malditos e menos cobiçáveis por todas as formas de poder (ordem), do tipo partidos, publicidade, família, mídia. Quanto mais aprofundarmos nossas diferenças com a normalidade instituída (a sociedade heterossexual compulsória), tanto mais difícil será nos digerir. E tanto maior será nossa capacidade-de virar a mesa (LAMPÍÃO, 1980, nº 25 p. 9).

Além de elementos similares ao movimento das teóricas “*queer*” atual, esses extratos nos possibilitam ver as formas de estratégias, lutas e caminhos trilhados pelo movimento e suas contribuições para a formulação de críticas as construções de movimentos engessados, inclusive para as próprias esquerdas que acreditavam terem a receita para a política, resistência e revolução. Vemos uma proposta mais individualista, não no sentido liberal, mas sim na valorização das subjetividades dissidentes e possíveis resistências às assimilações do sistema e às cooptações.

Outra questão é o uso do termo heterossexualidade compulsória, que faz parte da compreensão de mundo das pensadoras “*queer*”, no qual a heterossexualidade é uma construção discursiva em oposição à homossexualidade (LOURO, 2001).

A respeito da construção da heterossexualidade, considera-se em *Lampião*:

Não se deve esquecer que alguns dos nossos maiores cientistas, artistas, advogados e até primeiros ministros foram e são heterossexuais. De qualquer forma, todas essas pessoas apresentando um comportamento heterossexual têm certas características comuns de personalidade. Têm dificuldade de conciliar impulsos condicionados e agressivos, e há grande tendência de se tornarem estereotipados em seu papel específico; qualquer ameaça a esse papel lhes causará óbvia angústia e poderá até empurrá-los para a violência física. Como bem demonstra a frequência de estupros e as surras na “esposa”, a heterossexualidade masculina pode muitas vezes se expressar como hostilidade para as mulheres (LAMPÍÃO, 1978, nº7 p. 2).¹⁰⁷

Nesse excerto da matéria intitulada: “*Heterossexualidade: perversão ou doença?*” notamos um tom irônico e debochado quando se invertem os papéis e substitui-se a análise dos comportamentos considerados doentios e perversos da homossexualidade pelos da heterossexualidade. Outro ponto interessante é a constatação da violência gerada pela insegurança e ansiedade quando a masculinidade é colocada em xeque (MONTEIRO, 2000), como faz o Jornal ao indicar a hostilidade e violência vividas por muitas mulheres em seus relacionamentos heterossexuais.

¹⁰⁷ Coluna Esquina, intitulada: “Shere Hite: machismo às avessas”, escrito por Francisco Bittencourt.

É importante observar que mesmo havendo rachas e cisões no interior do movimento, como atestado no próprio *Lampião da Esquina* (nº 32, p. 15¹⁰⁸. Relato sobre como o grupo SOMOS/RJ tenta tirar membros que representavam o jornal no *IIº Encontro de Grupos Homossexuais Organizados*),— os grupos e movimentos não paravam de surgir em diversos estados e espaços antes tidos como estritamente heterossexuais. Criam-se grupos organizados de torcidas homossexuais de futebol (LAMPPIÃO, 1980, nº 23, p. 4)¹⁰⁹; as travestis e as questões gays passam a se difundirem nos teatros: “Ao conseguirem se organizar em grupos teatrais, os travestis estão vencendo antigos e profundos preconceitos que não lhes permitem aparecer na televisão (LAMPPIÃO, 1980, nº 23, p. 4)” e diversos estados passam a ter grupos de homossexuais e lésbicas organizados: “Em Recife ou mais propriamente em Olinda quis conhecer dois núcleos de ativismo homossexual: o grupo GATHO e o “VIVENCIAL DIVERSIONES” (LAMPPIÃO, 1981, nº 33, p. 3)¹¹⁰”.

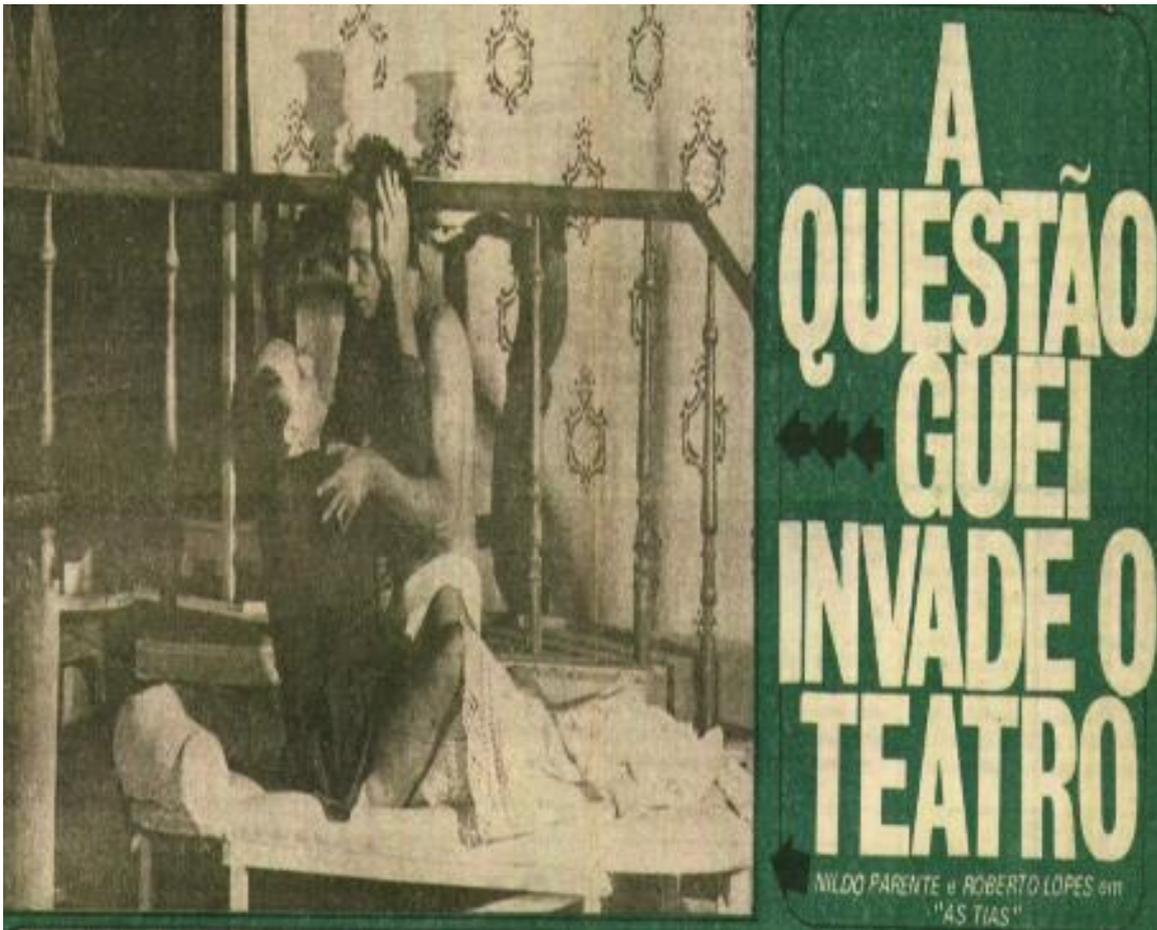


(Imagem nº 24, Ano 1980) #PraCegoVer

¹⁰⁸ Coluna Ativismo, intitulada: “Na reunião dos grupos, os reflexos da crise”, autor não identificado.

¹⁰⁹ Coluna Esquina, intitulada: “Deus nos livre do “boom gay””, escrito por Francisco Bittencourt.

¹¹⁰ Coluna Ativismo, intitulada: “Veredas tropicais”, escrito por Darcy Penteado.



(Imagem nº 25, Ano 1981) #PraCegoVer

Essas imagens e trechos comprovam que mesmo com as cisões, o movimento crescia e se tornava múltiplo. No *Lampião* nº 37, p. 2¹¹¹, em resposta a uma carta, o jornal lista uma diversidade de atividades que estavam em andamento, desde festas, palestras em Universidades (diversos estados), lançamentos de livros sobre homossexualidade, entre tantas outras coisas.

Outra questão é a crítica ou análise realizada pelo jornal a movimentos homossexuais de outros países, como o caso do “Gay macho” do E.U.A, fortemente criticado e de um grupo Italiano que ao militar em um partido de esquerda, muitas vezes precisou ‘esquecer’ a luta específica em prol da lutar “maior” (LAMPPIÃO, 1980, nº 26, p. 2)¹¹². Ainda, sobre um festival organizado em Amsterdan pelo grupo homossexual *Flikkers* (bichas vermelhas), cujo objetivo era mostrar as pesquisas em torno da questão homossexual, enaltecida no livro por eles lançado *"A Homossexualidade e a Invenção do Automóvel"* (LAMPPIÃO, 1980, nº 25 p.

¹¹¹ Sessão Cartas na mesa, intitulada: “Estamos aí”, autor não identificado.

¹¹² Coluna Opinião, intitulada: “Bichinhas sonhando com o poder”, escrito por Darcy Penteadó.

10)¹¹³, sugere que a homossexualidade, assim como o automóvel são construções de determinado período histórico, sendo assim, passíveis a análises equivocadas.

Essas passagens e matérias demonstram a tentativa de construção de uma luta e de um movimento no qual se pense as especificidades do Brasil, como realizado posteriormente por pensadoras pós-coloniais e “*queer*”. Na entrevista de Gabeira – ex exilado, que voltou para o Brasil no final de 1979 – a preocupação com nossas particularidades fica evidente:

Exatamente. Quer dizer, se nós vamos desenvolver estas lutas no Brasil, tanto ao nível da ecologia quanto ao nível das mulheres, dos homossexuais, das minorias étnicas, etc., a gente tem que encontrar exatamente o que é de brasileiro nessa luta, o que é de específico na nossa luta. Esta questão dos homossexuais pobres: ela nunca se apresentaria, por exemplo, para os homossexuais suecos. No Brasil, no entanto, ela é o dia-a-dia, é "café-com-pão" da nossa convivência nas cadeias: de um lado, violência interna nas prisões, do outro lado a violência da polícia sobre os homossexuais, e por último, a passividade das pessoas, uma certa sensação de que é assim e sempre foi assim, a ausência de escândalo (LAMPIÃO, 1979, nº18 p. 8).¹¹⁴ Grifo nosso.

Outra discussão do Jornal é a respeito do conceito de minorias, questionado por pensadoras da teoria “*queer*”:

própria palavra "minorias" mereceu contestação enquanto definição aplicada aos grupos discriminados, pois já carrega em si uma idéia (sic) de coisa secundária, não-representativa, menos importante. Mesmo porque o critério quantitativo é discutível: as mulheres, por ex., compõem mais de 50% da humanidade. Depois, as classificações à base de uma mera enumeração estatística podem resultar insuficientes e inexatas: negro é apenas o preto retinto ou os vários tons de mulato? Se a homossexualidade se caracteriza socialmente por sua invisibilidade, como saber quantos homossexuais existem no Brasil? Acima de tudo, quem consagra as definições são os donos do poder; os brancos, machos e heterossexuais naturalmente tenderão a defender-se, chamando a si mesmos de maioria. E, como no sonho democrático acaba-se criando a ditadura da maioria, associa-se sempre o majoritário ao normal. Daí ser feia a negritude, doentia a homossexualidade, bárbara as culturas indígenas e burras as mulheres (LAMPIÃO, 1979, nº 10, p. 10)¹¹⁵.

E, por último, *Lampião* também trata sobre os travestis e transexuais, tentando analisá-los. Apresentaremos apenas os questionamentos levantados pelo jornal a respeito dos transexuais:

¹¹³ Coluna ativismo, intitulada: “Por uma política menor: bichas e lésbicas inauguram a utopia”, escrita por João Silvério Trevisan.

¹¹⁴ Coluna Entrevista, intitulada: “FERNANDO GABEIRA FALA, AQUI E AGORA, DIRETAMENTE DOS ANOS 80”, escrito pelo conselho editorial.

¹¹⁵ Coluna Reportagem, intitulada: “Quem tem medo das minorias?”, escrita pelo João Silvério Trevisan.

Assim, é preciso ver, primeiro, o que deu origem a este processo. Não foi uma queixa da suposta vítima. Valdir Nogueira, que, agora como Valdirene, foi ao tribunal e disse ao juiz que o Dr. Farina, ao fazer a operação, lhe deu uma nova vida. A operação foi realizada em 1971, no Hospital Oswaldo Cruz, em São Paulo, e só alguns anos depois que o promotor Messias Piva decidiu denunciar o médico, sob alegação de que este ofendeu a integridade física do paciente, “uma vez que daquele ato cirúrgico resultou para o ofendido perda irreparável dos órgãos sexuais e inutilização de suas respectivas funções” (LAMPPIÃO, 1978, nº 5, p. 5).¹¹⁶

A matéria trata também sobre o caráter moral do julgamento, tendo em vista uma declaração do promotor após vencer a causa, de que as famílias poderiam ficar tranquilas caso houvesse em casa um caso deste e, que não precisariam lidar com a mutilação desse indivíduo “problemático”:

O julgamento do Dr. Farina foi, portanto, um julgamento moral; tanto que, ao aplaudir a decisão do juiz, o promotor Piva acrescentou ao que já havia dito antes que "esta decisão tem grande alcance social, porque vem, sobretudo, tranqüilizar a família brasileira: poderá esta se ver obrigada a enfrentar, no lar, alguém com problema semelhante ao paciente do caso em exame; entretanto, jamais estará obrigada a ter que suportá-lo na condição de mutilado" (LAMPPIÃO, 1978, nº 5, p. 5).

A definição de transexual dada pelo jornal é interessante: “*Mas então qual a diferença entre transexual e travesti? Cuca, principalmente cuca!*” (LAMPPIÃO, 1978, nº 5, p. 5).

Essas discussões apresentadas estão alinhadas com as(os) pensadoras(es) feministas pós-estruturalistas e as teóricas “*queer*” que formularam suas ideias anos depois e chegaram ao Brasil na década de 1990.

Na breve vida do *Lampião*, podemos vislumbrar uma produção literária muito rica e intensa sobre sexualidade, gênero, política, lutas etc. Mesmo que o jornal tenha sido composto por homens, cis gênero, brancos de classe média alta – o que denuncia as estruturas racistas, classistas, machistas e homofóbicas do Brasil – suas reflexões são uma herança para o movimento LGBTQI+ atual e indicam caminhos e formas de resistência em relação às exclusões e violências. Segundo Monteiro, as reflexões e reivindicações postas naquele momento insidiram na própria transformação da masculinidade (MONTEIRO, 2000).

Lampião ainda vive, mesmo após 38 anos após a sua última publicação. Essas divergências apresentadas no movimento, acusações e dissidências são resultado, reflexo de um universo plural e diverso dos grupos homossexuais. Situação que demonstra a não universalidade e dificulta os discursos homogeneizadores de controlarem o movimento ou de

¹¹⁶ Coluna Esquina, intitulada: “Transexualismo: um julgamento moral”, escrito por Aguinaldo Silva.

guiá-lo ao caminho “certo”. Essa diversidade de opiniões possibilita-nos identificar reflexões, posicionamentos e ações variadas de oposição ao poder vigente no contexto brasileiro da década de 1970.

À guisa de conclusão, afirma o próprio *Lampião*:

Desmistificar a hegemonia transformadora do proletariado significa quebrar os limites e colocar como agentes de transformação também os loucos, os velhos, as crianças, a luta ecológica, os índios, os negros, os homossexuais, as mulheres, as putas - enfim, todos aqueles blocos de especificidades que caminham contra a corrente. Isso irá dificultar as formas hegemônicas, o controle do poder por uns poucos. Pois é mais fácil controlar uma classe revolucionária do que centralizar dezenas de blocos de transformação e apossar-se de tantas definições divergentes (LAMPPIÃO, 1980, n° 25, p. 9).¹¹⁷

¹¹⁷ Coluna Ativismo, intitulada: “Por uma política menor: bichas e lésbicas inauguram a utopia”, escrita por João Silvério Trevisan.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lampião, embora tenha se esforçado para diminuir o preconceito sobre os homossexuais ao ignorar o projeto de sociedade neoliberal que se formava na década de setenta ou negociar com ele, usa dele para adquirir status de sujeito. Contribuiu com suas reivindicações e ataques ao machismo, ao patriarcado e questionou as masculinidades para que elas fossem reconstruídas e flexibilizadas.

O jornal é um marco histórico para o movimento homossexual. Influenciou debates, denunciou preconceitos. A intelectualidade homossexual saiu “do armário” e decidiu discutir os aspectos políticos presentes nas questões relacionadas à homossexualidade. *Lampião* foi o veículo usado para tal. Ao tratar do movimento homossexual daquele período, o jornal é uma referência que não pode deixar de ser citada. A masculinidade hegemônica não foi extinta ou fragilizada, mas sim adotou características feminilizadas; como resultado do movimento, os homens tornaram-se mais preocupados com a estética, metrossexuais, sem, no entanto, deixar de ter acesso e domínio do poder nas hierarquias de gênero.

O movimento tem sua importância e *Lampião* nos mostra a diversidade dentro dele, a heterogeneidade, sua composição múltipla e diversa. As estratégias de combate aos preconceitos, de possibilidade de existência frente às violências evidenciam os desafios que foram enfrentados, mesmo não havendo uma coesão no movimento.

Além dessas questões, a transformação cultural e a influência em diversos grupos levaram a uma (re)educação dos comportamentos e da forma de conceber a homossexualidade, o que proporcionou uma mudança na compreensão das sexualidades dissidentes. Compõe, assim, junto e graças ao movimento feminista, a base para crítica de visões limitadas sobre sexo, gênero e identidades masculinas, femininas e homossexuais.

Mesmo sabendo dos caminhos tomados pelo movimento, muitos malogrados pelo neoliberalismo, destacamos que essas questões não eram ignoradas por ele, mas intensamente discutidas, o que gerou sua fragmentação. A diversidade em seu interior, as diferenças étnicas, de classe, idade e ideologia, provocaram cisões e embora suas pautas tenham sido cooptadas pelo capitalismo, o avanço em diferentes frentes pode ser percebido. Variadas possibilidades dentro do mercado de trabalho se abriram, outros grupos como os das prostitutas, travestis e transexuais puderam trazer suas reivindicações, estudos foram formulados, espaços dentro de cargos públicos ocupados, leis conquistadas. Tudo isso em meio ao turbilhão das disputas pela narrativa desses corpos dados pelos diferentes saberes: médicos, religiosos, midiáticos, econômicos (neoliberal), políticos, jurídicos, psicológicos.

Não se pode negar que ainda há um longo caminho pela frente, mas também não se pode afirmar que o movimento homossexual esteja desarticulado ou alienado nos espaços dessas disputas.

BIBLIOGRAFIA

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luis Antero Reto e Augusto pinheiro. Editora Universitaires de France, 1977.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo II: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. Difusão Européia do Livro, São Paulo. Copyright by Librairie Gallimard, Paris. 1967.

BRECHT, B. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: ELO Editora, 1982.

BRESSER-PEREIRA, L, C. PARADOXO DA ESQUERDA NO BRASIL. In: **NOVOS ESTUDOS**, CEBRAP, 74, março 2006.

CARMO, C. M de. Grupos minoritários, grupos vulneráveis e o problema da (in)tolerância: uma relação linguístico-discursiva e ideológica entre o desrespeito e a manifestação do ódio no contexto brasileiro. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil**, n. 64, p. 201-223, ago. 2016.

CARDOSO, C. F. S. **Uma introdução à História**. 5º ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

CARDOSO, C. F. S; VAINFAS, R. “História e Análise de Textos”. In: CARDOSO, C. F. S; VAINFAS, R (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, J. M. de. **Cidadania no Brasil. O longo Caminho**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CONNELL, R. W; MESSERSCHMIDT, J. W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013.

CONNELL, R. W. **Políticas da Masculinidades**. Educação e realidade. 20(2); 185 – 206, jul/dez. 1995

COUTO, E. S. **Transexualidade: o Corpo em Mutação**. Salvador: GGB, 1999.

DE LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2005.

DE LUCA, T. R. de; MARTINS, A. L. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Tradução de Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FACCHINI, R. **Movimento Homossexual no Brasil: Reconstituindo um Histórico**. AEL, v.10, n.18/19, 2003.

FEITOSA, L. C. Gênero e sexualidade no mundo romano, **História: Questões & Debates**. Curitiba, n. 48/49, p. 119-135, 2008.

FERNÁNDEZ, E. Cómo conjugar universalidad de los derechos y diversidad cultural? **Persona y Derecho**, nº 49. 2003, p. 393-444.

FLAX, J. Pós-Modernismo e Relações de Gênero na Teoria Feminista. In: **Pós-Modernismo e política**. Org. Heloísa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro. Ed. Rocco, 1991.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, versão de Lígia Vanalo/ Petrópolis, Vozes, Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1972, 260p.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª ed. São Paulo/ Brasil: Edição Loyola, 1996.

<https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1867820/mod_resource/content/1/FOUCAULT%20Miche%20-%20A%20ordem%20do%20discurso.pdf>

FOUCAULT, M.. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940534/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf>

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2; o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado, 6ª ed. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1986.

FOUCAULT, M. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. Tradução Eduardo Brandão. - São Paulo: Martin, Fontes. 2001. - (Coleção tópicos)

<https://monoskop.org/images/6/62/Foucault_Michel_Os_anormais.pdf>

FRY, P. **Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira**. Zahar Editoras, Rio de Janeiro, 1982.

GOMES, J. C.; ZANAIDE, M. de N. A TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO SOCIAL PELO RECONHECIMENTO DA CIDADANIA LGBT. In: **Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v.8, n.1, 2019.

GREEN, J. N. Além do Carnaval. **A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

JUNQUEIRA, R. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, R. (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas**

escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LIMA, M. A. A. **Breve histórico da imprensa homossexual no Brasil.** BOCC (biblioteca on-line da ciências da comunicação). 2001. Acessado em 17/12/2019, disponível em <www.bocc.ubi.pt>.

LOURO, G. L. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001.

LÖWY, M. **A guerra dos deuses.** Petrópolis: Vozes, 2000.

MONTEIRO, M. **Tenha Piedade dos Homens! Masculinidade em Mudança.** Juiz de Fora: FEME, 2000.

MARIUSSO, V. H. S. Gomes. **Homossexualidade e Religião na Mídia do Brasil (1978 – 1981).** Paralellus, Recife. 2013.

MISKOLCI, R. A Teoria *Queere* a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

NARVAZ, M. G; Koller, S. H. **Metodologias Feministas e Estudos de gênero: Articulando Pesquisa, Clínica e Política.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

PASSOS, L. S. E. Invisibilidade homoafetiva nos meios de comunicação: um olhar sobre a heteronormatividade nas propagandas de outdoor no Dia dos Namorados. **Anais do Colóquio Nacional de Estudos de Gênero e História**, Paraná, p. 251-256, 2012.

PEDRO, J. M. Narrativas fundadoras do feminismo. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 26, nº 52, p. 249-272 - 2006.

PELÚCIO, L. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós colonialismo, feminismo e teoria queer. In: **Contemporâneo: Dossiê Saberes Subalternos.** V. 2, nº 2 p. 395-418. Jul. -Dez. 2012.

PELÚCIO, L. “Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil?”. **Revista Acadêmica Periódicus**, v. 1, no. 1. 2014.

PELUCIO, L; MUSKOLCI, R. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes, Sexualidad, Salud y Sociedad. **Revista Latinoamericana**, n.1 - 2009 - pp.125-157/ <www.sexualidadsaludysociedad.org> (CONFERIR – O ENDEREÇO NÃO CORRESPONDE AO Nº)

PÈRET, F. **Imprensa Gay no Brasil.** PubliFolha, 1ª Ed. Janeiro de 2012.

PETER, M. **Pós-estruturalismo e a filosofia da diferença**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PINO, N. P. OS DISCURSOS SOBRE AVIOLÊNCIA NOS PROGRAMAS DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Dissertação de Mestrado. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS-UFSCar. 2011.<<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/9080/DissNPP.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>.

PRANDI, R; SANTOS, R. W. dos. Quem tem medo da bancada evangélica? In: **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 29, n. 2, p. 187-214. Agosto, 2017.

RAGO, M. EPISTEMOLOGIA FEMINISTA, GÊNERO E HISTÓRIA. In: **MASCULINO, FEMININO, PLURAL**. Pedro, Joana; Grossi, Miriam (orgs.). Florianópolis: Ed. Mulheres,1998

RIBEIRO, P. R. M. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

SAFFIOTI, H. I. B. **A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade**. Petrópolis, Vozes, 1976.

SILVA, T. T. **Da Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** /Tomaz Thdeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SODRÉ, M. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Org.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

SCOTT, J. **Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica**. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

SOUZA, R. R. O sistema público de saúde brasileiro. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL – TENDÊNCIAS E DESAFIOS DOS SISTEMAS DE SAÚDE NAS AMÉRICAS**, ago. 2002, São Paulo. Anais eletrônicos... Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

SPARGO, T. **Foucault e a Teoria Queer**. Tradução: Heci Regina Candiani. Autêntica Editora, 20 de julho de 2017.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

DOCUMENTO

Disponível em <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em 09 fev. 2019.

- LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 0, Abril de 1978.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 1, Maio de 1978.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 2, Junho de 1978.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 3, Julho de 1978.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 4, Agosto de 1978.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 5, Setembro de 1978.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 6, Outubro de 1978.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 7, Novembro de 1978.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 8, Dezembro de 1978.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 9, Janeiro de 1979.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 10, Fevereiro de 1979.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 12, Abril de 1979.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 13, Maio de 1979.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 14, Junho de 1979.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 15, Agosto de 1979.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 16, Setembro de 1979.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 18, Outubro de 1979.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 20, Dezembro de 1979.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 21, Janeiro de 1980.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 23, Março de 1980.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 24, Abril de 1980.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 25, Maio de 1980.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 26, Junho de 1980.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 27, Agosto de 1980.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 30, Novembro de 1980.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 31, Dezembro de 1980.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 32, Janeiro de 1981.
LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 37, Junho de 1981.

Disponível no Museu Ferroviário de Bauru:

O PASQUIM. Rio de Janeiro. n° 444, 1978, p. 2

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - (Lampião n° 1, p. 8)

Imagem 2 - (Lampião n° 0, p. 1)

Imagem 3 - (Lampião, n° 6, p. 10)

Imagem 4 - (Lampião, n° 10, p. 14)

Imagem 5 - (Lampião n° 4, p. 9); (Lampião n° 5, pág. 14); (Lampião n° 18, p. 18); (Lampião n° 19, p. 18); (Lampião n° 20, p. 18); (Lampião n° 21, p. 18); (Lampião n° 22, p. 18); (Lampião n° 23, p. 18)

Imagem 6 - (Lampião n° 25, p. 18); (Lampião n° 26, p. 16)

Imagem 7 - (Lampião n° 27, p. 18); (Lampião n° 28, p. 18); (Lampião n° 29, p. 18); (Lampião n° 30, p. 19); (Lampião n° 31, p. 16)

Imagem 8 - (Lampião n° 32, p. 13); (Lampião n° 33, p. 9); (Lampião n° 34, p. 9); (Lampião n° 35, p. 8); (Lampião n° 36, p. 5); (Lampião n° 37, p. 12)

Imagem 9 - (Lampião n° 5, p. 13); (Lampião n° 6, p. 14); (Lampião n° 7, p. 14); (Lampião, n° 8, p. 14); (Lampião n° 9, p. 14); (Lampião n° 10, p. 14); (Lampião n° 11, p. 18); (Lampião n° 12, p. 18); (Lampião n° 13, p. 18)

Imagem 10 - (Lampião n° 25, p. 14); (Lampião n° 27, p. 18); (Lampião n° 28, p. 19)

Imagem 11 - (Lampião n° 30, p. 12); (Lampião n° 31, p. 16); (Lampião n° 32, p. 8); (Lampião n° 33, p. 8); (Lampião n° 34, p. 16); (Lampião n° 35, p. 19); (Lampião n° 36, p. 19)

Imagem 12 - (Lampião n° 28, p. 9)

Imagem 13 - (Lampião n° 10, p. 14); (Lampião n° 11, p. 18); (Lampião n° 12, p. 18); (Lampião n° 13, p. 18); (Lampião n° 14, p. 18); (Lampião n° 16, p. 18); (Lampião n° 17, p. 19); (Lampião n° 18, p. 18); (Lampião n° 19, p. 18); (Lampião n° 20, p. 18); (Lampião n° 23, p. 18); (Lampião n° 24, p. 11); (Lampião n° 25, p. 18); (Lampião n° 26, p. 16); (Lampião n° 27, p. 18); (Lampião n° 28, p. 19); (Lampião n° 29, p. 18); (Lampião n° 30, p. 18); (Lampião n° 31, p. 16); (Lampião n° 32, p. 8); (Lampião n° 33, p. 8)

Imagem 14 - (Lampião Edição n° 2 p. 3); (Lampião n° 3, p. 3); (Lampião n° 4, p. 3); (Lampião n° 5, p. 3); (Lampião n° 6, p. 3); (Lampião n° 7, p. 3); (Lampião n° 8, p. 3); (Lampião n° 9, p. 3); (Lampião n° 10, p. 3)

Imagem 15 - (Lampião n° 34, p. 4); (Lampião n° 36, p. 13); (Lampião n° 37, p. 18)

Imagem 16 - (Lampião nº6, p. 14); (lampião 7, p. 14); (lampião n 8, p. 14); (lampião n 9, p. 14); (lampião n 10, p. 14); (lampião n 11, p. 18); (lampião n 12, p. 18); (lampião n 13, p. 18);(Lampião nº 19, p. 9);(Lampião nº 20, p. 17);(Lampião nº 21, p. 18);(lampião nº 22, p. 18);(Lampião nº 23, p. 18);(Lampião nº 27, p. 18);(Lampião nº 28, p. 18);(Lampião nº29, p. 18);(Lampião nº30, p. 18);(Lampião nº 31, p. 16);(Lampião nº 32, p. 8);

Imagem 17 - (Lampião nº 24, p. 4)

Imagem 18 - (Lampião nº 34, p. 9)

Imagem 19 - (Lampião nº 28, p. 6); (lampião nº29, p. 10)

Imagem 20 - (Lampião nº 33, p. 17); (Lampião nº34, pág. 16); (Lampião nº 35, p. 18)

Imagem 21 - (Lampião nº 37, p. 6)

Imagem 22 - (Lampião nº 6, p. 9)

Imagem 23 - (Lampião nº 6, p. 9)

Imagem 24 - (Lampião nº 22, p. 11)

Imagem 25 - (Lampião nº 25, p. 3)

Imagem 26 – (Lampião nº 37, p.1)